Este é um convite para Construções. Para o livro e para a vida. Porque escrever é um exercício de construir os próprios pensamentos e de encontrar palavras que comuniquem e contenham algo da experiência emocional viva; esta, essencialmente, não verbal. Assim, como na vida e na sessão analítica, ao pensar sobre a escrita psicanalítica, deparo-me com o problema de como criar condições para que comunicações ocorram e sejam alcançadas. O que posso dizer sobre o meu escrever? Tenho experiências suficientes para recorrer, intimamente, que me permitam lançar um olhar sobre isso? Em primeiro lugar, o óbvio: o meu texto precisa ser meu.

Não consigo escrever um texto que não venha de minhas vivências, inquietações, desafios, investigações psicanalíticas.

Também precisa se parecer com meu modo de fazer psicanálise, seguindo a observação da experiência. A teorização, como na clínica, vem num segundo momento. Todo texto é uma Confidência.

Denise Zanin

ABC
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CANDIDATOS
DE INSTITUTOS E GRUPOS DE ESTUDOS FILIADOS À IPA

CONSTRUÇÕES VI

O ESTRANHO NA FORMAÇÃO: CONFIDÊNCIAS

Construções VI

O Estranho na formação: confidências

ABC – Psicanálise

Contruções VI

A temática "O Estranho na formação: confidências" surgiu em uma reunião da diretoria quando conversávamos sobre a construção do livro.

Com intuito de dialogar com a temática do XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise, "O Estranho – Inconfidências", e com um contexto histórico de dificuldade de ter trabalhos dos candidatos para a publicação do livro, optamos por desmistificar o pavor diante da escrita e propor que todos pudessem, "apenas", confidenciar seus estranhamentos no processo da formação psicanalítica.

Cecília Cruvinel

Mais que palavras, o testemunho escrito expande: nós, nosso pensamento, nossa clínica e nossa formação. Uma palavra vale por mil imagens; emoções e sensações. É o pensamento temporariamente capturado nas mãos do escritor.

Muito além do ouro, um texto é um baú repleto do outro, e de si.

Cláudia Antonelli

Construções VI

O Estranho na formação: confidências

Organizadora
Cecília Cruvinel

ABC, Belo Horizonte, 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C765

Construções VI – O estranho na formação: confidências / organizadora: Cecília Cruvinel; coorganizadores: Alexandre Pantoja e Silvana Marta Santos Torres – 1. ed. – Belo Horizonte: Associação Brasileira de Candidatos , 2019.
240 p. ; 23 cm.

Vários autores.
ISBN 978-85-64963-03-0

1. Psicanálise - Coletânea 2. Formação Psicanalítica. I. Cecília Cruvinel. II. Alexandre Pantoja III. Silvana Marta Santos Torres IV. Título. V. Vários autores.

CDD 150.195.89 7
CDU 159.964.2

Tatiane Rodrigues Klein Borba
Bibliotecária - CRB-8 nº7775

Construções VI
O Estranho na formação: confidências

Organizadora: Cecília Cruvinel
Coorganizadores: Alexandre Pantoja e Silvana Marta Santos Torres
Colaboração especial: Evelyn Pryzant

Diretoria
Cecília Cruvinel (Presidente)
Alexandre Pantoja (Vice-presidente)
Adriana Silveira de Souza (Diretora de comunicação)
Silvana Marta Santos Torres (Diretora de sede)
Renata Guimarães (Primeira secretária)
Márcia Padilla (Segunda secretária)
Denise Alencar (Tesoureira)

Conselheiros
Bruna da Cunha Fernandes (SBPdePA)
Carlos Eduardo Teixeira de Souza (SPRJ)
Helder Pinheiro (SPFOR)
Jane do Carmo Moura Fabian (GEPG)
Luciano Bonfante (SBPRP)

Ilustrações da capa e miolo: Alisson Prazeres
Produção gráfica: Mireille Bellelis | Bellelis Comunicação
Impressão: Lis Gráfica

Sumário

Editorial

Cecília Cruvinel 7

Apresentação

Alexandre Pantoja (Vice-presidente) 12

Adriana Silveira (Diretora de comunicação) 15

Silvana Torres (Diretora de sede) 18

Renata Guimarães (Primeira secretária) 22

Márcia Padilla (Segunda secretária) 24

Denise Alencar (Tesoureira) 26

Edna Pires Guerra Tôrres (SBPMG) 29

Anette Blaya Luz (Febrapsi) 31

Confidências

O estranho, o estrangeiro, a mente | Cláudia Cristina Antonelli 35

Da poltrona ao divã | Valéria Silveira, Pelotas 47

Interações entre a escrita clínica e a escuta psicanalítica no contato com o Estranho | Luzia de Souza Patusco 55

Algumas reflexões sobre as "estranhas" eleições presidenciais de 2018 | Monique Ribeiro de Assis 63

Estranho, mas nem tanto | Joana Cahu Domingues 71

Confidências no *setting* | Mário Tregnago Barcellos 81

A estranheza do acaso | Maria de Jesus Varjal de Mello Mações 95

Sonhos | Geraldo Jorge Barbosa de Moura 105

Um estranho entre nós | Juliana Lang Lima 115

Formação nas entranhas | Angela Kaline Mazer 123

Olhar (in)confidenciável | Estela Marisa M. R. Comparin,
Manoela G. M. B. Gonçalves e Maria Hilda F. M. Borges 129

Andorinha no fio | Cláudia Maria Gomes de Freitas 137

Etna, turbulências e quietudes | Jane do Carmo Moura Fabian 145

A estranha anatomia da alma do analista | Juliana B. F. Zamboneti 165

Metade da fala no chão | Luciane M. Fioravanti Morais 173

A supervisão oficial no *setting* e na mente do analista
em formação | Débora Berger Bandini 181

O estranho na escrita

O estranho ato de escrever em psicanálise | Ignácio A. Paim Filho 189

Convite à escrita | Depoimentos 197

Mãos dadas

O estranho na formação da identidade | Jane Fabian e Nilce C. Costa 207

Inquietante formação | Helder Pinheiro 211

Encontro Regional da ABC – Sudeste I | Ana Lúcia dos Santos 215

Regional ABC Sudeste II Rio/Minas | Carlos Eduardo T. de Souza 218

O candidato em ação | Bruna da Cunha Fernandes 222

ABC escuta: o que fala a voz dos candidatos brasileiros? | Cecília Cruvinel 225

Aprendendo com minha experiência de pertencimento | Ximena Palabé 229

Os significados de uma organização internacional | Leonardo S. Araújo 233

Homenagem aos pareceristas 239

Editorial

Ser presidente de uma diretoria qualquer já não é tarefa fácil e de uma diretoria ligada à psicanálise, muito menos. Uma vez que representa todos os candidatos brasileiros, hoje me parece ser uma das maiores responsabilidades no processo de formação psicanalítica. Digo hoje, pois essa consciência me toma muito mais agora do que antes.

Vou confidenciar a vocês, leitores, o que a participação institucional fez por mim: salvou minha formação. Sempre muito desconfiada e questionadora tive (e tenho) grandes impasses com a psicanálise. Entendi que para poder questionar devemos saber bem do que estamos falando. Meu envolvimento com a SBPMG, sociedade na qual faço formação, sempre foi intenso. Também foi muito movido pelo afeto e intenso carinho que sempre rondou minha Sociedade e seus integrantes. No entanto, meu processo de estudo e dedicação à formação, foi atravessado por várias questões pessoais, e, junto a tantos questionamentos sobre a psicanálise, quase desisti. Foi por uma reviravolta, do contato e acolhimento profundo em minha análise e com a possibilidade de ampliar o olhar sobre as questões psicanalíticas através do quarto-eixo, é que pude de fato iniciar, verdadeiramente, minha formação. Conhecer colegas de todo Brasil e do mundo, novos olhares sobre a psicanálise, novas perspectivas e novos diálogos foram fundamentais para que eu pudesse efetivamente ver a formação como instrumento imprescindível de crescimento e de desenvolvimento do vir a ser psicanalista.

O conhecimento teórico e emocional adquirido no caminho é imenso. A vivência dos fenômenos de grupo, a observação das relações psicanalíticas, a ampliação do entendimento do(s) narcisismo(s) e a construção de afetos é algo que, tenho certeza, somente a experiência institucional pode nos oferecer.

Minha diretoria é formada de amigos. Pessoas e profissionais que trabalharam arduamente para que fosse construído um projeto de excelência. Isso sem deixar de dar boas risadas.

Ser presidente não é tarefa fácil. Mas se torna mais fácil quando temos tantas gestões anteriores, trabalhando em prol do novo, da consolidação do antigo e na busca por crescimento e integração. As anteriores gestões ABC, com destaque para as últimas cinco que elaboraram os últimos cinco livros *Construções*, estão de parabéns por toda a construção realizada. Isso possibilitou que minha gestão pudesse trabalhar com espaço, afeto e conhecimento. Agradeço em especial a gestão 2016-2017 presidida por Helder Pinheiro que me apresentou com profundidade a importância da vida institucional.

Creio que, depois desse mergulho profundo no processo de formação psicanalítica, posso falar um pouco melhor desse estranho que nos assola e nos impossibilita de escrever. Para isso, gostaria de contar um pouco do histórico da elaboração deste livro.

O livro *Construções* é um dos filhos de toda diretoria da ABC. Lançado há seis gestões ele tem o importante papel de estimular a escrita dos membros em formação psicanalítica pela IPA.

O livro *Construções VI* está nascendo no fim da gestão 2018-2019 e foi gestado ao longo de um ano e meio. O lançamento desta edição, acontece durante o Encontro Nacional de Candidatos em Porto Alegre, e vem coroar os últimos momentos e o último evento desta diretoria a qual sou presidente. Este sexto livro representa bem a gestão 2018-2019: novo método de seleção de artigos; escolha de arte disruptiva e desafiadora; o tema; a contribuição de dezenas de candidatos e membros brasileiros; espaço para OCAL e IPSO; diálogo com XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise e com a Febrapsi; e inclusão do trabalho desta diretoria da ABC.

A sugestão de um novo método de seleção dos artigos para o livro foi proposta com o intuito de que os candidatos pudessem se familiarizar com os modelos vigentes de seleção das revistas e livros psicanalíticos atuais, além de evitar a desconfortável tarefa de escolher, entre os próprios colegas, apenas um trabalho por instituto. Isso tudo considerando o ponto mais importante: dar a mesma oportunidade a todos. Como todo novo que assusta e precisa ser compreendido, o método de avaliação por pareceristas gerou medo nos candidatos e receio por parte da diretoria: conseguiríamos

produzir um bom livro a tempo? Com o adiantamento do Congresso Brasileiro de Psicanálise, o estranhamento com o novo método de seleção e a vontade de ter um livro de extrema qualidade, propusemos lançar esta sexta edição não no Congresso ABC, como geralmente é feito, mas no nosso último evento, o Encontro Nacional. Com intenso trabalho de mobilização conseguimos a contribuição de diversos pareceristas e recebemos muitos artigos. Gostaria de agradecer os pareceristas, sejam membros ou candidatos, que gentilmente avaliaram os trabalhos para o livro *Construções VI* e contribuíram de maneira determinante para que todo o processo fosse feito com a ética e a seriedade demandados.

Também é importante ressaltar que sem o envolvimento dos candidatos e seus artigos este livro não só não seria possível, mas não faria sentido. É para que possamos desenvolver a arte da escrita, para que cresçamos enquanto analistas e para que possamos conhecer uns aos outros enquanto profissionais que este livro existe. Agradeço a todos os candidatos que confiaram nesta diretoria e enviaram seus artigos. Parabenizo aos escolhidos e as ganhadoras do Prêmio Virgínia Bicudo que tem seus artigos aqui publicados.

A temática do *Construções VI* "O estranho na formação: confidências" surgiu em uma reunião da diretoria quando conversávamos sobre a construção do livro. Com intuito de dialogar com a temática do XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise, "O estranho: inconfidências", e com um contexto histórico de dificuldade de ter trabalhos dos candidatos para a publicação do livro, optamos por desmistificar o pavor diante da escrita e propor que todos pudessem, "apenas", confidenciar seus estranhamentos no processo da formação psicanalítica.

Em uma profissão tão confidencial, sigilosa e solitária, quanto temos a confidenciar? Muito! Bastante para mais seis edições do *Construções*. Neste livro vamos nos ater a confidenciar o estranho.

Penso que encarregar os candidatos de confidenciar estranhamentos é uma acertada escolha. O processo de formação carrega em si diversos estímulos para despertar o estranho em nós. Seja ele no contato com essa nova linguagem, a psicanalítica; seja no contato institucional psicanalítico; ou ainda, no processo de constituição do ser psicanalista.

Frente à angústia do escrever e do contato com o estranho nesse processo, temos como nos acalentar com base na leitura do texto de nosso convidado especial, especialista da discussão do estranho freudiano, o diretor científico da Febrapsi, Ignácio Paim. Junto a seu texto, diversos depoimentos nos estimulam a escrita e a reflexão.

Espero que todos possam aproveitar a leitura deste livro que foi construído com imensa dedicação pela diretoria da ABC, com a contribuição de Evelyn Pryzant (SBPSP) e da produtora Mireille Bellelis. As artes são do artista Alisson Prazeres, jovem mineiro que carrega a marca do estranho em sua obra.

Lembrando Vinicius de Morais "O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas."

Que a escrita e a leitura nos aproxime. Boa caminhada!

Cecília Cruvinel
Organizadora
Presidente da ABC
ceciliacruvinelpsicologa@gmail.com

Apresentação

Palavras da diretoria da ABC, SBPMG e Febrapsi
Experiências e confidências
(2018-2019)

Alexandre Pantoja
Vice-presidente

O "Chega de saudade" na Associação Brasileira de Candidatos (ABC): cuidando do institucional

Chega de saudade, pois o novo está chegando…

Este poderia ser um dos lemas da ABC.

Não que o antigo, o ancestral não tenha valor: tem e muito, e renovar parece ser a maior homenagem que pode ser feita a quem nos precede. João Gilberto não queria desbancar Orlando Silva, pois ele era um de seus ídolos; ele só queria dizer que no seu peito, apesar da aparente desafinação, também batia um coração.

Olhar para frente, encarar os desafios contemporâneos, parece ser uma boa lição dada por esse fantástico artista brasileiro que nos deixou recentemente (06/07/2019).

Por vezes, como analistas em formação, querem nos levam a acreditar que sejamos desafinados. Podemos até ser, mas não, necessariamente, somente por sermos analistas em formação.

Essa mensagem pode provocar um desencorajamento traumático em nosso percurso, mantendo-nos numa posição infantilizada muito pouco afeita a encarar os desafios que a psicanálise nos propõe. Ou pode ser o combustível necessário para propulsionar a criatividade latente que carregamos e transformá-la em mudanças consistentes e verdadeiras na psicanálise atual. Tudo depende de como encaramos essa mensagem inicial, e isso está diretamente ligado às condições ambientais que encontramos, ou seja, à qualidade do espaço institucional em que estamos inseridos.

As instituições de representação de analistas em formação (Associações locais, ABC, OCAL, IPSO etc.) devem ser os locais onde esse tipo de mensagem pode ser avaliada, pensada e relativizada para que não prospere o medo.

A fim de que isso aconteça é de vital importância que se cuide do setting institucional, pois ele acolhe e resguarda aspectos muito primitivos de nosso mundo psíquico. Nele estão projetados os pais, as fantasias, os sonhos daqueles que se arvoram pelos caminhos de uma formação psicanalítica. Assim, é com muita sensibilidade e cuidado que devemos construí-lo e mantê-lo, sem nos esquecermos também de transformá-lo.

O cuidado ao constituir esses espaços institucionais, bem como a forma de viabilizá-los, montá-los, influem de maneira fundamental na vida de quem os frequenta, ou mesmo impede que muitos participem deles.

O analista em formação é alguém ainda não tomado totalmente por nenhum dogma psicanalítico, espera-se, portanto traz consigo a possibilidade de duvidar daquilo que se apresenta a ele. Em minha opinião, essa postura deve ser estimulada para que permaneça sempre em seu percurso de formação como psicanalista, que nunca se esgota. O ambiente institucional não deve estimular a entrada em fileiras dogmáticas de pensamento, em que o saber e a verdade são prêmios para aqueles que param de duvidar, que aceitam o medo da desafinação. Em que palcos se abrirão e holofotes iluminarão o tipo de sabedoria que simplesmente imita e repete os grandes mestres. Tendo como objetivo da formação ser também um grande mestre.

A possibilidade de conviver com colegas de todo o Brasil, com suas diferentes culturas regionais, com suas experiências peculiares, com seu modo particular de ser, parece de uma riqueza comparável ao repertório que tornou João Gilberto um símbolo do Brasil, pois horizontalmente interpretava todas as regiões de nosso país, e verticalmente as gerações que vinham antes e depois dele, conseguindo assim deixar como legado maior sua própria "interpretação" do Brasil. Bem psicanalítico.

Façamos também assim em nossas instituições representativas, experimentando os sabores da psicanálise de todas as regiões do Brasil, e de todas as gerações, antigas e contemporâneas.

Para ouvirmos novas vozes temos de dar espaço para que elas cantem, desafinadas ou não. Precisamos ter ouvidos e corações sensíveis.

Ao conseguir reproduzir o ambiente íntimo de sua casa, onde obsessivamente depurava sua técnica, João Gilberto nos premiava em shows e gravações com suas lindas interpretações.

Importa criar ambientes de intimidade, de incentivo à participação, da busca da apresentação de novas ideias pode promover o encorajamento necessário para romper a "impressão" de ser desafinado. Manter acesa a chama do eterno questionamento sobre o tipo de formação que nos é apresentado, o que não significa, necessariamente, tornar-se um sindicato (sem tirar o mérito de parcialmente poder ser isso), mas permitir que a dúvida seja uma constante companheira levando-nos a evitar repetir o que Giuseppe Tomasi de Lampedusa, em seu livro *O leopardo*, nos alerta sobre as falsas mudanças: *"Se quisermos que tudo continue como está, é preciso que tudo mude"*.

Mudar não é, necessariamente, transformar. Trocar objetos de lugar pode causar novas sensações no ambiente, mas não traz novas referências.

A função principal das instituições representativas deveria ser a constante busca de um espaço de encontros, que possibilitem ao analista em formação encontrar seu jeito próprio de fazer a psicanálise, inventar sua psicanálise, não imitativa, mas criativa.

Não será nos escondendo pelos cantos dos institutos, eventos, palestras e congressos que encontraremos a nossa própria psicanálise.

A evolução da psicanálise depende de nossa contribuição, naquilo que trazemos de novo para ela; das dúvidas pelas quais nós a submetemos e testamos; e assim, de maneira lúdica, ou seja, sem medo, quem sabe a consigamos apreender em seus aspectos mais profundos e criativos.

A sorte é termos sempre encontrado entusiastas da psicanálise, que não se deixam parar por críticas, obstáculos, questionamentos, acusações. Quando estas surgem, não os paralisam, mas movimentam internamente reflexões amplas e intensas, e sempre algo novo será pensado e proposto para provocar novas transformações.

A saudade será assim um meio de construir o novo, e não uma forma de cristalizar o passado, pois este, como o amor, será sempre eterno enquanto durar.

Adriana Silveira
Diretora de comunicação

Travessia na Associação Brasileira de Candidatos (ABC): uma rede de aprendizados

Minha formação de origem é a computação, e o senso comum confunde *fazer* software (um trabalho de engenharia) com *usar* software ("mexer" em aplicativos e redes sociais, por exemplo). Isso explica alguns desentendimentos que ocorreram no meu percurso como diretora de comunicação da ABC. Embora eu soubesse como construir softwares, nem Instagram ou Facebook eu tinha! Ao entrar na diretoria de comunicação, tive de aprender rápido a usar efetivamente esses aplicativos e redes sociais para "falar" com nossa comunidade. Foi um aprendizado intenso e gratificante!

Muita gente me pergunta como alguém que trabalha em computação vai parar na psicanálise. Meu contato com a psicanálise vem da terapia que fiz ao longo de dezessete anos com uma lacaniana. A transformação que essa prática me trouxe foi tão grande que decidi: precisava conhecer mais a fundo e, quem sabe, trabalhar profissionalmente com aquela ciência que me havia feito tão bem!

Resolvi cursar Psicologia e fiz uma formação em Psicanálise no Sedes Sapientiae. Findos os quatro anos de formação, desejei continuar estudando, mas não me identificava com os diversos grupos lacanianos que eu conhecia. Não queria ficar no gozo orgástico dos conceitos ininteligíveis, isto é, objeto a, esquema L, objeto causa de desejo, significante, real…

Nada contra Lacan, muito pelo contrário! Gosto muito do que ele fala sobre as mulheres e sobre os primórdios da constituição do sujeito. No entanto, os discursos nos grupos lacanianos eram de tão alto nível que eu, iniciante, me sentia totalmente excluída!

Queria conhecer outros autores! Onde? Formação da International Psychoanalytical Association (IPA)? Minha ex-analista lacaniana me disse:

você não vai se adaptar à IPA. Eles têm muitas regras, diretrizes e procedimentos. Acredito fortemente que minha análise com ela tenha sido tão boa que me senti livre para ter minha própria experiência e parti para a formação na IPA pelo Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG). Mudei de analista e iniciei a análise didática e minha formação pela IPA. Não contente com um ano de análise antes de entrar formalmente para fazer as disciplinas, resolvi participar dos eventos promovidos por institutos da IPA.

Mas como fui entrar na ABC já no primeiro ano de formação? O que leva uma pessoa que acabou de entrar na formação a ingressar formalmente na ABC?

Essa trajetória se inicia em 2017, quando fui ao evento de comemoração de cinquenta anos da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi). Foi um evento superinteressante, com a participação de diversos psicanalistas de renome e ícones da literatura e da arte. No entanto, o que mais me chamou a atenção nesse evento foi a receptividade dos candidatos.

O acolhimento, o calor e o carinho irradiados pelos colegas candidatos do Rio de Janeiro, bem como pela diretoria da ABC gestão 2016-2017, presentes naquele evento, foi tão grande que me apaixonei instantaneamente. Conheci pessoas maravilhosas, como Helder, Daniela, Cadu e Águida, com quem me identifiquei profundamente. Fiquei admirada com a intensa participação deles e as interlocuções envolvendo os candidatos e as instituições.

Sempre tive certo sentimento de opressão e injustiça advindo de coisas que escutava de alguns candidatos diante dos excessos de suas instituições. Como uma adolescente recém-chegada à formação, senti-me na obrigação de fazer algo.

A formação é um caminho árduo, mas a paixão pela psicanálise e o clima de apoio e solidariedade entre os candidatos mobiliza forças que nos fazem persistir nessa caminhada. Depois de uma sequência de participações em eventos, o convite para compor a chapa da diretoria da ABC surgiu, em setembro de 2017, e em novembro veio a eleição em Fortaleza que me levaria a assumir a diretoria de comunicação.

Da gestão anterior pudemos contar com o legado que a Joana nos deixou e com a querida Glória, assessora de comunicação. A infraestrutura deixada por Joana nos possibilitou ampliar ainda mais a comunicação. Junto com a eleição, ganhei uma grande parceira, Márcia Padilla, que compartilhou as alegrias e dores de cabeça desse novo projeto e que sempre soube ter paciência com minhas implicâncias e chatices.

Nosso maior desafio foi tentar integrar e chamar a atenção de todos os candidatos do Brasil para a importância da nossa associação. Buscamos escutar a realidade de cada região para identificar necessidades e aumentar o nível de consciência de nosso estado, como candidatos.

Comunicar é uma questão inerente ao ser humano. Por mais que enviemos mensagens e que utilizemos diversos canais, não há garantias de que esteja ocorrendo a comunicação. Quando a mensagem chega, o objetivo com o qual ela foi emitida pode ser diferente para quem a recebe. Muito trabalho foi realizado, entre pesquisas, comunicações associativas, comunicações de evento, campanhas de convite à escrita e participação nas atividades do quarto eixo. Também houve intensa comunicação para incentivar a participação dos candidatos nos Encontros Regionais e no Congresso da ABC. Nosso foco foi sempre o de mobilizar os candidatos a integrarem e a intercambiarem suas vivências, experiências e conhecimentos.

Para mim foi uma rica experiência que pude desfrutar nesses dois anos na diretoria de comunicação da ABC. Pude aprender várias lições e amadurecer nesse processo. Trabalhar em grupo não é fácil! Podemos crescer ou adoecer na relação com o outro. Aprender a lidar com as suas expectativas, saber respeitar o tempo de cada pessoa, ter tolerância e paciência com as dificuldades, minhas e de meus colegas, foram algumas das lições que aprendi na diretoria da ABC. Agradeço a esses colegas a paciência que tiveram comigo e as lições que pude aprender com cada um. Tivemos de superar juntos muitos desafios e aprendizados ao longo dessa travessia.

Outro grande aprendizado foi o da vida institucional. Para além das atividades da comunicação, que envolvem lidar com diversas ferramentas de comunicação e redes sociais, bem como saber em quais horários e períodos a audiência é maior, descobri que as instituições são muito necessárias!

Parafraseando o estatístico George Box, para quem "todos os modelos (estatísticos) são errados, mas alguns são úteis", eu afirmo: todas as instituições podem ser erradas, mas algumas são úteis.

No último congresso da Febrapsi, assisti a uma mesa-redonda com a nossa querida presidente, Cecília Cruvinel, e Cláudio Eizirik. Pude refletir sobre a importância desse relacionamento institucional, na condição de IPA, institutos, ABC e demais associações de candidatos, e sobre como ambos podem crescer na dialética desse relacionamento. Por um lado, preservando o rigor da formação sem gerar rigidez; e, por outro, renovando as formas de se fazer e ensinar psicanálise. É nas idiossincrasias das instituições e nos seus inter-relacionamentos que podemos pensar em uma psicanálise melhor para todos.

Depois dessa reflexão pude avaliar minha participação como candidata e quanto efetivamente estou contribuindo com minha instituição. Quanto podemos, como candidatos, ter uma formação apenas burocrática ou quanto podemos ter uma vivência mais afetiva nessa formação.

A ABC tem me ensinado, nas participações dos Encontros Regionais e no Congresso da ABC, quanto essa experiência intensamente afetiva e calorosa, que nós candidatos vivemos nesses encontros, é fundamental para nossa formação e nossa travessia como analistas.

Silvana Marta Santos Torres

Diretora de sede

Prezada amiga,

Escrevo hoje para contar um pouco de minha experiência nesse período em que estivemos próximas. Foi um tempo que a princípio parecia que seria longo demais, mas agora, que está chegando a hora de me despedir, vejo como o tempo passou rápido; minha sensação agora é de que foi pouco. Um tempo que foi uma mistura de aproximação, conhecimento, reconhecimento, troca e trabalho, e põe trabalho nisso! Estive tão envolvida, e isso fez que o tempo passasse e eu nem me desse conta.

Eu queria dividir com você algumas confidencialidades, o porquê da minha escolha em ficarmos tão próximas. No início da minha formação me deparei com algumas inquietações e questionamentos, fui em busca de respostas que aliviassem meus sentimentos e me trouxessem mais conforto durante esse caminho. Foi quando comecei a ouvir falar de você, de um espaço em que os candidatos podiam falar dessas inquietudes, fazer trocas de experiências, de como era a formação em cada instituto; me interessei em conhecê-la mais de perto.

Lembro o nosso primeiro encontro em São Paulo, no 29º Congresso Latino-americano de Psicanálise, em 2012 (realizado pela Federação Psicanalítica da América Latina, Fepal), e põe tempo nisso: foi o primeiro congresso de que participei fazendo a formação. Nesse nosso primeiro encontro, já iniciei coordenando mesas com os colegas dos outros países; mesmo de forma tímida e sem conhecê-la intimamente, gostei da experiência. Lá conheci muita gente, participei do almoço organizado pela diretoria na época, momento descontraído e de mais trocas.

Saí desse primeiro encontro otimista, com a sensação de que ainda teríamos muitos outros pela frente. Assim, busquei participar de forma mais ativa dos eventos em que você era a protagonista (encontros regionais e nacionais, e o Congresso da Associação Brasileira de Candidatos ABC); na necessidade de encontrar ressonância para os meus sentimentos, fui indo, indo, indo e gostando desses encontros cada vez mais, das pessoas que frequentavam, do que eu ouvia.

Tudo fazia mais sentido, percebi que não estava sozinha com as minhas inquietações; isso fez que eu me sentisse pertencente a um grupo que pensava, sonhava, questionava, assim como eu, e o melhor de tudo, muitos querendo contribuir para que o nosso percurso fosse mais agradável, trocando ideias, criando momentos de muitas trocas e consequentemente crescimento.

O meu mundo se ampliou, de regional em regional, e comecei a entender e conhecer melhor as diferenças entre você, ABC, a Organização dos Psicanalistas em Formação da América Latina (OCAL) e a International Psychoanalytical Studies Organization (IPSO), todas com o mesmo

propósito e engajamento, cada qual em seu território, mas todas com movimentos para fazer que esse nosso percurso seja de intercâmbio visando ao nosso crescimento como analistas em formação. A cada novo encontro eu saía mais nutrida, mais forte; hoje sei como é importante vivenciar esses momentos de trocas com os demais colegas das outras sociedades.

Vejo este momento, o nosso estado de analistas em formação, ou simplesmente candidatos, como um tempo de treinamento, ou como se fosse uma feira de ciências, quem não participou de uma no colégio? Penso que a maioria de nós já teve essa experiência, era um momento de descobertas e aprendizado, e ainda se fizermos uma busca em nossas memórias iremos encontrar conhecimento adquirido daquele momento, amigos esquecidos pelo tempo, mas que marcaram uma época.

Sinto-me hoje como se estivesse, de alguma forma, de volta à feira de ciências, vivenciando novas experiências e descobertas, pois nesses encontros, nas trocas em que cada um expõe suas idealizações desse processo da formação psicanalítica, em que só cabe o que é positivo, vamos nos deparando com os sonhos e as dificuldades de lidar com a vida real, ou seja, esse caminho idealizado da formação, na prática, é um "pouquinho" diferente.

Dei-me conta de que ignorava alguns aspectos essenciais da vida desse percurso, assim aprendi a amar de forma consciente as imperfeições desse caminho, e saber lidar com a realidade é sinal de amadurecimento. Desse modo, sentindo-me mais próxima e pertencente, quis ir além, quis experienciar de forma ainda mais ativa a relação com você, assumindo o cargo de Conselheira da Região Sudeste (RJ) na gestão 2016-2017, momento de muitas trocas e de fazer novos amigos.

Acabei gostando e, na gestão atual (2018-2019), assumi o cargo de Diretora de Sede, criado na gestão anterior. Fiquei encarregada de organizar tudo o que se refere à Sede do Rio de Janeiro, ao processo do Prêmio Virgínia Bicudo e ao livro *Construções*. Este ano será o 6º, mas não estive sozinha nessa organização.

Formamos uma grande equipe de trabalho, ou também podemos dizer um excelente time, embora nossos condicionamentos ainda tivessem

de ser aprimorados, e o estranho é: agora que estamos "em forma", ou melhor, que estamos hábeis, chegou a hora de nos despedirmos.

Penso que seja assim mesmo: é o desafio que nos move, é um não saber, mas um querer fazer. Como se diz: um time unido jamais será vencido, ou seja, nós nos ajudamos a enfrentar esse desafio.

Isso não quer dizer que não discordássemos uns dos outros, mas conseguimos chegar a um acordo quanto ao que precisava ser resolvido. Foram momentos de grandes trocas, "treinamento", e para isso, haja reunião! Todo domingo à noite estávamos lá, todos reunidos, fizesse sol ou chuva. Foi, sem dúvida, uma grande experiência.

As minhas inquietações me impulsionaram nessa busca, nesse encontro com você. Foi um desafio e, com certeza, deu mais sentido ao caminho da formação. Podemos concordar que é importante dar um rumo às emoções, como parte do processo de criação. Sabemos que podemos ficar acomodados individual e coletivamente, mas essa proximidade de você me despertou, fez que esse percurso tivesse mais sentido.

Uma frase que muito ouvi e hoje me pego falando, "Só quem vive sabe", faz mais sentido agora. Precisamos dessas trocas para construirmos nossa identidade como psicanalistas e, assim, abrigarmos nossos sentimentos, sermos criativos nesse caminho e percorremos melhor o próximo que nos espera.

Certa vez, lendo sobre arte e terapia, eu me deparei com a famosa frase de La Rochefoucaud, moralista francês do século XVII, que diz: "Há pessoas que nunca teriam se apaixonado se não tivessem ouvido falar de amor". Penso que seja nesse sentido: ouvir falar de você e participar das suas atividades me possibilitou descobrir o que eu sentia sobre esse caminho a ser percorrido. Encontrei ressonância dos meus sentimentos, me senti pertencente, e isso fez toda a diferença; portanto, estar próxima de você me fez descobrir muitos mundos, muitas emoções. "Hoje sei o que é o amor."

P.S.: Ah! Que tudo isso fique entre nós.

Carinhosamente.

Renata Guimarães

Primeira secretária

Nesta edição, nosso livro tem como tema as confidências da formação, assunto que intimida quem irá escrever, mas que ao mesmo tempo aproxima quem lê. É aquele famoso "estranho familiar" que nos habita e que nos dedicamos tanto nos últimos meses a compreender.

Dessa forma, mesmo com insegurança, decidi ir a fundo em nosso tema e confidenciar como tem sido minha jornada como integrante da Diretoria da Associação Brasileira de Candidatos (ABC).

Ao iniciar minha formação psicanalítica pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG), eu pensava que aprenderia as melhores formas de teoria e prática clínicas e, assim, poderia auxiliar meus pacientes e crescer profissionalmente. Não estava errada, porém a formação me mostrou algo que eu não sabia que existia, e quão importante é para a minha carreira como psicanalista estar inserida na vida institucional.

Acreditava que buscaria uma instituição para me filiar por ser, no meu ponto de vista, a melhor em ensino de psicanálise e uma tentativa de não me sentir só, fazer amigos iguais, parcerias. Cargo institucional? Jamais! "Não tenho dom para isso! Não gosto de política!", pensava eu. Até que um dia uma colega me convidou para participar da diretoria da Associação de Candidatos da SBPMG, filiada à IPA, com a justificativa de que eu era muito organizada e me daria muito bem como secretária. Não sei se aceitei pela amizade, por sentir que pelo menos nesse aspecto ela tinha razão, pois eu gostava de organizar ou se já era algo em mim identificando que estar naquele lugar seria importante.

Assim eu fui; fiquei duas gestões na associação local. Funcionamos bem, trabalhamos, fiz grandes amizades e parcerias, mas para mim estava bom, já tinha dado a minha contribuição à minha Sociedade. Até que a mesma amiga aquela que me levou para a Associação Local me disse: "Vou montar uma chapa para concorrer à presidência da ABC, você tem que vir comigo!".

Dei gargalhadas de nervosismo, disse que não tinha como participar de uma chapa, que eu não gostava da vida política, que não conseguiria pensar que eu poderia estar em uma diretoria representativa do Brasil todo, que eu não servia para isso. Mas eis que fui para a análise, pensei, ganhei um empurrãozinho, fui para casa, conversei com o marido e… Cá estou eu: finalizando a gestão como primeira-secretária da ABC, gestão 2018-2019.

Não tinha ideia de como seriam esses dois anos, sabia apenas que teria muita responsabilidade e que não poderia abandonar o barco. Com o caminhar dos dias pude perceber o que era ocupar esse lugar. Cuidar dos candidatos do Brasil todo é uma tarefa árdua, poder organizar eventos em que todos se sintam acarinhados e acolhidos tira o sono, poder fazer tudo com a ilusão da perfeição desgastou, irritou, cansou… Mas trouxe muita satisfação e aprendizado.

Conviver em equipe é experimentar todos os sentimentos possíveis de uma vez só: amor, ódio, alegria, tristeza, respeito, indiferença… Mas, acima de tudo, aprender a respeitar cada um em sua individualidade e se orgulhar de que o trabalho realizado por todos é, com certeza, o melhor que poderíamos ter feito. Com essa dedicação, vem também a recompensa por ter contato com os candidatos de todos os cantos do Brasil, pessoas que se tornaram grandes colegas pelos quais tenho uma profunda admiração.

Agora penso: Será que eu descobri o que é realmente o tão falado quarto eixo? Acredito que sim. Para mim, a formação não é completa sem passar por essas experiências em grupo, com os iguais e, ao mesmo tempo, diferentes. Sem aprender a dialogar, a respeitar as diferenças e limitações pessoais e culturais de cada um, sem viver com a ideia de fazer algo maior, de crescer juntos e olhar para o lado e perceber que tem alguém vivendo algo parecido com você, ou completamente diferente, mas que você pode chegar perto e fazer algo por alguém. Tive a sorte de ter vivenciado isso na Diretoria da ABC, mas compreendo que qualquer candidato pode ter essa vivência, é apenas ter um olhar maior, menos assustado, ou ter uma amiga para dar um empurrãozinho!

É com esse sentimento de gratidão que utilizo este espaço para agradecer à Cecília Cruvinel, amiga, parceira de vida e profissão, por ter me

estimulado a estar nesta diretoria. Agradeço com muito carinho aos meus colegas, Alexandre Pantoja, Márcia Padilla, Denise Alencar, Adriana Silveira e Silvana Torres, as trocas carinhosas, mas nem por isso fáceis, desses dois anos. Aos colegas da SBPMG, o incentivo e as demonstrações de alegria pela minha conquista; e aos colegas que fiz nessa jornada, que me deram fôlego para continuar.

Saio dessa experiência com a convicção de que a minha formação não teria sido completa sem ter estado na ABC e de que hoje sou uma pessoa melhor e, sem dúvida, melhor (futura) psicanalista.

Márcia Padilla

Segunda secretária

Conheci a Associação Brasileira de Candidatos (ABC) em 2008, quando a diretoria da associação, no biênio 2008/2009, foi composta de candidatos das três sociedades aqui do Rio Grande do Sul: a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), à qual pertenço, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) e a Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel).

Nessa mesma época eu fazia parte da diretoria da Associação de Candidatos (AC) da SPPA, e a presidente da AC naquele momento, a querida colega Denise Bystronski, participou da diretoria da ABC no cargo de secretária. Foi enquanto participava dessa gestão que ela teve a ideia de a ABC editar um livro contendo artigos de todos os candidatos do Brasil. Assim, foi lançado o primeiro livro *Construções,* em 2009.

Em 2017, quase dez anos depois, fui surpreendida com o convite da Cecília Cruvinel, atual presidente da ABC, para participar desta diretoria. Agora estamos lançando o livro *Construções VI*, e eu tenho muito orgulho de contribuir para dar continuidade a essa importante realização dos candidatos do Brasil. Uma oportunidade de estimularmos a escrita psicanalítica, conhecermos o trabalho uns dos outros e nos integrarmos.

Sou a segunda-secretária da ABC, meu trabalho junto à diretoria de comunicação é divulgar as atividades e campanhas da ABC. Fazemos

isso por meio de publicações nas mídias sociais (Instagram e Facebook da ABC), atualizações no site da ABC e enviamos e-mails para todos os candidatos que constam em nosso cadastro. Fizemos uma grande reformulação no site, um trabalho de equipe entre a diretora de comunicação Adriana Silveira, que entende de informática e contribui muito nessa parte, eu, fornecendo e revisando os conteúdos das artes a serem produzidas, e a nossa superdesigner gráfica Glória Guimarães, sem a qual nada da nossa divulgação seria possível.

Glória faz as artes e os lindos vídeos que publicamos nas mídias e enviamos aos candidatos. Profissional muito competente e sempre disponível para ajudar, sua criatividade está estampada na beleza das artes publicadas pela nossa diretoria de comunicação. Por mais que tenhamos um planejamento mensal das publicações e campanhas da ABC, algumas vezes as publicações precisam ser feitas "pra ontem". Nesses momentos falo com a Glória muitas vezes por dia pelo WhatsApp, para resolver tudo com a maior presteza possível.

Embora nunca tenhamos nos encontrado pessoalmente, pois ela mora em Fortaleza e eu em Porto Alegre, conseguimos nos conhecer muito ao longo desses dois anos de gestão e nos afinamos de uma maneira que gerou resultados muito positivos no trabalho da diretoria de comunicação. Portanto, só tenho a agradecer à Glória sua enorme competência profissional, sua disponibilidade e seu carinho nesse trabalho a distância. Uma distância muito próxima!

Falando das relações próximas, foi uma experiência muito gratificante para mim o trabalho com esta diretoria composta por um candidato de cada região do Brasil. Cada um com suas características individuais, mas todos muito dedicados ao objetivo de integrar os candidatos, debater e divulgar a formação psicanalítica nos moldes da IPA.

Levarei para sempre essas amizades e a experiência de termos formado uma equipe que levou o trabalho com muita seriedade e dedicação. Nós nos reunimos virtualmente uma vez por semana durante toda esta gestão. Tivemos também algumas reuniões presenciais de diretoria e, juntos, fizemos cinco encontros regionais; organizamos o prêmio Virgínia Bicudo, o Congresso da ABC e a eleição da nova diretoria que vai dar continuidade ao

trabalho. Finalmente, encerramos a nossa gestão com chave de ouro com o lançamento deste livro, *Construções VI,* no nosso Encontro Nacional aqui em Porto Alegre. Este será mais um momento gratificante de integração dos candidatos, ainda mais com o prazer de recebê-los aqui na SPPA, instituição da qual eu também tenho muito orgulho e gratidão de pertencer.

Conheci várias pessoas novas com o trabalho na ABC e considero muito importante esse estímulo aos candidatos para participar no quarto eixo, um pilar essencial para a formação da nossa identidade de analistas e para a integração dos candidatos brasileiros. Termino minha participação nesta gestão com o sentimento de dever cumprido e com uma renovação de carga afetiva pela experiência e pelos vínculos que estabeleci durante esses dois anos.

Agradeço muito aos meus colegas de diretoria a amizade e a parceria; em especial, à minha querida amiga Cecília, agradeço a sua enorme força de trabalho, a dedicação, o estímulo constante e a capacidade de gestão em todos os momentos desses dois anos em que foi presidente da ABC.

Entre mais acertos do que erros, penso que nos saímos muito bem nesse trabalho em equipe e no alcance dos nossos objetivos como ABC. Agradeço também à diretoria que nos precedeu a realização de um ótimo trabalho e desejo uma excelente gestão para a próxima Diretoria!

Cada nova equipe sempre colabora um pouco mais para o crescimento da ABC.

Contem conosco!

Denise Alencar

Tesoureira

Alinhavando os tecidos

Creio que ter feito parte da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) e de tudo o que o trabalho envolve seja uma experiência que se digere aos poucos e a posteriori. Acredito que eu ainda esteja digerindo, mas, vamos lá, tentar dividir com vocês o que foi esse tempo de serviço

aos analistas em formação pela International Psychoanalytical Association (IPA) no Brasil.

Entrei na ABC por acreditar que, em algum momento, precisemos contribuir com o que estamos usufruindo. Ser a tesoureira da associação foi uma forma de dar a minha contribuição. Não tinha ideia da quantidade de trabalho que me esperava, mas tinha fé no que a antiga tesoureira falou: "Vai que vai dar certo e é uma experiência massa". Fui e não me arrependo. Realmente, está sendo uma vivência que dificilmente se repetirá. Ao longo da caminhada, os colegas de trabalho/diretoria foram se transformando em amigos, e o processo de funcionamento de grupo foi tomando corpo, pois tínhamos um objetivo comum: estar mais perto dos candidatos, compartilhar necessidades e angústias quanto à formação e tentar fazer algo que fosse produtivo para cada região.

Quando se fala em tentar estar mais perto dos candidatos, você pode pensar: "Como alguém do departamento de tesouraria de uma associação pode estar mais perto? A tesouraria não exige um trabalho mais operacional, burocrático?"

É verdade, a tesouraria em si corresponde a um tipo de trabalho mais operacional, que exige constância, e assim está sendo realizado. Lidar com contas, planilhas e decisões que envolvem o dinheiro de outras pessoas é um trabalho árduo, visto que ninguém tem formação em administração ou alguma área afim na diretoria. Entretanto, apesar das dificuldades, conseguimos organizar um drive com todas as planilhas preenchidas com gastos/investimentos e deixamos claro quanto foi gasto em cada evento da ABC (regionais, congresso, encontro nacional, prêmios, sorteios de inscrição) na nossa gestão. Finanças organizadas permitem que decisões sejam tomadas de forma mais prudente.

Além de trabalhar nessa organização interna da tesouraria, tentamos estar presentes em cada evento para o qual a ABC foi convocada; aumentamos o valor do Prêmio Virgínia Bicudo; e mantivemos os serviços de contabilidade e design gráfico, por entendermos que a ABC precisa desses suportes para realizar seu trabalho. Tentamos fazer isso como colegiado: quando decisões importantes precisavam ser tomadas, a diretoria se

envolvia. Se havia algum problema, ele nunca era só da tesouraria, só da comunicação ou só da presidência. Enfim, o problema era de todos e precisava ser solucionado por todos. Geralmente não concordávamos em tudo, mas conseguíamos alinhar o pensamento.

Sinto que esse processo de ter sido tesoureira da ABC e tecer-me em conjunto com outros tecidos tão iguais e tão diferentes de mim ampliou minha capacidade de enxergar a formação para além dos seminários e supervisões, pois exigiu de mim refletir para além do texto clínico e para além da clínica, influenciando indiretamente meu exercício da psicanálise.

Participar da ABC com esta diretoria me proporcionou algo que só consigo traduzir na poesia:

> Alinhavo dentro de mim tecido por tecido,
> Cor por cor de diversas regiões
> Com caimentos diferentes
> E funcionamentos tão seus que me fazem pensar sobre os meus.
> Fico admirando cada tecido:
> A aspereza de um funcionando como uma lixa fazendo os outros tecidos mostrarem a que vieram
> Tem tecido que aguenta rojão,
> Há aquele cuja capacidade de se esticar e moldar-se no corpo é admirável.
> Outro que esticar-se mais é tarefa quase impossível,
> Tem uns tecidos bem diplomáticos
> E há a linha que vai alinhavando todos para que tomem forma.

Obrigada Cecília Cruvinel, Alexandre Pantoja, Marcia Padilla, Adriana Souza, Renata Guimarães e Silvana Torres por esse tempo de trabalho juntos, em que fomos nos tecendo em conjunto.

Edna Pires Guerra Tôrres

Presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)

Nós, membros e candidatos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG), tivemos a honra de ser parceiros da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) na organização do 27º Congresso Brasileiro de Psicanálise, ocorrido em Belo Horizonte, no mês de junho de 2019, com o tema "O Estranho – Inconfidências", e que contou com participação expressiva e efetiva dos candidatos brasileiros em formação psicanalítica, marcada pela apresentação de trabalhos e pela coordenação das mesas de temas livres, entre outras atividades importantes, como a cultural. O Comitê local da SBPMG contou também com a ajuda da Associação de Candidatos da instituição e da Associação Brasileira de Candidatos (ABC), por meio de dois membros da sua diretoria, Cecília Cruvinel e Renata Guimarães, respectivamente, presidente e primeira secretária da atual gestão, candidatas do nosso instituto, que não mediram esforços para colaborar em todos os momentos decisivos de nossas atividades.

Desde o início, a diretoria da ABC participou da construção do evento, escolhendo, em reuniões com as diretorias científicas da Febrapsi e das Federadas, o tema do Congresso, assim como esteve presente nas discussões e na execução do programa científico. Sua participação se estendeu com a organização do já tradicional Pré-congresso ABC, com a temática "O Estranho em tornar-se psicanalista: novas configurações", espaço aberto para reflexões sobre as instigantes questões relativas ao estranhamento vivenciado pelos candidatos em sua formação psicanalítica, pois sabemos como os processos primitivos, "estranhos", são ativados ao longo da formação, na constituição da identidade psicanalítica que vai lentamente se estabelecendo. Com certeza, essas reflexões possibilitarão a elaboração de importantes pontos referentes a essas vivências.

De todo o trabalho da ABC, nasce *Construções VI*, cuja temática remete ao tema do Congresso, "O Estranho – Confidências". O livro é prova

viva do crescimento dos candidatos, fruto da formação psicanalítica calcada em três eixos, recentemente acrescido de mais um, a participação na vida institucional. Essa participação, por meio de trocas intelectuais e afetivas com membros mais experientes, fortalece a identidade psicanalítica do candidato, como testemunhamos na SBPMG, cujos candidatos estão presentes em todas as áreas de trabalho. Fazem parte das comissões dos diversos setores, colaboram na organização de eventos, apresentam trabalhos nas atividades científicas, ou seja, são presença forte na vida institucional, contribuindo muito para o nosso crescimento.

Essa participação é também importante para os membros, pois as inquietações e os questionamentos dos candidatos lhes oferecem uma oportunidade para pensar/repensar, com um frescor, com um novo olhar, mistura de tradição e contemporaneidade, as questões sobre "ser psicanalista" e sobre a psicanálise em geral.

Em *Construções VI*, espaço representativo do aprendizado e das vivências dos candidatos, vamos encontrar suas reflexões, suas contribuições criativas sobre o estranho em si, na instituição e na formação psicanalítica, ampliando o saber psicanalítico sobre essas questões.

Agradeço à presidente da ABC, Cecília Cruvinel, e a toda a diretoria, a enorme ajuda prestada ao 27º Congresso Brasileiro de Psicanálise e os parabenizo pela organização e publicação do livro *Construções VI*. Sucesso!

Anette Blaya Luz
Presidente da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi)

O estranho: confidências

Escrever estas breves palavras para o livro *Construções VI* é motivo de orgulho, mas também de apreensão. Explico: acompanhei bem de perto a criação dos outros livros *Construções*, anteriores a este, e ver todo esse processo se desenvolver nas mãos dos nossos candidatos nos faz ter a convicção de que vocês, jovens que nos sucederão, serão mais competentes do que nós fomos, e isso traz uma sensação muito gratificante de missão bem cumprida.

Por outro lado, preciso assumir uma inconfidência: eu havia me esquecido de escrever estas linhas, de tão ocupada que estive nos últimos três meses com as demandas do 27º Congresso Brasileiro de Psicanálise, que aconteceu em Belo Horizonte entre os dias 19 e 22 de junho deste ano. Nada grave, mas certamente desagradável e deselegante de minha parte. Por sorte a presidente da ABC, Cecília Cruvinel, fez a gentileza de me lembrar desse compromisso.

Então, por que relatar isso? Porque as inconfidências precisam ser esclarecidas e ventiladas, transformadas em confidências, para que não se tornem tóxicas à mente, ou às sociedades e institutos. Assim, mesmo parecendo estranho, acho importante confessar a falha e fazer essa confidência ao leitor, que espero que possa me perdoar.

Construções VI tem tema ligado ao tema do Congresso, "O Estranho – Inconfidências". Para quem não sabe, a criação do tema do congresso acontece numa reunião com os membros da diretoria da Febrapsi e o Conselho Profissional, composto por representantes de todas as sociedades e grupos de estudo da Febrapsi. A reunião só termina quando chegamos ao *habemos tema*. Nesse congresso aconteceu algo muito especial, que meu amigo Hemerson Mendes descreveu assim:

> A fecundação, período sujeito a tormentosas discussões, se deu, para alguns, estranhamente, em perfeita sincronia. Diretores científicos de todas as nossas federadas fizeram a costura de dois temas soprados/trazidos pelo

minuano. O centenário de "O estranho" foi reforçado pela referência histórica à "Inconfidência". A paixão pelo tema freudiano foi acolhida e reconhecida pela noiva das Gerais. Que abraçou a causa.

O tema surgiu muito rápido, e foi unânime sua escolha. Muito fácil mesmo. Um pensamento sem pensador aguardando para ser captado e pensado. Isso fez que nossa reunião fosse estranhamente harmônica na eleição dessa temática.

Agora me faço a seguinte pergunta: por que *Construções VI* escolheu Estranho: Confidências, em vez de Inconfidências? Por que seria? Imagino que uma razão possível seria para ficar levemente distinta do tema do Congresso, embora remetesse a ele. Mas também poderia ser devido ao fato de apresentar textos repletos de confidências, ou ainda outra razão que não alcanço agora.

Ao mesmo tempo, sempre que cometemos uma inconfidência estamos apresentando uma confidência a alguém. Essa dialética faz parte de nossa prática psicanalítica cotidiana. Por exemplo, quando os candidatos estão levando o material clínico que algum paciente lhes confiou, uma inconfidência está sendo cometida, ao mesmo tempo que o candidato está cometendo uma confidência, ao confiar no colega supervisor do seu caso clínico. Estranho isso, não parece? E ao mesmo tempo muito familiar a toda pessoa que está fazendo sua formação em psicanálise.

Como equacionar esse paradoxo? Aqui sigo Winnicott, quando ele propõe que não se deve buscar saber se o objeto foi criado, ou não, pelo bebê. Ele existe e pronto. Da mesma forma penso sobre nossa questão. Existem tensões que precisam se manter como tal.

Seja como for, o mais importante é que tanto o Congresso quanto este livro, *Construções VI,* nos oportunizam entrar em contato, de forma mais profunda e consistente, com essa obra tão rica que é o texto "*Das Unheimliche*". Nenhum de nós será o mesmo depois de ter se debruçado sobre esse texto freudiano. Da mesma forma, nenhum de nós é o mesmo que era antes de participar do 27º Congresso Brasileiro de Psicanálise, bem como ninguém será o mesmo após mergulhar nas páginas de *Construções VI*.

Boa leitura a todos. Parabéns à ABC por mais esta publicação.

Confidências

CONSTRUÇÕES VI, 35-45. 2019

O estranho, o estrangeiro, a mente
Esta estranha inconfidente[1]

Cláudia Cristina Antonelli,[2] Campinas

Resumo: Este breve ensaio discorre minuciosamente sobre acepções e lugares do Estranho/*Das Unheimliche* na literatura científica e literária; apresenta-o como conceito-limite na psicanálise, enquanto o expande para outros registros dentro da própria obra freudiana. Finaliza pela nomeação do funcionamento mental como algo de estranhamente inconfidente, conforme visto no encontro analítico. Uma pequena vinheta clínica permeia a última parte.
Palavras-chave: psicanálise, *das unheimliche*, cultura, o estranho, a mente

Eu percebo que não é normal… Eu não controlo o que sinto… Bem, sentir não é o problema… mas o que eu faço com isto. Eu… Ele foi trabalhar, a gente tinha discutido… já vinha discutindo… Eu não sabia mais o que fazer… Eu, eu botei fogo na casa. (Paciente x)

Falar do estranho, conforme veremos, não é uma fala nova. Nem na voz das ciências, tampouco na da literatura não científica, tal qual já nos anunciava o poeta Rimbaud, em 1871, em correspondência a Demeny: *"Eu é um outro"*. Já nosso conterrâneo, Machado de Assis, nos ensina em seu conhecido conto "O alienista" (1882/1994) que o estranho/estrangeiro não era *o outro* – mas ninguém além dele mesmo, levando-se em conta, dentro do tema, o encontro com o diferente: o diferente que, no fundo, nos é comum a todos, segundo a trama contada por seu protagonista, Dr. Simão Bacamarte.

Ao saltarmos em direção a tempos mais atuais, encontramos alguns clássicos da Literatura, como *L'étranger* (*O estrangeiro*, que valeu a Albert Camus o prêmio Nobel de Literatura, França, 1942), no qual o protagonista

1 Primeiro lugar do Prêmio Virginia Bicudo 2019.

2 Do Instituto de Psicanálise da Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas).

seria "como um estrangeiro, não em relação a um país, mas em relação à própria humanidade" (para além de toda a complexidade que a questão argelina implica para a França); ou ainda, para Kristeva (1994), "é a perda da mãe que *o faz estrangeiro"*. Também na literatura especializada, temas relacionados ao estrangeiro são frequentemente pesquisados e discutidos pelas ciências humanas, assim como pela psicanálise, em especial desde a Segunda Grande Guerra.

No entanto, nas ciências humanas, em sua maior parte, o assunto parece ser tratado a partir de um olhar de quem localiza o estrangeiro "fora", colocando-o num espaço e num tempo extrínsecos aos de quem o olha, o observador. Assim, já de partida, o estrangeiro é de fato tido como estrangeiro: "o outro". O que parece natural, se levarmos em conta que o objeto de interesse das ciências humanas é, afinal, "o outro homem". Referimo-nos à antropologia, à arqueologia, à sociologia, à história e mesmo a algumas psicologias, dentre outras disciplinas.

Já para os autores da psicanálise, o assunto parece voltar-nos o olhar, também estrangeiro, não somente "ao outro", mas também, sobretudo, a nós mesmos. Uma vez que o objeto de nossa busca já não seria exatamente o mesmo que o das "ciências humanas em geral". Com a especificidade da psicanálise, o olhar do pesquisador volta-se para o universo inconsciente, localizando o estrangeiro, antes, em seu próprio psiquismo – do próprio "admirador" –, de onde, afinal, surge a noção de estranho/estrangeiro.

Porém, ambos os estrangeiros – se assim falarmos –, tanto aquele das ciências humanas quanto o da psicanálise – o inconsciente –, podem ser e seriam, em última análise, aspectos de um mesmo, levando Koltai (2000) a nos anunciar: "O estrangeiro, um conceito-limite". Limite que, por definição da palavra, nos remeteria a fronteiras, onde o psíquico e o conceitual se con-fundiriam.

No livro *O estrangeiro,* organizado por Koltai (1998), veremos Enriquez nos falar do tema a partir de formações identitárias. Assim, o autor desenvolve o assunto utilizando-se da ilustração do judeu como figura paradigmática do estranho/estrangeiro, relevando questões subjetivas e muitas vezes inconscientes. Para ele,

> o outro é sempre suspeito, geralmente com razão, de querer nos invadir, introduzir-se em nosso interior, usufruir-nos, tornar-nos culpados, provocar-nos a vergonha, a dúvida, em uma palavra, de ocupar o lugar do diabólico" (Enriquez, 1998, p. 37).

> Talvez este duplo que tentamos chamar "de dentro" e o "de fora"; nós e os outros; nós o amamos, e o detestamos ao mesmo tempo … *O estrangeiro real e o estrangeiro em nós, se juntam.* Rejeitando o estrangeiro, se está "seguro" de não ser contaminado por ele. (Enriquez, 1998, p. 40, grifo nosso)

Enriquez esclarece que há aí um empobrecimento da compreensão do outro, suposto diferente. "Há sempre em nós um duplo", diz-nos ainda. O autor conclui: o que descobrimos no interior de nós mesmos, afinal, não é o repugnante no outro, mas "nossa própria estranheza". Tal qual já postulava Freud em 1919, conforme sabemos e reveremos adiante.

Por sua vez, Figueiredo (1998, pp. 61-75), nessa mesma coletânea, fala-nos do tema sob outro eixo específico, que será o lugar que a alteridade ocupa nos processos de subjetivação. Inicia lembrando-nos, com base em Laplanche,[3] de que os processos de constituição e reconstituição da subjetividade se dão a partir e tão somente do encontro com as alteridades, ou seja, do encontro – moderada ou intensamente traumático – com o estrangeiro.

Compreendendo esse processo, o autor pontua o surgimento do estranho, exatamente "de onde não se esperava", ou seja, *da mais absoluta proximidade.* Esse estrangeiro "será tão mais espantoso, quanto mais próximo emergir". Em decorrência, as formas mais típicas de lidar com essa situação, prossegue, serão "ou bem negar esta proximidade, mantendo o estranho tão longe quanto possível, ou bem ignorar sua estranheza" (p. 62).

Para evidenciar esse fenômeno, ainda em sua leitura de Laplanche, Figueiredo (1998) esclarece que todo processo de constituição da subjetividade é pautado pelo encontro da criança com a alteridade do adulto, com

3 Textos reunidos na coletânea *La Révolution Copernicienne inachevée* (A Revolução Copernicana inacabada), 1992.

o adulto na sua estranheza. Não se tratando aí de "um adulto em especial", pontua, mas *do mundo adulto*, "denso, rico de sugestões, excessivamente complexo, impossível de ser capturado e metabolizado, e – *invasivo*" (p. 63, grifos nossos). Porém, esta alteridade no adulto, ou esta "fonte estrangeira de mensagens", não seria constituída apenas pela diferença entre o adulto e a criança: haveria aí algo mais decisivo. Tratar-se-ia, diz-nos ainda o autor, da diferença do adulto para consigo mesmo, ou seja, "da alteridade implicada no/pelo inconsciente do adulto como corpo estranho e estrangeirice própria. *É esta alteridade do próprio, é este inconsciente que torna o adulto enigmático para si mesmo e, mais ainda, para a criança*" (p. 63, grifos nossos).

Figueiredo ilustra dessa forma a imponente dimensão inconsciente na qual se encontram imersas e banhadas essas questões que permeiam nosso tema:

> A medalha nos seus verso e reverso nos mostraria que a cada vez que alguém me aparece como outro, "partes" deste alguém já estão fazendo ou fizeram o seu trabalho matricial, ou seja, já estão presentes como o "meu" mundo, como o "meu" código de interpretação. (Fiqueiredo, 1998, p. 71)

Por fim, Hassoun, psicanalista francês também autor nesta coletânea, fala-nos a partir de aspectos inconscientes e subjetivos do "estranho/estrangeiro" de cada um: "Nascer no estrangeiro, no *outro*, no diferente, na alteridade, é uma prova da qual nenhum sujeito escapa" (1998, p. 84).

"O estrangeiro", afinal, "somos nós", reafirmou veemente Kristeva, em sua bela obra a respeito do assunto. Nascemos de outro corpo, a partir da junção de outros – somos o terceiro, somos sempre o estrangeiro. Conforme veremos melhor a seguir, em diálogo com esta e outros autores da psicanálise, estranha é nossa vida mental.

O lugar do estranho *inquietante* na psicanálise

Koltai (2000) nos mostra que a questão *estranho-estrangeiro* permeia a obra de Freud não somente em seu conhecido texto "O estranho" (1919), mas também em quase toda a sua extensão. Lembra-nos de que seu primeiro objeto do olhar, desde lá no início, já era "o estranho" no sujeito psíquico: o que havia nas histéricas que não era passível de ser *visto* nos exames médicos neurológicos e, no entanto, provava sua existência pelo sintoma? Foi o que intrigou Freud e o levou, ao longo de toda a sua produção, a falar disto: do estranho na mente humana. Afirmou: "O reprimido é território estrangeiro para o ego – território estrangeiro interno – assim como a realidade (que me perdoem a expressão inusitada) é território estrangeiro externo" (Freud, 1932/1980d, p. 63).

O estranho está em nós, não "veio de fora", tampouco seriam posses alheias demoníacas como se pensou em um dia medieval. Prossegue Freud:

> Nada vindo de fora penetrou em você; uma parte da atividade da sua própria mente foi tirada do seu conhecimento e do comando da sua vontade. … e é impossível concentrar a totalidade da sua força como você o faria contra um inimigo externo. (1918 [1914]/1980b, pp. 176-177)

Lembra-nos ainda Koltai (2000) de que Freud, em "Projeto para uma psicologia científica" (1895), fala-nos em "ajuda estrangeira", referindo-se ao adulto que se ocupa da sobrevivência do *infans*. Esse "desconhecido próximo que é concomitantemente um objeto hostil e o único de quem se pode esperar uma ajuda" (p. 82), essa ajuda estrangeira. Podendo haver, ainda, *um outro que surge em seu lugar* – no lugar do adulto que se esperava –, causando ao bebê estranheza. Freud se refere a casos em que "a criança está sozinha, no escuro, e encontra uma pessoa estrangeira no lugar daquela que lhe é familiar (a mãe)", e o estranho-estrangeiro é, então, o *não-mãe*. (1926/1980c, p. 91, grifo nosso).

Propomos que reiteramos nosso lugar de "estrangeiros" quando ingressamos no mundo da linguagem: na esfera simbólica do circuito

humano. Quando cada um, ao deixar seu mundo natural, simbiótico e predominantemente orgânico-sensorial do útero, ingressa inexoravelmente no universo da falha, da falta, da ausência – marcados pelo símbolo, com toda a sua complexidade.

Outras acepções de estranho/*unheimlich*

Há ainda, para a psicanálise, a compreensão da estruturação mental, causa de estranhamento ao sujeito: "A posição do neurótico, do psicótico, do perverso, na medida em que cada um deles – de nós –, em sua posição, encontra-se exilado" (Koltai, 2000, p. 27).

> Há a ilusão de que, ao analisarmos alguém como nós, da nossa cultura, o trabalho será mais fácil e o acesso mais direto às representações inconscientes. O inconsciente é, e sempre será inconsciente, em qualquer língua ou em qualquer cultura. (Kacelnik, 2010, p. 103).

Das Unheimliche pode ainda referir-se ao próprio lugar da análise, visto como uma experiência específica de encontro com o estranho. Assim nos disse Fédida, em *Le site de l'étranger: la situation psychanalytique* (1992/2009).

Lagarde (2004), em consonância com Fédida, entende que a experiência da psicanálise seja a própria experiência do exílio, enquanto Segers dirá que o lugar do estranho se confunde com o lugar da psicanálise mediante a experiência da transferência: uma concepção próxima à do exílio íntimo, ou "interior" (2009, p. 35).

Kristeva nos fala a respeito disso:

> Não sou mais búlgara que francesa. A psicanálise me levou a pensar que é o exílio que me constituía, e não eu que a ele pertencia. Que nossa verdade está em nossa capacidade de nos exilar, ou seja, de tomarmos distância em relação à (nossa própria) origem. (1994, p. 111)

Ainda vertida sobre a obra de Freud, Koltai (2000) encontrou o termo *unheimlich* também como "representante do feminino"; ou, assim como Freud o denominou algumas vezes, o "continente negro ou desconhecido" (Freud, 1926/1980a, p. 242).

Por fim, a mente: essa estranha inconfidente

> *Eu percebo que não é normal… Eu não controlo o que sinto… Bem, sentir não é o problema… mas o que eu faço com isto. Eu… Ele foi trabalhar, a gente tinha discutido… já vinha discutindo… Eu não sabia mais o que fazer… Eu, eu botei fogo na casa.* (Paciente x)

Há algo do universo psíquico desta paciente que logo nos primeiros momentos de um primeiro encontro se confidencia: algo que não se esconde ou se resguarda, nem dentro de si, nem em relação a mim. A raiva, o ódio, o que quer que tenha vivido prévio ou junto ao ato que me descreve, havia transbordado: seu *unheimlich* torna-se seu crime. Pareço escutar aí, no *unheimlich/estranho* de seu ato (e de cada sujeito), a própria via régia à mente humana: o correlato dos sonhos.

Uma história de vida excessivamente saturada – não de vivências, mas de ações de sobrevivência; os trinta e poucos anos de fatos impiedosamente descritivos; a fala pesada, mecânica, sem afeto; a não ser pelas explosões emocionais esporádicas. Agora, *"como se viessem em avalanche"*. Como se o dique construído ao longo dos anos se rompesse, atualmente vez após outra, e tudo o que havia ficado trancafiado a alto preço (o da alienação) vazasse e invadisse – a ela mesma e ao entorno.

> *E eu fui embora. Juntei minhas coisas e fui embora… Bem, eu parei, na quadra ao lado… Vi que as pessoas se juntavam ali perto da casa em chamas. Eu queria ver, o que iriam fazer.* (Paciente x)

Como se a uma quadra de distância pudesse observar então o resultado de seu *ato psíquico*, atuado. Poderia observar o que acontece quando se

faz algo desmesurado; como se pudesse observar uma parte de si – o que deixou ali para trás – a distância. Numa espécie de *simulacro de espaço de análise*, ocorreu-me. Observar-se. Conforme visto, *Unheimlich* pode e refere-se ao lugar da análise, visto como uma experiência específica de encontro com o estranho/estrangeiro *em si*; tal qual descreveu Fédida em 1992, citado na primeira parte.

Ali, logo no início – algo tão estranho quanto possivelmente desejado, o *unheimlich* do encontro consigo mesma parece ter-se dado: a estranha e imediata vazão de si, o encontro com *o estético pouco falado*, conforme postulado por Freud no início de seu texto (1919). Aspectos de uma verdade mais profunda que, ao trair sua camuflagem – sob a pressão do encontro com a analista –, revelam-se, descortinando assim a inconfidência do próprio inconsciente: o ato assustador, a própria casa em chamas.

> *Eu sinto muito intensamente… o bom, o ruim… Eu sinto muito intensamente. Com o remédio, isso parou… Acabou tudo… Eu não sentia mais assim… mas também, não sentia mais nada. Isso também não é legal. Eu não sentia mais nada.* (Paciente x)

O que lhe é *estranho* é sua impulsividade, sua impossibilidade. Um *estranho* que a habita e encontra, então, um lugar para se reconfirmar: diante, agora, do outro. Num jogo intenso de identificações, é possível que naquele *lugar*, campo analítico, a paciente tenha podido "idealizar" ou intuir um continente para aquilo que ela desconhecia e não "dominava": *"o que eu faço com isto"*.

G. ("Paciente x") não se encontrava mais em típica idade para vestibular, mas tentava se preparar incansavelmente – talvez até mesmo obcecadamente – para um, já havia anos. Falava-me de seus "simulados":

> *Sim… Simulado assim eu fico tranquila, vou fazendo, sei que é simulado… O difícil é a prova de verdade, aí fico nervosa… muito tensa… Às vezes me esqueço do que já sei…*

Os dois meses seguintes fluíram ao ritmo de 4 sessões semanais. Teriam sido "um simulado de vida"? De uma vida possivelmente diferente; não mais da sobrevivência, mas do viver. No que foi se configurando como um mundo sensorial mais amigável entre nós – e dentro dela –, mais estável, não ameaçador: de escuta mútua e atenta, tanto externa quanto interna; de olhares, de breves sorrisos.

Não por coincidência, pareceu-me que G., ao chegar, antes mesmo de iniciar a fala, provava uma sensação de prazer, de satisfação e plenitude – por simplesmente *estar ali*. Como o encontro de um bebê (psíquico) com uma mãe afável; às vezes como o *infans* após mamar. (G. vinha às sessões com uma pequena garrafa térmica em seu colo, a qual preenchia com a água de minha clínica). Ela havia encontrado a possibilidade de uma análise intensa, ou seja, de um acolhimento exclusivo e estável para si.

Até então sua vida lhe era um território *estrangeiro,* como ela descrevia: não conseguia permanecer muito tempo com as mesmas pessoas, mesmo da família, num evento social. Precisava se retirar. Não se "misturava", não se sentia bem. Estava ela agora apontando para um lugar outro, ali comigo?

> *Neste simulado da sexta, um professor de Geografia nos explicou sobre a diferença entre lugar e localidade. Ele disse que lugar é um lugar que para nós tem algum sentido, e localidade é somente a localização de algo… Como a casa da infância, é um lugar… e o exercício pedia justamente isto, poder descrever um lugar importante para nós, onde voltaríamos se pudéssemos… Um lugar em que eu me sinta bem, me sinta segura…* (Paciente X)

O modelo de análise oficial proposto segundo a nomenclatura Eitingon de formação IPA,[4] talvez por um lado um modelo "estranho" ele mesmo, principalmente para algumas situações e configurações psíquicas, pelos seus requisitos e proposta exigente; por outro, um modelo de

4 Votada no Congresso da International Psychoanalytical Association (IPA) de Buenos Aires (2017) a possibilidade de frequência do paciente a partir de 3 sessões semanais.

"aposta" num método que, assim – dessa exata maneira –, pode propor algo sustentador.

Aquele primeiro encontro com G. (o da própria entrevista) fez-me apostar nesse formato de andaime com ela especificamente, para que ali pudéssemos discorrer sobre seu mundo interno que, como me contava, era-lhe esburacado, angustiante e imprevisível, tal qual um chão minado. Era necessária uma base segura e suficientemente contínua, na qual ela pudesse, novamente, caminhar – ou, quem sabe, dar seus primeiros passos.

Referências

Antonelli, C. C., & Terzis, A. (2011). A fala de cada um: uma investigação psicanalítica no contexto clínico. *Rev. Pensamento Plural, 5*(1), 13-20.

Assis, M. de (1994). O alienista. In M. de Assis, *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguiar. (Trabalho original publicado em 1882)

Camus, A., (1942). *L'étranger*. Paris: Gallimard.

Fédida, P. (2009). *Le site de l'étranger: la situation psychanalytique*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1992)

Figueiredo, L. C. (1998). A questão da alteridade nos processos de subjetivação e o tema do estrangeiro. In C. Koltai (Org.), *O estrangeiro* (pp. 61-75). São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1980a). Análise leiga. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1980b). História de uma neurose infantil. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 176-177). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918[1914]).

Freud, S. (1980c). Inibição, sintoma, e angústia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1980d). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, p. 63). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)

Freud, S. (1980e). Sexualidade feminina. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931)

Enriquez, E. (1998). O judeu como figura paradigmática do estrangeiro. In C. Koltai (Org.), *O estrangeiro* (pp. 37-60). São Paulo: Escuta.

Hassoun, J. (1998). O estrangeiro: um homem distinto. In C. Koltai (Org.), *O estrangeiro* (pp. 83-104). São Paulo: Escuta.

Kacelnik, J. (2008). Em que língua teria Édipo conversado com a Esfinge? *Ide, 31*(47), 98-104.

Kacelnik, J. (2010). *A clínica psicanalítica em língua estrangeira*, Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

Koltai, C. (Org.). (1998). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta.

Koltai, C. (2000). *Política e psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta.

Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos* (M. C. C. Gomes, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.

Lagarde, P. S. (2004). Seminário *"Qu'est-ce que l'étranger?"*. Paris: Parole Sans Frontière.

Oliveira, M. V. F. (2002). O bosque das paixões: intertextualidade e tradução intersemiótica em *"O castelo dos destinos cruzados"*. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória (ES).

Segers, M. J. (2009). *De l'exil à l'errance*. Paris: Erès.

Cláudia Cristina Antonelli

claudia.antonelli@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 47-54. 2019

Da poltrona ao divã
Confidências de uma analista em formação[1]

Valéria Silveira,[2] Pelotas

Resumo: A autora vai ao longo do texto refletindo e elaborando sua compreensão de como se dá um processo psicanalítico, a partir de seu primeiro caso clínico. A paciente Emy aparece como representante dos outros pacientes atendidos pela autora ao longo de sua formação profissional. O trabalho traz a visão do processo de formação psicanalítica, o qual envolve perdas e ganhos, mediante um profundo contato consigo, como o próprio Estranho das ideias de Freud.
Palavras-chave: formação psicanalítica, o estranho, confidências, processo psicanalítico

> Depois da busca por ser familiar, tornar-se estranho. Entranhar-se, descobrir novas formas de ser. Pertencer a nada. … Amigar-se da fera no escuro do poço. Ao invés de um confortável entorpecimento, ter uma febre. Pegar o rato com as mãos. Amar. Estar presente, o mais que puder, em cada instante. O efêmero e eterno, do qual, uma vez, peguei um vislumbre. Como uma febre, mansa, no cantinho do olho. Tornar-se Clarice e, na descoberta do mundo, perdoar Deus. É, a vida é mesmo algo muito estranho. Acolher a vida é algo estranhamente poético.
> (Denise Zanin, 2019)

Para começar…

Emy e eu nos acompanhamos há sete anos. Minha primeira paciente do estágio de clínica na faculdade de Psicologia segue em tratamento comigo. Jamais poderia imaginar o percurso que percorreríamos quando escutei sua história pela primeira vez. Eu, naquela época, sem imaginar qual seria "meu rumo" profissional pós-faculdade, era tomada de uma mistura de sentimentos – os quais imagino serem comuns aos que iniciam seu

1 Segundo lugar do Prêmio Virgínia Bicudo 2019.
2 Do Instituto da Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel).

estágio de clínica – ela, uma menina sufocada pela falta de espaço no qual tentava sobreviver. Não pretendo detalhar o caso de Emy neste trabalho. Ao tentar colocar em palavras algo do estranho em meu percurso na formação, porém, ela me aparece como uma espécie de espinha dorsal de meu processo até aqui, a paciente que está presente desde meu início na clínica.

Ela me traz uma série de questionamentos, começando com: o que faz a paciente estar em tratamento há tanto tempo? O fato de ela continuar e nunca ter interrompido seu tratamento comigo contraria uma série de fantasias minhas quanto ao ser psicoterapeuta/analista. Uma delas é a fantasia de que se precisaria de muita experiência e conhecimento teórico técnico aprofundado para que o paciente permanecesse em tratamento e se beneficiasse dele. Há outras questões que surgiram com Emy, mas podem ser extensivas aos meus demais pacientes ao longo desses anos. Algumas delas são: eu estou verdadeiramente ajudando a paciente? E como estaria? O que, no tratamento, provocou as mudanças ocorridas na vida dela nesse período? Seria o fato de ela estar tendo um espaço só dela? Será que alguma forma de identificação comigo fez que ela se "desprendesse" da mãe e pudesse crescer? Penso que minhas inquietudes surgem da vontade de compreender como se dá um processo psicanalítico, e é esta a pretensão do presente trabalho. Não tenho por objetivo responder a todos esses questionamentos aqui, mas, sim, usá-los como mola propulsora da tentativa de elaborar, por meio da escrita, meu processo psicanalítico como analista em formação. A forma que sinto como mais verdadeira de fazer isso é utilizar Emy como representante dos vários pacientes que estiveram presentes ao longo desse meu processo, no qual ainda me sinto a engatinhar.

Com base no tratamento de Emy, e ao me deparar com a realidade de seus progressos, desfiz, aos poucos, minha fantasia sobre o ser psicoterapeuta/analista descrito acima. A estudante universitária que tinha sua vida paralisada por recorrentes crises de ansiedade hoje está em análise. Ela terminou sua faculdade, logo se engajando no mercado de trabalho. Há pouco concluiu uma especialização e vive um processo de (re)descoberta de sua identidade/sexualidade. Lembro, porém, que no início de seu tratamento,

devido aos meus poucos recursos técnicos e inexperiência, restava-me dar espaço para a paciente falar de suas angústias. Muito mais a escutava do que fazia intervenções verbais. Eu, porém, verdadeiramente me interessava por suas histórias. Emy tinha muito a dizer. Hoje penso que isso construiu e firmou a ligação dela comigo. Freud aponta a importância disso como o primeiro objetivo do tratamento:

> Se se demonstra um interesse sério nele, se cuidadosamente se dissipam as resistências que vêm à tona no início e se evita cometer certos equívocos, o paciente por si próprio fará essa ligação e vinculará o médico a uma das imagos das pessoas por quem estava acostumado a ser tratado com afeição. É certamente possível sermos privados desse primeiro sucesso se, desde o início, assumirmos outro ponto de vista que não o da compreensão simpática, tal como um ponto de vista moralizador, ou se nos comportarmos como representantes ou advogados da parte litigante – o outro cônjuge, por exemplo. (Freud, 1913/1996d, p. 154)

Encontrei em Freud e em outros autores certo respaldo de que no tratamento de Emy havia um processo analítico, e de que este foi constituído por etapas. A primeira foi constituída de um longo período sem espaço para o silêncio, sessões preenchidas de muita fala dela e escuta minha. Conforme buscava recursos na teoria, bem como em minha análise pessoal, fui percebendo que um dos papéis do analista é enxergar o momento emocional do paciente. Winnicott diz que "no desenvolvimento inicial do ser humano o ambiente que se comporta suficientemente bem *possibilita a ocorrência do crescimento pessoal*" (1954, p. 477). Entendo que meu olhar para ela e minha escuta atenta, sem a sobrecarga de interpretações, podem ter sido sentidos por Emy como esse ambiente, o que atendeu suas necessidades naquele momento inicial do tratamento. Anos mais tarde Winnicott coloca que se pudermos esperar, o paciente chegará à compreensão criativamente, e com imensa alegria (1971, p. 121). Com dois anos de tratamento psicoterápico Emy parou de tomar medicação e

aumentou sua frequência no tratamento comigo. As crises de ansiedade não existem mais desde então.

Apesar de perceber as mudanças na paciente, meus questionamentos, e aqui posso colocar, meu estranhamento com o que se passa em um tratamento psicanalítico continuam. Para seguir pensando sobre eles darei uma pausa aqui nas informações sobre Emy para trazer alguns aspectos do meu processo psicanalítico ao longo desses sete anos.

A formação de um ser analista…

Diferentemente de grande parte das pessoas que ingressa no curso de Psicologia, eu não queria trabalhar com clínica. Na verdade, tinha dentro de mim a ideia de que por ser muito expressiva não conseguiria manter a tão falada neutralidade necessária diante do paciente. Assim meu caminho seria evidentemente outro. Três semanas antes de começar a atender Emy, no entanto, dei início a um tratamento de psicoterapia, conforme indicavam os professores, optando pela orientação psicanalítica. Minha ingênua ideia era a de que esse duraria apenas até o fim da faculdade. No entanto, Emy e os demais pacientes, minha percepção dos benefícios do tratamento para minha vida e a necessidade de aprofundar esse encontro comigo mesma me levaram ao longo processo no qual me sinto profundamente mergulhada hoje, a formação psicanalítica.

Com o término da faculdade comecei a atender em consultório e iniciei uma especialização em psicoterapia de orientação psicanalítica, aumentando a frequência da minha psicoterapia para duas e, depois, ainda no mesmo ano, para três sessões semanais, passando para o divã. Ao final da especialização, aumentei a frequência para quatro sessões. Lembro-me nesse momento de me defrontar com o impensável. Ao longo da graduação e antes de iniciar minha psicoterapia era realmente impensável uma análise de alta frequência, bem como muitas das transformações que esta trouxe para outras áreas da minha vida.

Como um movimento que a essa altura me parecia natural, dentro do meu ritmo do momento, encaminhei o início da formação psicanalítica.

Para isso, no entanto, precisei trocar de analista, para iniciar a análise didática. Um processo verdadeiramente doloroso, sofrido, uma real perda necessária para o desenvolvimento. Como tais perdas costumam ser, vivi-a cheia de dúvidas e medos, muitos medos. Como abandonar a analista-mãe que trouxe tantas possibilidades para minha vida? Como trocar a analista que tanto havia me ajudado a crescer por outra que nada sabia de minha história? Meu primeiro pensamento quando cheguei ao novo consultório e olhei para o divã foi evidente de meu sentimento: "esse divã deve ser muito desconfortável!". Sim, o processo psicanalítico tem esse objetivo. Ele nos tira da nossa zona de conforto. Vamos mergulhando num escuro de medos, dores, angústias, sem saber para onde estamos indo. Por vezes somos tomados de terrores que muito se parecem com os terrores noturnos das crianças que acordam chorando, buscando que a mãe as tranquilize. Eu tentava me tranquilizar ao pensar que minha analista me conhecia e sabia bem de meus medos; ela não me estimularia a esse caminho estranho se achasse que eu não teria condições mínimas de enfrentá-lo. Confiando nisso, pela confiança nela e em tudo o que já havíamos vivenciado, e por sentir que estava seguindo meu próprio ritmo, fui em frente.

Cazuza, de uma forma lindamente poética, na interpretação de Ney Matogrosso, toca esse processo que descrevo e que me parece trazer aspectos da passagem à posição depressiva descrita por Klein (1935). Ele diz:

> Hoje eu acordei com medo, mas não chorei
> Nem reclamei abrigo
> Do escuro eu via um infinito sem presente, passado ou futuro
> Senti um abraço forte, já não era medo
> Era uma coisa sua que ficou em mim
> De repente a gente vê que perdeu
> Ou está perdendo alguma coisa
> Morna e ingênua
> Que vai ficando no caminho

Que é escuro e frio, mas também bonito
Porque é iluminado
Pela beleza do que aconteceu há minutos atrás.[3]
(Poema, Cazuza e Frejat)

A canção interpretada por Ney delineia poeticamente o que Klein (1935) nos trouxe por meio da sua compreensão psicanalítica da posição depressiva. Ela diz que é a ansiedade depressiva a fonte da capacidade de amar. Essa é inicialmente expressa mediante ansiedade pela destruição do outro, culpa, remorso e tristeza relacionada com a possibilidade de perdê-lo – sentimentos evidentemente vivenciados por mim nesse processo de mudança de análise. No entanto, ela também diz que com isso a criança se torna capaz de encontrar outros objetos de interesse e direcionar seu amor a outras pessoas e coisas.

Com o apresentado trago o que me parece o ponto crucial deste trabalho: minha confidência sobre o processo da poltrona ao divã que vivi como analista em formação, um mergulho estranhamente transforma(dor). O estranho desse momento surge com toda a complexidade trazida no estudo de Freud sobre "O estranho", em 1919. O termo que ele apresenta com significados ambivalentes, expressando algo entre o assustador, angustiante, e o familiar, conhecido e que evoca o lar parece-me dar nome à minha compreensão de um processo psicanalítico que caminha em direção ao desenvolvimento emocional. Seja no caso de Emy, no de outros tantos pacientes ou no meu, ao falar de processo psicanalítico penso que estamos diante do próprio estranho, como investigado por Freud (1919/1996b). Nesse, diante do contato com o mais profundo de nós mesmos, nos vemos mergulhados num mar de muitos estranhamentos. Vamos nos familiarizando com o que sempre esteve ali, mas não enxergávamos, e que por

3 Em "Conversa com Bial" (6 de abril de 2018), Lucinha Araújo, mãe de Cazuza, conta que o filho presenteou sua avó paterna com um poema. Após o falecimento de sua sogra, Lucinha encontrou em meio a fotos uma folha dobrada com o escrito que chamava "Poema para Maria", achou aquele poema lindíssimo, simples e tocante. Decidiu enviar a Frejat que transformou o poema em música, dizendo que ficaria perfeita na voz e interpretação de Ney Matogrosso.

isso se faz inicialmente tão assustador. Esse intenso contato que a análise propõe parece ir transformando o assustador em uma possibilidade de encontro com o que é mais verdadeiro e íntimo, à medida que se vai dando curso à análise da transferência e à consequente superação das resistências (Freud, 1926/1996a). Esse estranho processo proposto desde Freud, se bem-sucedido, traz consigo a sensação de integração do ego e aumento da capacidade de o paciente utilizar seus recursos.

Para finalizar…

Diante do exposto concordo quando em 1912 Freud diz que não é possível se ensinar psicanálise. É necessário viver esse processo. Sinto-me, como expus logo no início deste trabalho, ainda engatinhando na arte psicanalítica. No entanto, sinto e entendo que todos os passos na direção da (re)construção de minha identidade me trazem a possibilidade de maior integração, um verdadeiro encontro comigo. Penso que esse mergulho na formação analítica, bem como todas as perdas necessárias que ela pressupõe, aqui evidenciadas por minha mudança de analista, são parte fundamental do que fez Emy também querer continuar seu processo. Ela não sabe, mas muito desse investimento que faço evidencia meu contínuo interesse por suas histórias e minha busca de recursos para ajudá-la. Finalizo com a última fala de Emy em sua última sessão antes de eu iniciar esta escrita:

> *E – Por acaso eu sou tua paciente mais antiga? Eu sei que não vais responder, mas eu não vou desistir de tentar saber.*

A ela, não fiz essa confidência, mas espero que seu processo psicanalítico siga a auxiliá-la no querer desvendar seus mistérios.

Referências

Freud, S. (1996a). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1996b). O estranho: história de uma neurose infantil. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 233-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (1996c). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise: o caso Schereber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 125-133). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)

Freud, S. (1996d). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 139-158). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Klein, M. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (pp. 301-329)**.** Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1954). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do *setting* psicanalítico. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 459-481). Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Winnicott, D. W. (1971). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 121-131). Rio de Janeiro: Imago.

Zanin, D. (2019). *Estranhar-se*. https://sbprp.com/2019/04/10/estranhar-se-estranhar-se/.

Valéria Silveira
valrsilveira@yahoo.com.br

CONSTRUÇÕES VI, 55-62. 2019

Interações entre a escrita clínica e a escuta psicanalítica no contato com o Estranho[1]

Luzia de Souza Patusco,[2] Campo Grande

Resumo: A formação em psicanálise requer a constituição de uma escuta peculiar. Neste trabalho a autora apresenta sua inquietante experiência com a escrita clínica para endossar suas percepções a respeito da importância deste recurso no desenvolvimento, na recuperação e na preservação da escuta psicanalítica. Apresenta a concepção de que a identidade de um psicanalista se funda na sua capacidade de oferecer escuta ao Estranho que nos habita. Descreve o conceito de "escuta polifônica" proposto por Figueiredo e Roussillon (2012, citados por Minerbo, 2016), que abrange a escuta de várias dimensões e expressões do sofrimento inconsciente, principalmente em patologias mais graves em que predominam as comunicações pré-verbais. Revela, por fim, que a escrita oferece um espaço privilegiado para dar suporte à escuta profunda e ao aparato psíquico da dupla analista-analisando em seus estados confusionais.
Palavras-chave: escuta psicanalítica, escrita clínica, estranho, escuta polifônica

O ponto de partida para a produção deste trabalho são as constantes inquietações acerca da minha prática psicanalítica, no que tange à constituição da identidade de um analista com base na escuta clínica. A formação em psicanálise nos exige a construção de uma escuta peculiar, sendo a meu ver a essência da identidade de um analista. Espera-se que possamos desenvolver ao longo do processo de formação, mediante o conhecido tripé, uma escuta refinada e sensível às diferentes formas de sofrimento psíquico e manifestações inconscientes. A duras penas e após uma difícil experiência vivida durante a produção de um dos meus relatórios de supervisão oficial, descobri a importância do recurso da escrita para o desenvolvimento

1 Terceiro lugar do Prêmio Virgínia Bicudo 2019.

2 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS).

e a recuperação de nossa escuta. A paciente protagonista do escrito a que me refiro despertava no *setting* algo em estado bruto, sem representação, uma sobrecarga que excedia minha capacidade de pensar. Era necessário afastar-me, fazer a "decantação" desse material para recuperar minha função analítica. Foram horas a fio, dia e noite, noite e dia, até que pudesse ser representado em palavras o terror do desamparo vivido pela paciente que me acometia via identificação projetiva. Aquela tela do computador em branco e em buracos também me aterrorizava e me colocava frente a frente com o estranho.

Nesses momentos contamos principalmente com a análise pessoal, ao nos fornecer condições para suportar esse caos que evidencia partes psicóticas da nossa personalidade, ou seja, o lado mais obscuro e marginal de nosso psiquismo. A supervisão, por meio da convocação para a escrita daquele relatório, também foi crucial em desvendar nas entrelinhas o que se passava no campo analítico via transferência, contratransferência e identificação projetiva maciça.

> Escrever cumpre bem a função de organizar os conteúdos mentais caóticos do analista … Da passividade de sofrermos a confusão mental – o transbordamento de afetos intensos, e os fantasmas transferenciais e contratransferenciais que nos atormentam internamente – na escrita ganhamos atividade. Já deste outro lugar, olhamos a situação de fora, como um terceiro personagem que pode observar com mais sucesso as tramas que se entrelaçam. (Meira, 2016, p. 235)

A despeito das angústias vividas, pude atribuir valor ao que vivi; percebo que a partir disso algo de novo surgiu e me atrevo a cogitar ser o prenúncio da possibilidade de me tornar analista, de constituir uma identidade calcada na capacidade de adentrar territórios estranhos, junto aos pacientes que acompanho, podendo ambos – analista e analisando – retornarmos transformados.

Não foi por esse feito que a escrita se tornou fácil, ao contrário, por meio disso aprendi ainda, conforme Meira (2016), que a escrita

psicanalítica tem as suas idiossincrasias, especialmente a escrita clínica, cuja matéria-prima são os processos inconscientes em seu vasto funcionamento psíquico. Portanto, é uma escrita que trata da vivência daquilo que é pulsante numa relação.

Isso é muito complexo, pois a descrição da experiência vivida na sessão não basta para caracterizar o encontro de inconscientes. Se a escrita de um relato clínico não nos provoca qualquer grau de inquietação e angústia, estamos fazendo apenas descrição dos fatos. Temos de avançar além do belo e acessar o que insiste em permanecer recalcado. Quando voltamos o olhar para esses aspectos do estranho num espaço fora do *setting* a repressão tende a diminuir e a escuta, por meio da escrita, pode fluir com mais liberdade.

Ao tecer as primeiras palavras aqui descritas me deparo com dificuldades para representar o que pretendo, mas uma inquietação me mantém sob tensão na tentativa de articular força e sentido. Assim ocorreu em minha experiência, de modo que a capacidade negativa exercida (Bion, 1970/1973) e a persistência durante a escrita clínica geraram um novo fenômeno psíquico além do que foi vivido com a paciente, assim como ocorre no trabalho do sonho. Descobri na escrita um espaço privilegiado para buscar suporte à escuta profunda e ao aparato psíquico da dupla analista-analisando.

Penso que escrevemos para apaziguar nosso inexorável sentimento de falta e impotência, para aplacar angústias da ordem da finitude e da incompletude, mas também para satisfação narcísica. Percebo que quando escrevemos apenas por vontade ou obrigação a escrita fica submetida aos aspectos conscientes e intelectuais. Numa escrita psicanalítica, é preferível descobrir o desejo implícito, submerso no desconhecido e no estrangeiro que há dentro de cada um de nós, para que possa ser verdadeiramente afetada por nossa subjetividade. É possível ainda que escrevamos por necessidade, como muitas vezes constatamos.

Escrever sempre me foi valioso. Lembro com muita vivacidade meu processo de alfabetização, na infância. Na adolescência produzi alguns diários e troquei inúmeras cartas de amor e amizades, a correspondência dos

meus destinatários as validavam e me permitia manter o desejo pela escrita, que a meu ver contribui também para a construção e a manutenção de um objeto interno vivo.

A psicanálise vem me apresentando um modelo específico de escrita, difícil de ser apreendido por seus aspectos que lhe são peculiares. Ela nos coloca em posição de desafio com o nosso sentimento de não saber. Diante disso, para conseguirmos prosseguir, necessitaremos de uma paciência inquieta, por meio da qual teremos de renunciar às nossas ambiciosas intenções para finalmente nos permitir o encontro daquilo que buscamos quando ainda não sabemos. Concordo com Meira (2016) ao dizer que a escrita psicanalítica se vale ainda da inauguração de novos elementos mentais, num trabalho de construção e criação. A escrita anônima não forneceria recursos suficientes aos propósitos que defendo aqui, pois é no compartilhamento de ideias entre interlocutores que estabelecemos uma relação em que podemos ser reconhecidos, a partir de um lugar de alteridade. É na relação com o outro que descobrimos quem somos, isto é, qual é a nossa identidade. Costa (1988, citado por Meira, 2016) fala de uma necessidade de *nos contarmos*, e este contar pode dar-se entre os semelhantes, o que implica tanto elementos de identidade quanto de diferença, o que só é possível na escrita autoral (p. 249).

A respeito de destinar ao outro aquilo que escrevemos, sabemos que Freud muito se utilizou de correspondências para desenvolver a psicanálise, a exemplo das inúmeras cartas trocadas com Fliess. A escrita de suas observações de fatos psíquicos permitiu um olhar mais acurado sobre fenômenos mentais inconscientes jamais percebidos se não fosse a sua dedicação a registrá-los no papel. A importância da escrita em psicanálise é incontestável.

Ao logo dos anos em que me encontro nesse processo de (trans) formação, tenho na minha própria análise o divã como testemunho vivo do impacto de estarmos em busca daquilo que está além, um constante desacomodar, uma incessante batalha entre Eros e Tanatos, um mergulho profundo no espaço obscuro do estranho inconsciente.

À medida que o tempo passa, nosso estilo de escrita também sofre uma metamorfose, pois estamos sendo alfabetizados pela gramática do inconsciente, somos convocados a visitar um território estrangeiro, muito particular, dentro de um campo constituído pela dupla analítica. Trata-se, portanto, de uma tradução complexa sobre fenômenos psíquicos, sobretudo, inconscientes. Na maioria das vezes o acesso a eles se dará apenas *a posteriori*, quando destinarmos esse material ao espaço da supervisão e/ou da escrita. Foi o que ocorreu no árduo relatório de supervisão mencionado anteriormente.

> Na descrição do caso clínico, talvez nos surpreendamos com a descoberta de que, assim como a interpretação refaz o analisando, a escrita refaz o caso, refaz o conhecimento que temos dele, introduzindo elementos novos, algo não dantes pensado. (Meira, 2016, p. 222)

Nesse sentido, reitero que a escrita refaz a escuta como recurso de elaboração de algo vivido em estado bruto e que por vezes soterra nossa capacidade de pensar.

Minerbo (2016) aponta que é a especificidade da escuta que diferencia o psicanalista de outros psicoterapeutas. Já entendemos, portanto, que para nos tornarmos psicanalistas precisaremos desse importante instrumento encontrado nas velhas recomendações de Freud, quando nos ensina sobre conteúdo manifesto e conteúdo latente, associação livre e atenção flutuante. Figueiredo e Roussillon (2012, citados por Minerbo, 2016)

> explicam que essa forma de escuta funciona muito bem para a neurose, mas nem tanto para as formas de sofrimento psíquico determinadas por um distúrbio na constituição do eu, nas quais a diferença eu/não eu é problemática. Afirmam que … a extensão do campo da psicopatologia psicanalítica – da neurose para o funcionamento psicótico, e deste para as várias formas de sofrimento narcísico-identitário – foi exigindo do psicanalista a extensão dos modos de sua escuta. propondo que a escuta analítica

> contemporânea – a escuta necessária para apreender modos de funcionamento e de sofrimento mental distintos – é uma escuta polifônica. (p. 50)

Figueiredo e Roussillon (2012, citados por Minerbo, 2016) afirmam ainda que em patologias mais graves o psiquismo inconsciente encontra formas de expressão daquilo que está em "sofrimento de integração", o sofrimento que foi vivenciado pelo sujeito antes da aquisição da linguagem. Assim, o psiquismo primitivo se comunica por meio de mensagens polimorfas, demandando estratégias de escuta de várias dimensões do inconsciente. Figueiredo considera que "a atenção flutuante que praticamos hoje flutua na escuta de vozes psíquicas pertencentes a estratos psíquicos muito diferentes entre si – até mesmo vozes silenciadas por condições traumáticas importantes" (2014, p. 52).

O trabalho produzido no psiquismo a partir do escrever é descrito, como ocorre nesses casos, por Rosenfeld (1988, citado por Meira, 2016),

> como um processo onde construímos algo que, pela primeira vez, ganha existência e é dito. Para ela o trabalho é o de inscrever, ou seja, permitir o registro da experiência vivida, através de uma nomeação que não mate a experiência vivida com uma chancela opressora, mas que dê existência a ela e que a faça viver. (p. 232)

As novas recomendações dos autores contemporâneos citados não invalidam as velhas recomendações de Freud, mas as complementam fornecendo outras possibilidades que inevitavelmente provocarão alterações no procedimento da técnica. Segundo Figueiredo (2014), a posição do analista com sua disponibilidade de mente com que escuta o paciente, o que ele denomina de ética, é o que continuará norteando a nossa prática. Essa disponibilidade de mente é a essência da psicanálise, e isso não se modifica, enquanto o procedimento padrão de escuta vem sendo ampliado e abrindo espaço para reformulações técnicas a fim de abranger outras formas de expressão do inconsciente.

Nesse sentido, os novos tempos da psicanálise vêm exigindo que as velhas recomendações sejam ampliadas, mas jamais abandonadas. Com o advento das teorias das relações objetais, por exemplo, os analistas têm cada vez mais se ocupado de seu próprio psiquismo na condução da escuta dos pacientes, o que é muito bem-recebido pela comunidade psicanalítica. Penso que é justamente essa inserção do analista como objeto vivo e presente na relação com o paciente, isto é, com sua disponibilidade de mente, que tornará possível uma verdadeira escuta e escrita psicanalítica, mantendo sua fidelidade à psicanálise.

Para concluir, destaco a escrita como um recurso sofisticado para nos salvar deste mergulho profundo que é a clínica: é na escrita que encontramos espaço para recuperar, ampliar e sustentar a nossa escuta. Com a mente mais permeável, estaremos mais susceptíveis ao estranho e consequentemente a estados confusionais, que nem sempre será possível compreender e resolver na sala de análise.

Meira alerta que será necessário um outro espaço para que aquilo que não suportamos, que devastou nossa capacidade de metabolizar mentalmente e que nos tirou de nosso lugar de analistas nos permita retornar a ele com a nossa escuta preservada, para não padecermos como analistas, afirmando portanto, que "a escrita (re)faz-nos a escuta por ser interlocutora de nós" (2016, p. 242). Finalizando, ouso confidenciar sobre um profundo desejo: tornar-me uma psicanalista que escute!

Referências

Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970)

Figueiredo, L. C. (2014). Escutas em análise / Escuta poética. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *48*(1), 123-137.

Freud, S. (1969). O estranho: história de uma neurose infantil. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Klein, M. (2006). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides: inveja e gratidão e outros trabalhos. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (Vol. 3, pp. 17-43). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946)

Meira, A. C. S. (2016). *A escrita científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever*. Porto Alegre: Sulina.

Minerbo, M. (2016). *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher.

Luzia de Souza Patusco

luziapsic@hotmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 63-70. 2019

Algumas reflexões sobre as "estranhas" eleições presidenciais de 2018

Que "sociedade" queremos para nós?[1]

Monique Ribeiro de Assis,[2] Rio de Janeiro

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir o caráter de estranheza provocado pelas eleições presidenciais de 2018. A palavra "estranho" comporta em si uma interessante ambiguidade linguística, pois significa, ao mesmo tempo, algo que é familiar e, paradoxalmente, algo que é sinistro. Esse sentimento de "estranho" esteve presente durante os meses que antecederam as eleições e perduram até hoje, o que nos incita a lançar um olhar atento e responsável sobre as relações entre psicanálise e política.
Palavras-chave: psicanálise, política, pensamento

Aos que hesitam
Você diz:
Nossa causa vai mal.
A escuridão aumenta. As forças diminuem.
Agora, depois que trabalhamos por tanto tempo
Estamos em situação pior que no início.
Mas o inimigo está aí, mais forte do que nunca.
Sua força parece ter crescido. Ficou com aparência de invencível.
Mas nós cometemos erros, não há como negar.
Nosso número se reduz. Nossas palavras de ordem
Estão em desordem. O inimigo
Distorceu muitas de nossas palavras
Até ficarem irreconhecíveis.
Daquilo que dissemos, o que é agora falso:
Tudo ou alguma coisa?

1 No trecho "Que 'sociedade' queremos para nós?", a autora traz a psicanálise como um importante instrumento político para reflexão sobre os rumos que a sociedade brasileira está tomando, ao mesmo tempo que remete a um questionamento sobre os princípios que balizam as sociedades de psicanálise na contemporaneidade.

2 Do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Com quem contamos ainda? Somos o que restou, lançados fora
Da corrente viva?
Ficaremos para trás
Por ninguém compreendidos e a ninguém compreendendo?
Precisamos ter sorte?
Isto você pergunta. Não espere
Nenhuma resposta senão a sua.
(Brecht, 1994)

Acabamos de viver um momento político[3] que deixou o país absolutamente cindido, e nós, brasileiros, de coração partido. Perguntamos, a todo o momento, o que houve. O que nos levou a todos a um estado esquizoparanoide sem a menor possibilidade de um pensamento mais sofisticado. Vivemos uma espécie de psicose coletiva com surtos de extrema onipotência. Esquecemos que somos sujeitos do recalque, da dúvida e das incertezas. Vimo-nos exaltados, levantando bandeiras, intolerantes com amigos e familiares.

O Brasil, um país de dimensões continentais, perdeu o continente e enlouqueceu. Parou de pensar. Paramos todos de pensar. Nossa pátria mãe gentil transformou-se em uma mãe morta. Ao longo do processo nos vimos estupefatos, perplexos. Em que momento o autoritarismo nos venceu? Voltamos a nos deparar com algo que parecia não caber mais em nossas democracias pós-modernas. Por que as pessoas seguem um tirano? Escolhem livremente se submeter? Era o que nos perguntávamos uns aos outros em estado de total incredulidade. Ficou tudo tão "estranho"…Com essas ideias, resolvi escrever este texto tendo como ponto de partida algumas reflexões sobre por que nos submetemos à tirania e ao mesmo tempo

3 O cenário político das últimas eleições trouxe à tona alguns elementos essenciais que merecem reflexão. Um primeiro aspecto diz respeito à defesa, pelo candidato vencedor, de posições consideradas racistas, homofóbicas e misóginas, orientada por uma política populista de extrema-direita. Um segundo se refere à divulgação sistemática de falsas informações, inclusive contando com sofisticados recursos tecnológicos. Terceiro, uma decisiva participação de grupos religiosos. Por fim, o processo eleitoral ainda envolveu o protagonismo do sistema judicial.

abrimos mão da nossa liberdade de pensar. Por que nos tornamos, nós mesmos, déspotas, embora tão esclarecidos?

Na torrente de pensamentos que me vinham à cabeça, indagava sobre as responsabilidades da psicanálise diante das demandas do mundo lá fora. Questionava-me se nós, psicanalistas em formação, deveríamos sair de nossas poltronas e salas de aula e adentrar o espaço público das ruas. Lutar, militar, gritar, escrever, compreender o que vivíamos na carne durante aqueles meses que antecederam as eleições. Afinal, que sociedade de psicanálise queremos para nós?

Etienne de La Boétie, em seu livro *Le discours de la servitude volontaire*, confronta-nos com a triste notícia de que a gênese da desumana opressão exercida pelos poderosos sobre os mais fracos é atemporal. Para o autor, é o povo que se sujeita e se degola; que, podendo escolher entre ser súdito ou ser livre, rejeita a liberdade e aceita o jugo, consente em tal mal e até o persegue.

> São, pois, os povos que se deixam oprimir, que tudo fazem para serem esmagados, pois deixariam de ser no dia em que deixassem de servir. É o povo que se escraviza, que se decapita, que, podendo escolher entre ser livre e ser escravo, se decide pela falta de liberdade e prefere o jugo, é ele que aceita o seu mal, que o procura por todos os meios. (La Boétie, 1552)

Por que servimos a um déspota se ele tem dois braços e duas pernas como nós, dois olhos e dois ouvidos e uma boca, também como nós? De onde vem a nossa ideia de que ele tenha mil olhos para nos espionar, mil ouvidos para nos calar, mil pernas para nos perseguir e mil mãos para nos esganar? Quem foi que criou esse corpo tão colossalmente hiperbólico? La Boétie diria: fomos nós que demos tudo para ele. Nós demos para ele nossos olhos, nossas mãos, nossos sonhos, nossa honra, nossos filhos, nossa liberdade. Por quê?

Segundo o autor, a primeira razão da servidão voluntária é o **hábito**. Por hábito, nos acostumamos ao longo de gerações a servir, nos escravizamos. E, à medida que o tempo passa, chegamos até a desejar tal

açoitamento. Uma segunda razão, não menos abjeta, é a **covardia**. Diante de um regime hierarquizado de força, necessariamente, os homens se acovardam, se aprisionam e se bestializam. Os algozes utilizam todo e qualquer meio vil de justificativa para suas ações, por exemplo, o combate à corrupção. Por fim, discorrendo sobre a terceira razão da servidão voluntária, a **participação na tirania** defende que os homens obedecem diante da promessa de um dia pertencerem ao círculo do poder, à fina flor, à nata, ao *crème de la crème.* Como se, um dia, passassem de servos a tiranos, mudando de dominados para dominadores, sem, contudo, alterarem os jogos perversos de poder.

Como diz o Rapper Rafael Rafuagi, "*povo que não tem virtudes acaba por escravizar*".

Ao mesmo tempo, num vetor de forças inversamente proporcional, elegemos alguém para odiar. Alguém que, embora possua duas pernas como qualquer um, diferentemente de nós, não pode caminhar; apesar de ter dois braços, não pode abraçar; e mesmo tendo em sua face humana uma boca, não pode falar. Perdeu sua voz e sua vez. Alguém de quem, por nós, tudo é retirado. Seus direitos, sua história, seus sonhos e sua singularidade. Alguém que se transforma em ninguém e que, embora tão humano quanto nós, tem a sua humanidade, violentamente, aniquilada.

Não adianta, no entanto, pensarmos na tirania como algo que está somente do lado de fora, em algum lugar distante, mas, sobretudo, no tirano que habita em cada um de nós, que se encontra incrustrado em nossa alma, em nosso cotidiano, que martela nossos espíritos e nosso pensamento, a tirania que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora.

Estranho… transformamos humanos em bichos, em ratos e atribuímos ao outro incontáveis características abjetas como para expurgar a fera inumana que existe dentro de cada um de nós. Desejamos, com todas as nossas forças, que o "inimigo" seja eliminado, sufocado, expatriado, em uma ilusão de que o extermínio lá fora nos aliviaria de nossas bestialidades.

Freud, em seu ensaio de 1919, intitulado "O estranho", já apontava que esse sentimento que nos provoca horror e que nos assusta,

paradoxalmente, coloca-nos diante de algo que é ao mesmo tempo estranho, oculto, sinistro e, estranhamente, familiar.

O autor continua sua argumentação discorrendo sobre coisas, pessoas, situações ou acontecimentos que despertam em nós esse sentimento de estranheza. Por exemplo, a fascinação que causam em nós os "quase vivos" bonecos de cera, ou autômatos, meio homem, meio máquina.

Mais à frente, Freud inicia uma exposição teórica sobre as suas proposições psicanalíticas e estabelece a conexão clássica entre o estranho e o recalque. Se todo afeto advindo de um impulso emocional se transforma em ansiedade quando reprimido, então os aspectos assustadores, que amedrontam, devem ter alguma relação com algo reprimido que retorna. Esse temor se constitui no estranho, que, todavia, *"não é totalmente novo ou alheio, é algo familiar, há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de recalque"* (1919/1996, p. 301). Além disso, há a dimensão infantil do estranho que provém de complexos infantis reprimidos, do complexo de castração, das fantasias de estar no útero e se manifesta não na tela de um cinema, mas numa realidade psíquica.

Outro fator importante diz respeito à problemática da repetição, que também nos cria uma sensação estranha. A "compulsão à repetição" inerente à natureza das pulsões invade o psiquismo e o povoa com aspectos demoníacos.

Parece que o candidato eleito possui algumas características que, embora possam parecer estranhas, de alguma forma provocaram um fascínio acachapante em milhões de brasileiros. Sua lógica militar belicista, sua postura neofascista confessa, sua negação da existência de uma ditadura no país e as atrocidades cometidas em nome da manutenção de um regime de força encontraram alguma ressonância.

Infelizmente todo o movimento de autoritarismo persegue obsessivamente uma ideia de totalidade sob a forma da ordem e do juízo de valores. Portanto, há apenas uma lógica que governa o comportamento do todo. Essa lógica, por sua vez, não se insere no mundo pela via da argumentação e do consenso: impõe-se pela força, pela violência física e simbólica e toma, não sem sofrimento, todos de roldão. Qual seria uma possível forma

de resistência? Como criar possibilidades de não sermos arrebanhados por ondas de intolerância que tomam conta do cenário mundial?

Como psicanalistas em formação que somos, como lutaremos contra nossa arrogância, nossa onipotência, nosso autoritarismo, nossa burrice?

Bion, em seu texto "Uma teoria sobre o processo de pensar" (1988/1994), fala-nos sobre o pensar não como uma função meramente cognitiva, mas como inauguração de um espaço de autoria. Para o autor, o termo "pensamento" se refere à união de uma preconcepção (expectativa de um seio) com uma frustração (experiência do não seio). Em outras palavras, o pensar surge como uma solução para se lidar com a frustração. Se o ódio resultante da frustração não exceder a capacidade do ego de suportá-lo, o resultado será uma sadia formação do pensamento. Ou seja, se o bebê tolerar a presença do não seio e em vez de fugir da frustração conseguir modificá-la, iniciará seu percurso em direção à simbolização.

Entretanto, se, ao contrário disso, a capacidade de tolerar a frustração for precária, o não seio ou o seio mau deverá ser expulso mediante o uso maciço de identificações projetivas. Neste caso, "*o que deveria ser um pensamento – um produto da justaposição da preconcepção com uma realização negativa – torna-se um objeto mau, indistinguível da coisa em si, e que se presta somente à evacuação"* (Bion, 1988/1994, p. 103).

A construção de um aparelho para pensar, geralmente, fica prejudicada; em vez disso, dá-se um desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projetiva, no qual os pensamentos são considerados análogos a objetos internos maus e devem ser prontamente evacuados em alta intensidade. "*O modelo que proponho para esse desenvolvimento é uma psiquê que funcione com base no princípio [de] que evacuar um seio mau é sinônimo de obter alimento de um seio bom*" (Bion, 1988/1994, p 103). *Eu não voto no Bolsonaro, eu voto contra o* PT.

Se não há pensamento, não há atividade psíquica capaz de discriminar o verdadeiro do falso. O que se desenvolve é uma afirmação moral do certo e do errado a partir de uma ideia de que algo seja superior ou inferior.

Até aqui, juntei alguns elementos para pensarmos o que vivemos no Brasil nesses últimos meses e por que iniciei este texto falando que

experimentamos certa estranheza nos meses que antecederam o resultado das urnas. Uma eleição democrática, em que, paradoxalmente, o que prevaleceu foi um "não pensamento".

De fato, a partir daí, não foi difícil entabular um diálogo bem-humorado entre um trecho do texto de Bion, "O desenvolvimento do pensamento esquizofrênico", e o que ocorreu nas urnas neste último mês de novembro.

Um predomínio de impulsos destrutivos e sádicos – ódio ao PT; aos pobres; negros; *gays*; servidores públicos; universidades públicas, *locus* do pensamento brasileiro; ódio aos direitos humanos e, portanto, que se abatam os desviantes, os bandidos.

Ódio à realidade e à crença em poderes mágicos de um messias.

Pavor constante de um aniquilamento iminente. A ideia de que o país fora destruído, os valores corrompidos e os jovens desencaminhados; ou o medo da violência urbana que nos incentiva a portar uma arma de fogo.

Formação precipitada de relações de objeto, dentre as quais se destaca a transferência intensa que arrebatou vários de nossos amigos e familiares. Ficamos perplexos, tristes, exasperados. Pessoas de quem nunca havíamos ouvido falar o nome foram eleitas com milhões de votos quase da noite para o dia. Quanto mais gritávamos, mais inaudíveis ficávamos. Vivemos um sonho ruim.

Termino pensando com Caetano Veloso:

> Será que nunca faremos senão confirmar
> A incompetência da América católica (evangélica)
> Que sempre precisará de ridículos tiranos? (Veloso, 1984)

Sabe, Caetano, que o Brasil não precisaria de ridículos tiranos, precisaria, sim, de mentes que pudessem pensá-lo. O Brasil precisa ser sonhado.

E ainda, muitas vezes, questionamos o que a psicanálise tem a ver com tudo isso.

Referências

Bion, W. R. (1994). Uma teoria sobre o processo de pensar. In W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)

Brecht, B. (1994). *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora 34.

Freud, S. (1996). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

La Boétie, E. (1982). O discurso da servidão voluntária ou O contra Um. In P. Clastres, C. Lefort, & M. S. Chauí, *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense.

Veloso, C. (1984). Podres poderes. In C. Veloso, *Velô* (LP). Rio de Janeiro: Phillips.

Monique Ribeiro de Assis

monique_assis@uol.com.br

CONSTRUÇÕES VI, 71-79. 2019

Estranho, mas nem tanto

Joana Cahu Domingues,[1] Rio de Janeiro

Resumo: O trabalho propõe uma reflexão referente ao estranho em cada um de nós, relacionando-o às relações primitivas. A autora valoriza a relação mãe-bebê como a matriz para o desenvolvimento emocional e enfatiza as repetições dessas experiências iniciais ocorrendo tanto no processo de análise, componente fundamental da formação, quanto nas relações interpessoais da formação psicanalítica.
Palavras-chave: estranho, relação, formação, identificação projetiva

> Ao ver Copelius, me dei conta da verdade: O Homem da Areia só podia ser ele! Contudo, o Homem da Areia não era mais – para mim – aquele espantalho da história da governanta, que roubava olhos de crianças para alimentar sua ninhada de corujas na lua. Não! Era um monstro fantástico, odiento, e que, por onde passava, levava a tristeza, a tormenta, a perdição neste mundo e no outro.
> (Hoffmann, 1822/1986, p. 23)

O fantástico conto de Hoffman sustenta a atmosfera da ambiguidade das memórias assustadoras de Nataniel e relaciona as recordações de sua infância com uma situação assustadora de seu presente.

Ao descrever as recordações do passado por meio de uma carta, Nataniel relembra sua casa e sua família durante a infância: um pai ausente, que contava histórias maravilhosas durante o jantar, e uma mãe que, ao colocá-lo para dormir, dizia-lhe que o Homem da Areia estava chegando.

O que ela queria dizer era que ele estaria com tanto sono que pareceria terem jogado areia em seus olhos, mas o que Nataniel imaginou foi um aterrorizante ser. E o medo só crescia, assim como sua curiosidade em descobrir quem era o amedrontador Homem da Areia.

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Numa noite, Nataniel se esconde no escritório de seu pai e, impulsionado pelo irresistível desejo da descoberta, espera pacientemente atrás da cortina pela tal aparição. Nataniel escuta passos, pigarros e sons, enquanto seu coração bate com tanta força que parece estar prestes a pular para fora do peito.

Embora sentindo muito medo, assume a coragem e coloca a cabeça para fora, avistando o advogado da família, Copelius. Nesse momento, acredita ter revelado para si quem era o misterioso Homem da Areia. Mas ao ter seu esconderijo descoberto pelo monstruoso advogado, Nataniel é ameaçado de ter seus olhos arrancados e queimados com o fogo da lareira e desmaia.

Após a trágica morte de seu pai, um ano depois, numa explosão dentro de casa, Nataniel adoece. Anos mais tarde, já como estudante, acredita ter reconhecido o fantasma do passado num oculista itinerante e, ao sentir-se ameaçado, compra os óculos oferecidos, começando uma saga delirante em busca da vingança da morte de seu pai.

O conto desenrola-se como uma histórica trágica, com um final que revela uma grave doença instalada em Nataniel, terminando numa catástrofe com internações, assassinato e suicídio.

Quando pensamos em estranho, temos a ideia de ser algo desconhecido e inédito, algo diferente e até mesmo misterioso, relação essa que pode provocar medo e horror. Contudo, Freud, em 1919, vai nos mostrar que o estranho é o oposto do desconhecido, o oposto daquilo que nunca foi sentido ou visto e que, na verdade, o que se apresenta como estranho é algo justamente conhecido e *estranhamente* familiar.

Freud usa o conto de Hoffmann como pano de fundo para seu trabalho intitulado "O estranho" e nos mostra a razão para o familiar tornar-se estranho e assustador: podemos substituir o Homem da Areia do conto pelo pai tão temido, correlacionando o medo que uma criança tem de perder os olhos com o maior medo de todos: o medo da castração. Conclui: "Nem tudo o que é novo e é familiar, é assustador ou estranho" (Freud, 1919/1976, p. 277).

> O estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos ensinou-nos que a ansiedade em relação aos próprios olhos, o medo de ficar cego é muitas vezes um substituto do temor de ser castrado. (Freud, 1919/1976, p. 289)

Freud, ainda em seu escrito, apresenta um fenômeno que chamou de telepatia, para explicar a razão daquilo que é conhecido e ao mesmo tempo estranho. Telepatia seria então um fenômeno em que as características e as vicissitudes vão sendo transmitidas de geração para geração, como heranças familiares, havendo uma duplicação, uma divisão e um intercâmbio do eu. Há, ainda, o retorno constante da mesma coisa – e a repetição dos mesmos aspectos.

Ao falar de duplicação, Freud acrescenta a ideia do duplo, de personagens que, ao se relacionarem, devem ser considerados idênticos, porque parecem iguais e nos dão a impressão de que saltam de um para o outro, de modo que um deteria o conhecimento e sentimentos em relação ao outro, ou, indo além, "um se identificaria com o outro de tal forma que poderia confundir sobre quem é o seu *eu* (*self*)" (1919/1976, p. 293).

> Quando tudo está dito e feito, a qualidade da estranheza só deve advir do fato de o duplo ser uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado – incidentalmente, um estágio em que o duplo tinha um aspecto mais amistoso. O duplo converteu-se num objeto de terror, tal como, após o colapso da religião, os deuses se transformaram em demônios. (Freud, 1919/1976, p. 293)

Melanie Klein diz que, desde o início, há uma constante interação mãe-bebê e que a integração mental se baseia na introjeção do bom objeto, e caso este seja estabelecido de forma segura, ele se tornará o cerne do ego em desenvolvimento. É um momento de fusão da dupla ainda muito primitiva, em que ansiedades e angústias provenientes do conflito da pulsão de morte com a pulsão de vida brotam, forçando o ego incipiente a desenvolver mecanismos de defesa contra tais forças aterrorizantes.

Em sua obra, Klein nos mostrou que tais sensações assustadoras precisam ser aliviadas por meio de uma expulsão violenta e colocadas para dentro do objeto externo, com o intuito de controlar os possíveis perseguidores. Inicialmente, o impulso destrutivo é projetado como agressão oral no primeiro objeto – seio da mãe –, e este se torna o foco inicial do bebê, onde ele deposita todas as suas fantasias.

O objeto externo é então cindido (posição esquizoparanoide) – um gratificador e um frustrador; a cisão é fundamental para manter o objeto bom (gratificador) intacto e livre de toda projeção violenta de ódio e destruição, já que o bebê depende exclusivamente do objeto para sua sobrevivência. Podemos pensar então que, na concepção de Klein, o perigo que a pulsão de morte (aniquilamento da vida) desperta no mundo interno do bebê é a primeira causa para as ansiedades primárias.

Ao descrever a posição esquizoparanoide, Klein (1946/1991b) evidencia que é nesse momento que se constroem as relações de objetos narcisistas, dando origem às ansiedades persecutórias, e vai se aprofundando de forma mais detalhada nos processos psíquicos que ocorrem nos primeiros dias da vida do bebê, no qual as partes boas e as partes más do *self* são expelidas do ego (cisão), numa tentativa de diminuir as ansiedades; e, numa etapa posterior, são projetadas sob a forma de amor e ódio para dentro dos objetos externos, num primeiro momento, o seio, num segundo momento, a mãe.

A mãe se torna então o primeiro objeto persecutório – o objeto amado é também o objeto amedrontador. Assim, esse movimento inicial da vida mental do bebê é fundamental e diz respeito às construções das relações, permitindo apreender o mundo externo em referência ao mundo interno.

É importante registrar uma diferença importante: Klein fala em relação narcísica de objeto, e não em narcisismo primário. Contudo, esse mecanismo de defesa contra as ansiedades se torna persecutório e é vivenciado como uma ameaça de retaliação da parte do objeto. Klein deu a esse processo o nome de identificação projetiva e o especificou, pela primeira vez, em seu trabalho "Notas sobre alguns mecanismos esquizoides" (1946), um dos mais importantes para a psicanálise.

Penso que por meio do conceito de identificação projetiva Klein estaria desenvolvendo não apenas novos conceitos e novas colaborações à psicanálise e aos atendimentos clínicos, mas também desenvolvendo de forma mais profunda e sustentável os conceitos freudianos de telepatia e de duplo, criados anos antes, abrindo a possibilidade de novos horizontes no entendimento das comunicações inconscientes.

Para Spillius, o que Klein fez foi acrescentar maior compreensão e profundidade ao conceito freudiano de projeção, ao "enfatizar que não é possível projetar impulsos sem projetar parte do ego, o que implica em cisão" (Spillius, 1988, p. 82).

Nesse percurso de entendimento, é Bion quem vai ampliar a noção de identificação projetiva como forma de comunicação, utilizando o conceito para desenvolver sua teoria do pensamento. Por meio da primeira relação de todas, a relação com a mãe, fantasias são experimentadas pelo bebê como algo indesejável e que causa desconforto, precisando ser expulso agressivamente para dentro do objeto externo. Se o objeto for capaz de *rêverie* (Bion, 1962/1991), poderá conter e transformar as angústias do bebê em algo suportável, para que seja introjetado de forma emocionalmente tolerável. Caso isso não ocorra, o bebê reintrojeta numa forma ainda pior, como um "pavor inominável" (Spillius, 1988, p. 82).

Esse conceito, *rêverie*, tornou-se mais um marco para a psicanálise – as comunicações não verbais e a capacidade do analista em ser continente/mãe. A mãe tem um papel fundamental, pois é ela quem recebe tais ansiedades e angústias do bebê amedrontado, contendo, transformando e devolvendo como algo suportável por meio de gestos, nas expressões do rosto, na receptividade, no amparo etc. Se a mãe for capaz de suportar e oferecer boas condições ao bebê, ele terá maiores chances de um desenvolvimento mental mais saudável, de uma reincorporação das sensações de forma metabolizada rumo à integração; se isso não for possível, resultará num retorno de suas angústias, podendo gerar uma catástrofe emocional.

Bion (1962/1991) ainda evolui o conceito de identificação projetiva ao dizer que esta seria a primeira forma de uma tentativa de comunicação, uma comunicação pré-verbal e que daria início ao processo do pensar. A

dupla mãe-bebê estaria então formada, e por meio desse primeiro modelo continente/contido, além da capacidade emocional de *reverie* da mãe, o indivíduo tentará reeditar inconscientemente nas relações futuras.

Anos mais tarde, Rosenfeld (1986), com base nos atendimentos com pacientes fronteiriços graves, evolui o conceito de identificação projetiva privilegiando-a como forma de comunicação e nos levando a compreender que o analista é capaz de sentir aquilo que o paciente está sentindo, numa inter-relação com projeção das partes do paciente para dentro do analista, muitas vezes de forma silenciosa e repetitiva.

A identificação projetiva não seria então uma experiência emocional isolada, mas uma experiência comum a todos os indivíduos, podendo vir a ser apenas um "sutil pano de fundo ou, às vezes, pode vir a ser a qualidade predominante" (Ogden, 1983/2003, p. 99), abrindo um grande leque de comunicações interpessoais que têm início desde a vida primitiva.

Assim, podemos falar não mais apenas em telepatia ou em duplo para explicar como as sensações de estranheza acontecem nas comunicações e no contato com o outro, mas, sim, em identificação projetiva e na principal relação de todas, a matriz de todas as relações, a relação mãe-bebê, bem como nas repetições que são suscitadas no contato com o outro/objeto externo.

Confidência do itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.
A vontade de amar, que me paralisa o trabalho, vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte, é doce herança itabirana.
De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço: esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil, este São Benedito do velho Santeiro Alfredo Duval; este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas; este orgulho,

esta cabeça baixa… Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!
(Andrade, 1978, pp. 36-37)

Carlos Drummond de Andrade, em seu poema, confidencia seu saudosismo de um passado que já não existe, mas que ainda existe dentro dele.

Itabira não é a Sociedade Brasileira de Psicanálise; no entanto, cada um, ao buscar a formação, carrega dentro de si uma Itabira, um mundo interno repleto de orgulhos, tristezas, sofrimentos e a eterna vontade de amar e ser amado, um mundo interno "povoado por objetos apreendidos do mundo externo, mas transformados pelas fantasias" (Carneiro, 1996).

Carregamos uma "fôrma", a relação parcial com o seio que caminhou para a relação total com a mãe, e a estranheza de um passado que ainda pode doer, que ainda vive toda vez que nos deparamos, de alguma forma, com aquilo que um dia nos foi conhecido – "o estranho".

Partindo do princípio de que estamos sempre em formação, podemos então refletir sobre a história de cada um de nós e pensar sobre as diferentes formas de cada um se relacionar, além dos desejos e dos objetivos que patrocinam a busca da psicanálise e do mundo institucional.

Num ambiente de uma instituição de psicanálise, que nos possibilita e nos motiva ao uso da criatividade, que nos coloca à mercê das nossas reflexões, de nossas ansiedades, egos e superegos, não poderíamos deixar de perceber que está repleta de fantasias inconscientes e de projeções herdadas do passado de cada um.

Se, como Freud (1919/1976) colocou, há a predominância na mente inconsciente de uma "compulsão à repetição", ou, como Klein e seguidores, existe uma matriz relacional, podemos pensar que, também na formação, estaremos fadados a uma "compulsão à repetição" na tentativa de repetir a nossa matriz relacional, a nossa matriz "conhecida", gerando assim o sentimento do estranho de cada um de nós ao longo de toda a nossa formação, seja ela na vida, ou na instituição, e "caso as interações

relacionais no mundo interno se configurem, em sua maioria, de natureza persecutória, a reedição de modelos anteriores será sempre dominante, pelo menos até que mudanças psíquicas possam ocorrer" (Carneiro, 1996, p. 21).

Assim, as repetições e o sentimento de estranheza podem não ser benignos. Em outras palavras, na formação psicanalítica, também estamos fadados a ir ao encontro desses fenômenos, ir ao encontro do que Freud nomeou telepatia, duplo, ou das identificações projetivas de Klein, tão poderosas e presentes, pois, ao entrar em contato com o outro, estaremos destinados a nos proteger dos perigos e dos aspectos pessoais, suscitados nesse encontro, depositando-os dentro da outra pessoa, e dependerá de como cada um vivenciou as primeiras experiências ter mais ou menos estranhezas persecutórias.

A análise pessoal deveria ajudar a possibilitar a boa convivência, o bom aprendizado, as boas amizades e o desenvolvimento. A partir do momento em que se consegue analisar e elaborar as tentativas de repetição de um passado nas primeiras relações, tornam-se mais possíveis no presente relações mais harmônicas, com menos inveja, menos ódio e menos competição entre os irmãos e filhos da mãe/instituição.

Assim, o estranho, o duplo e a identificação projetiva estão presentes não apenas no *setting* analítico, mas também dentro da própria instituição, das amizades, da hierarquia e da formação de cada um, e são elas que suscitam ou amenizam a sensação do estranho em cada um de nós.

É como no conto de Hoffmann, em que as situações do presente revelam sensações do passado, trazendo à tona algo de estranho, de incômodo e assustador, o medo de perder os olhos, o medo da castração e as ansiedades persecutórias, projetando no outro, mediante identificações projetivas, aquilo que é de cada um.

Tudo isso vindo à tona dentro de cada um de nós ao longo do nosso trabalho, das nossas relações e de toda a nossa formação, nos confidenciando as sensações de Itabira que cada um tem dentro si, de um passado que já não existe, de um passado sem palavras, mas que ainda dói por estar para sempre presente, como o retrato na parede.

Estranho, mas nem tanto.

Referências

Andrade, C. D. (1978). *Antologia poética* (12.ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.

Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)

Carneiro, M. (1996). O analista como objeto persecutório. *Boletim Científico, 18,* 19-37. (Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro)

Freud, S. (1976). O estranho: uma neurose infantil e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 275-314). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Hoffmann, E. (1986). *O homem da areia.* São Paulo: Rocco. (Conto original publicado em 1822)

Klein, M. (1991a). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1959)

Klein, M. (1991b). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).

Klein, M. (1991c). Sobre o sentimento de solidão. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963)

Rosenfeld, H. (1986). *Identificação projetiva na prática clínica: impasse e interpretação.* Rio de Janeiro: Imago.

Rocha, E. (1989). Algumas contribuições a partir do trabalho de Melanie Klein. *Int. J. of Psychoanal., 4*(3), 321-332.

Ogden, T. (2003). Identificação projetiva e o terceiro subjugador. In T. Ogden, *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1983)

Spillius, E. B. (1988). Introduction to "projective identification". In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein today: developments in theory and practice* (Vol. 1, pp. 81-86). Londres: Routledge.

Joana Cahu Domingues

joanacahud@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 81-94. 2019

Confidências no *setting*
Reflexões sobre o anonimato do analista

Mário Tregnago Barcellos,[1] Porto Alegre

Resumo: O presente trabalho se dedica ao estudo dos diferentes enfoques adotados ao longo do tempo a respeito do anonimato do analista e da validade ou não de autorrevelações como parte da técnica psicanalítica. Inicialmente, o autor apresenta um exemplo clínico em que se distanciou brevemente do anonimato. A seguir, é realizada uma revisão da literatura que demonstra posicionamentos distintos sobre o tema: a aceitação quase irrestrita, a aceitação parcial ou o rechaço das autorrevelações. Por fim, costurando a situação clínica descrita e a literatura revisada, são feitas algumas considerações gerais sobre o lugar do anonimato do analista na psicanálise contemporânea.
Palavras-chave: anonimato, intersubjetividade, técnica, autorrevelação

Meu filho João

Quando meu filho João tinha uma semana de vida, Ana, que tinha cinco anos de tratamento comigo, apareceu cedo para sua sessão de início de tarde. Como eu não havia chegado, ela me aguardou junto à porta da minha sala. Assim que entrei no edifício, a zeladora veio me parabenizar pelo nascimento e comentou ter ficado sabendo que era um menino. Ao ver a paciente esperando, imaginei que ela ouvira o diálogo, o que se confirmou. Durante a sessão, Ana disse que sua maior curiosidade era o nome do meu filho. Os nomes, segundo ela, "dizem tanta coisa". Perguntei qual ela imaginava, e o primeiro que citou foi João.

Levei o material para supervisão e fui questionado se não tivera vontade de dizer que o nome era de fato João. Respondi que sim, mas que imaginava estar cometendo algum pecado técnico se o fizesse. Para minha surpresa, o supervisor falou que, em meu lugar, teria dito o nome, pois algo

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

específico no campo analítico deveria estar em curso para justificar a ideia acertada de como meu filho se chamava. A revelação pontual de algo da minha intimidade, portanto, seria o reconhecimento da presença de uma comunicação além da consciência em nossa relação.

Na semana seguinte, a questão do nome retornou. Ana cogitou então João Pedro. Retruquei: "E se fosse só João?". Ela sorriu e, quando perguntei o que sentia com a confidência, disse: "Fico muito contente. Me faz sentir que te conheço, que existe aqui uma troca, um entendimento". A seguir, completou:

> *Tudo começa com um nome: quando tu nominas algo, aquilo passa a existir. No momento em que eu sei que tu tens um filho João, tu não tens mais um filho: tu tens um filho que é o João. É parecido com o que faço aqui: quando eu relato, quando eu coloco em palavras, a coisa passa a existir. (Ana)*

O anonimato do analista: Freud e Ferenczi

"O caminho que o analista deve seguir … é um caminho para o qual não existe modelo na vida real", disse Freud em 1915. Uma das justificativas para essa afirmação é a presença de princípios técnicos que tornam a relação analítica única. Entre esses princípios, há um especialmente exposto a desafios constantes: o anonimato. Introduzido em 1912, seria o anonimato do analista um pressuposto ainda inquestionável do contexto terapêutico? Ou será que, tal como a neutralidade (Eizirik, 2000), temos que trabalhar com um certo anonimato possível e eventualmente nos permitir revelar de forma consciente e voluntária algo de nós a nossos pacientes?

Freud, em suas "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise" (1912/2006b), dedica um dos itens ao anonimato. Ele especula que o iniciante pode facilmente pensar que "uma confidência merece outra" (1912/2006b, p. 31), transformando o tratamento analítico em um ir e vir de (supostas) intimidades. Para Freud, essa maneira de buscar maior acesso à conflitiva do paciente dificulta a superação das resistências, pois estimula o paciente a querer saber cada vez mais do analista e menos de si,

pervertendo o contrato terapêutico. "O médico", conclui, "deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não lhes mostrar nada, exceto o que lhe é mostrado" (1912/2006b, p. 31).

Embora a metáfora do espelho não tenha sido retomada ao longo de sua obra, não houve mais adiante qualquer indicação contrária de Freud ao anonimato como preceito técnico fundamental. Questionamentos surgiram com alguns de seus primeiros seguidores, como Ferenczi. Paciente de Freud, ele sentia-se incomodado com a austeridade e a restrição da atividade de seu analista a interpretações e silêncio, enquanto ele devia, como analisando, revelar seus aspectos mais íntimos (Ferenczi, 1932/1995).

A técnica da frustração e o rigor na aplicação das normas analíticas aparentemente estimularam, na relação Freud-Ferenczi, a transferência negativa que, por falta de tempo ou por outro motivo desconhecido, não pôde ser acessada (Dupont, 1994). A insatisfação de Ferenczi e seu distanciamento de Freud levaram-no a certo ostracismo em relação ao círculo psicanalítico inicial e, ao mesmo tempo, à possibilidade de desenvolver e defender inovações teóricas e técnicas.

O ponto central das ideias de Ferenczi era a necessidade de empatia por parte do analista. Em outras palavras, a necessidade de empatia tal como ele entendia a empatia: o afastamento da neutralidade, da abstinência e do anonimato em nome de uma postura mais aberta e ativa. Para ele, tal atitude – que inclui a confissão do que é sentido em relação ao paciente e de eventuais erros cometidos ao longo do processo – alimenta a confiança do paciente no analista.

Como, diferentemente de Freud, Ferenczi acreditava que muitos dos relatos traumáticos ouvidos (especialmente de abuso sexual) fossem reais e não tingidos pela fantasia, carregava a convicção de que o desenvolvimento da confiança por meio da conduta aberta e ativa estabelecesse "o contraste entre o presente e o passado insuportável e traumatogênico" (Ferenczi, 1932/1995, p. 100). Esse contraste seria necessário para que o passado fosse reexperimentado não mais como reprodução alucinatória (isto é, como sintoma), e, sim, como memória objetiva.

O artigo em que essas ideias são defendidas recebeu de Ferenczi o título de "Confusão de línguas entre os adultos e a criança", já que, em casos de abuso, a criança fala de amor na língua do carinho e o adulto, na da paixão. Ainda que nesse trabalho o objetivo não seja entrar em detalhes no pensamento do analista húngaro, vale a pergunta: seria a postura confessional e reveladora do analista uma facilitação do acesso ao trauma, ou apenas mais um episódio de confusão de idiomas e, portanto, uma repetição do evento original?

O anonimato do analista: Renik

Ao longo dos anos, é possível que a dúvida sobre a pertinência da preservação do anonimato tenha permanecido na mente e nos divãs da comunidade psicanalítica, mesmo distante da literatura teórico-técnica. Nas últimas décadas, no entanto, o assunto reemergiu, continuando uma sequência irrefreável de avanços a respeito da qualidade interativa do processo analítico (em especial, identificação e contraidentificação projetiva, contratransferência conforme o entendimento desencadeado por Heimann e Racker e campo analítico). Os grandes defensores de uma revisão dos fundamentos técnicos tradicionais – abstinência, neutralidade e anonimato – têm sido os intersubjetivistas norte-americanos, entre os quais se destaca Renik.

Em diversos artigos ao longo das duas últimas décadas, Renik (1993, 1995, 1999, 2004, 2007) defende que o analista trabalhe com "as cartas à mostra" (1999, p. 521). Para ele, aceitar que a psicanálise clínica é intersubjetiva significa reconhecer que o encontro analítico é a interação envolvendo a subjetividade do paciente e a do analista e, também, que a compreensão atingida por meio da análise é produto de tal interação (2004). Assim, em vez de uma autoridade que revela verdades escondidas, o analista é

> um parceiro que colabora com seu paciente para criar entendimentos a respeito da forma como o paciente constrói sua realidade e também para

> revisar tais construções com o intuito de minimizar o sofrimento e permitir maior satisfação na vida. (Renik, 2004, p. 1055)

Partindo do princípio de que a subjetividade do analista é irredutível, Renik sustenta que a ideia de que o analista pode minimizar a comunicação de sua psicologia idiossincrática (reações emocionais, valores pessoais e construções de realidade, entre outros) é enganosa: "o analista tem a ilusão de que pode se manter relativamente anônimo na situação analítica e, comunicando sua convicção dessa ilusão, convida o paciente a subscrevê-la" (1995, p. 480).

Desse modo, o autor rechaça a premissa de que o analista pode ser anônimo e funcionar como um intérprete privilegiado das vivências do analisando, o que sugere uma promoção da simetria na relação: o paciente passa a ser reconhecido como um intérprete legítimo da experiência do analista e vice-versa.

O anonimato é, para Renik, uma pretensão que gera um conluio inconsciente por meio do qual as revelações da subjetividade do analista e a capacidade do paciente de percebê-las são rejeitadas pela dupla – instalando uma *folie à deux* no coração da relação terapêutica. Resumindo de forma incisiva, ele afirma que o anonimato analítico foi instaurado para estimular uma superestimação irracional do analista, já que encoraja a idealização deste como uma autoridade – uma "esfinge onisciente" (1995, p. 489) – que enxerga de maneira objetiva a realidade do contexto analítico e não pode ser questionada.

A saída, para Renik, é uma só: reconsiderar a teoria da técnica no que concerne ao anonimato, à abstinência e à neutralidade. Ele alega que o diálogo analítico – falado e não falado, consciente e inconsciente – é o veículo da mudança e que as regras estipuladas para esse diálogo vão estruturar o encontro intersubjetivo e o que ele produz.

"Os princípios tradicionais da técnica analítica clínica", diz Renik, "estabeleceram regras básicas que privilegiam a voz do analista" (2007, p. 1549). Isso ocorreu, segundo ele, pelo fato de que as teorias do processo psicanalítico "levaram os analistas a envidar seus esforços clínicos no

sentido de alcançar objetivos especificamente psicanalíticos, formulados separadamente dos objetivos terapêuticos" (2007, p. 1550).

Sendo os objetivos especificamente psicanalíticos, o analista, como autoridade em teoria psicanalítica, fica por decreto como uma autoridade em progresso clínico e em resultados. As consequências são o domínio da subjetividade do analista e a circularidade na investigação clínica: o que vem a ser entendido reflete o que o analista pressupõe. Como evidência disso, Renik oferece o feito de os resultados considerados bem-sucedidos de uma análise diferirem ao redor do mundo, de acordo com a subcultura psicanalítica à qual o analista pertence.

Como isso se articula com o distanciamento do anonimato? Vamos às palavras dele:

> O reconhecimento de que os *insights* na análise são criados intersubjetivamente nos obriga a revisar de forma crítica o princípio do anonimato analítico. A diretriz técnica que indica que um analista deve tentar ao máximo evitar autorrevelações pessoais é consequência do entendimento de que a psicanálise clínica é um projeto em que é dada a oportunidade ao paciente de projetar representações psíquicas na figura do analista para que este possa observar objetivamente tais projeções. Os esforços do analista em permanecer anônimo têm o intuito de garantir a oportunidade de projeção ao paciente e clarear o campo de observação do analista. (Se certos conceitos de identificação projetiva são aplicados, o analista vai sentir-se capaz de observar elementos projetados da psicologia do paciente representados nas reações do próprio analista. No entanto, na discussão sobre suas reações com o paciente, o analista interpreta a psicologia do paciente, em vez de revelar o que está sentindo.) No momento em que reconhecemos que verdades analíticas são cocriadas por analista e paciente, e não desvendadas através da observação objetiva do analista das projeções do paciente, a lógica para as tentativas do analista de minimizar autorrevelações se torna obsoleta. Pelo contrário: com vistas a facilitar a troca intersubjetiva na situação clínica, o analista deve estar disposto a tornar suas vivências relevantes disponíveis ao paciente da forma mais completa possível. (Renik, 2004, p. 1056)

A ruptura proposta pelo norte-americano é inicialmente sedutora ao leitor. Essa atração se justifica ainda mais porque Renik utiliza alguns exemplos clínicos nos quais o afastamento do anonimato se dá por meio da revelação dos caminhos do pensamento analítico do analista, e não por meio da revelação de sentimentos ou detalhes da vida pessoal. Entretanto, logo aparece a percepção de que a fronteira entre uma revelação aparentemente nutridora de produção analítica e uma revelação que tangencia o iatrogênico não é nítida.

No artigo em que preconiza o trabalho "com as cartas à mostra" e deixa claro que o anonimato deve ser, seguindo a metáfora sugerida, carta fora do baralho – "a questão não é *se* autorrevelar-se, mas sim *como* autorrevelar-se" (1999, p. 533, grifo do autor) –, Renik ilustra um momento de não autorrevelação e outro de autorrevelação.

A esquiva à autorrevelação deu-se quando uma paciente chegou à sessão com um vestido curto e justo ao corpo. Nesse momento, ele não disse o que se passava em sua cabeça, pois "trabalhar com as cartas à mostra não significa que o analista deve associar livremente, mas sim que não deve manter seus pensamentos em privado *como parte de um princípio analítico*" (1999, p. 534, grifo do autor). Partindo da ideia de que a comunicação deve ser feita tendo em vista seu propósito, Renik não viu utilidade em dizer à paciente que se sentira excitado.

Já a autorrevelação apareceu logo a seguir. A paciente em questão perguntou se o analista gostara do vestido, ao que ele respondeu: "Você está fantástica". O autor acredita que sua forma de reagir – "direta, porém circunscrita" (1999, p. 535) – funcionou muito bem, embora não haja maior descrição do desenrolar do material.

Minha experiência ao me defrontar com os relatos de Renik é semelhante à descrita por Spillius:

> Leio uma frase, penso que concordo com o que ele diz e imagino que outros psicanalistas provavelmente também concordariam. Vem, contudo, a frase seguinte que Renik evidentemente pensa ser uma sequência lógica da

> anterior, mas da qual discordo inteiramente. Eu então percebo que não sei como a transição ocorreu. (2004, p. 1057)

Afirmações sobre a intersubjetividade que seriam endossadas pela grande maioria dos analistas abrem alas para proposições de alterações da técnica – e, mais amplamente, do *setting* – que retiram grande parte da especificidade do trabalho psicanalítico, além de estimularem perigosamente a atuação contratransferencial. Como frisa Favalli, na estrutura terapêutica de orientação analítica, os lugares de cada participante são assimetricamente definidos pela escuta e pela livre associação: "o paciente não vem ao tratamento para encontrar uma posição alternativa com a qual possa se confrontar dialeticamente; para isso, poderia contar com qualquer pessoa bem-intencionada de suas relações pessoais" (2015, p. 143).

Além disso, a queixa de Renik a respeito do analista como autoridade que supostamente tudo sabe e pouco diz tem como encadeamento a recomendação de que o mesmo analista dispa-se dos preceitos técnicos fundamentais (que protegem a dupla) em nome de uma autoexposição cujos limites podem ser desenhados – autoritariamente? – somente pelo próprio analista, na ausência de uma arte-final da nova técnica. Ou seja, existe algo de contraditório no âmago da justificativa teórica apresentada.

Mesmo discordando de duas conclusões, há que se estimar um aspecto positivo das asserções de Renik. Por meio de suas afirmações teóricas reiteradas e de seus relatos clínicos provocativos, o autor transmite a importância de evitar a idealização do pensamento do analista e, assim, valorizar a oportunidade de contemplar a riqueza do campo criado pela dupla.

O anonimato do analista: outros autores

Outros intersubjetivistas adotam postura menos radical. Sugarman (2012), por exemplo, sugere que não haja rigidez de lado algum: a escolha do analista de autorrevelar-se ou preservar o anonimato deve ser uma decisão clínica baseada no paciente que está sendo atendido e no momento em que aquele atendimento está ocorrendo. Nenhum dos posicionamentos,

afirma, é inerentemente bom ou ruim, útil ou iatrogênico: são formas a serem utilizadas em diferentes ocasiões na busca de promover o andamento do processo psicanalítico.

Posição semelhante é adotada por Meissner (2002). Primeiro, ele entende a neutralidade não como comportamento de não se posicionar ou comunicar julgamentos pessoais, mas, sim, como estado mental de reflexão constante sobre se posicionar ou não, comunicar ou não, a partir do qual se pode avaliar o contexto imediato da relação e da interação com o paciente. A seguir, propõe tal neutralidade como fator mediador da intervenção do analista: por meio dela, deve-se tentar determinar o que é recomendável fazer em benefício do trabalho analítico e do paciente. Há uma alusão direta à aliança terapêutica, a qual tem de ser sempre alimentada, mas não deve ser confundida com a relação real analista-paciente, pois esta subverte a aliança e serve de base para resistências e *enactments* que frustram os esforços analíticos.

Para Meissner, a avaliação sobre fazer ou não uma autorrevelação não parte da gratificação ou da frustração, nem da erosão do anonimato do analista; parte, em realidade, de quanto tal comunicação tende a levar a relação analítica para longe da aliança terapêutica e dos aspectos transferenciais e para perto da relação real bipessoal.

Já Gabbard (2014) reconhece que o anonimato é uma construção mítica e que o analista está, em modos verbais e não verbais, sempre revelando a si. Ele sublinha, contudo, que a exposição de detalhes sobre a família ou problemas pessoais é raramente útil e carrega o risco de sobrecarregar o paciente a ponto de criar uma inversão de papéis.

Em uma mesma linha intermediária de opinião, situam-se autores que concordam com uma abertura maior do analista a respeito de si, mas especificamente sobre os caminhos de seu pensamento durante o diálogo com o paciente. Bollas (1989) descreve a "dialética da diferença", que inclui a possibilidade de discordância do analista em relação a si quando se percebe equivocado ou quando a sequência do tratamento suplanta uma observação anterior. A confissão e a explicação dessa discordância ao paciente

são sugeridas para ajudar o paciente a gradualmente aceitar e articular conflitos próprios.

Há ainda um grande número de autores que se alia às recomendações técnicas tradicionais de resguardo do anonimato por meio da ausência de autorrevelações. Louw e Pitman (2001), em uma crítica ao interacionismo de Renik, afirmam que a situação analítica é estruturada com o objetivo de buscar objetividade por parte do analista, o que retira uma motivação importante para a adoção de uma postura técnica de autorrevelação. A procura da objetividade, ressaltam eles, não ignora o fato de se estar sempre subjetivamente imerso na interação analítica: sabendo que sua subjetividade é insuprimível e que sua participação no encontro analítico vai influenciar o processo terapêutico, é justamente por meio da estruturação adequada do *setting* e do cuidado com sua manutenção que o analista pode identificar, corrigir e refletir sobre influências subjetivas que distorcem ou atrapalham o andamento do processo analítico.

Shill (2004) frisa que, no ofício analítico, não há lugar para esterilidade e distanciamento emocional. Ele adverte, no entanto, que algumas correntes que advogam pela autorrevelação e que negam a importância da neutralidade do analista correm o risco de ignorar a transferência e a natureza fundamentalmente intrapsíquica dos conflitos para o paciente. A comunicação de informações pessoais, emoções ou opiniões do analista ao paciente como princípio de trabalho analítico pode facilmente, de acordo com Shill, tornar-se um *enactment* de uma resistência contratransferencial. Já o esforço consciente para manter o anonimato e a neutralidade, segundo ele, serve de apoio à defesa contra a atuação contratransferencial.

Shill acrescenta que as funções de *holding* e continência, consequências da adoção de valores técnicos tradicionais, permitem ao analista participar mais livremente dos aspectos regressivos do tratamento e ter acesso mais franqueado ao material pré-consciente em si e no paciente. Para ele, tendo em vista que os analistas carregam a responsabilidade especial de proteger o paciente do peso de sua subjetividade (mesmo reconhecendo sua presença e seu papel inevitável), autorrevelações não servem à análise por comprometerem as condições mínimas para um processo ser dito analítico.

O mesmo tom categórico é adotado por Ferro e Basile. Para eles, "nunca é necessário fazer autorrevelações ou, melhor dizendo, nunca é necessário falar da realidade emocional do analista" (2004, p. 674), para evitar inundar ou saturar o campo.

Canestri, por sua vez, afirma que não há autorrevelação sem consequências. Ele critica a assertiva dos intersubjetivistas de que se deve satisfazer a necessidade do paciente de ter uma "resposta *autêntica*" (2007, p. 1614, grifo do autor) do analista e faz um questionamento oportuno: "Como podemos ter certeza de que a revelação das nossas emoções não tem intenções defensivas, sedutoras ou outras mais?" (2007, p. 1614).

Considerações finais

A dialética hegeliana pressupõe a presença de uma tese e de uma antítese, de cujo confronto surge uma síntese. Essa síntese se torna uma nova tese, à qual se opõe uma nova antítese, dando origem a outra síntese, e assim por diante. Uma boa prática clínica pode nortear-se pela mesma lei: partimos de uma ideia, cogitamos seu oposto e suas alternativas e alcançamos uma conclusão – preliminar e provisória, pois deve estar sempre aberta a um novo questionamento e, portanto, ao retorno ao caminho dialético.

Sempre considerei o anonimato incontestável do ponto de vista da técnica analítica. Até me ver em situações em que pareceu razoável adotar uma tática diferente. A circunstância descrita com Ana enquadra-se nessa ponderação: resisti inicialmente ao desejo de dizer como meu filho se chamava, o que acabou ocorrendo após a conversa em supervisão e o entendimento do significado do interesse e da "adivinhação" do nome João.

O material subsequente da sessão – "*Quando tu nominas algo, aquilo passa a existir … É parecido com o que eu faço aqui: quando eu relato, quando eu coloco em palavras, a coisa passa a existir*" – indica que houve ganho analítico, embora tenhamos que admitir também um efeito indelével sobre o campo.

Em retrospectiva, posso entender o acontecido como uma satisfação parcial do desejo de intimidade de Ana de uma forma que não descentrasse

nossa atenção do trabalho ali realizado em conjunto – oferecendo ainda um alento quanto às mudanças que, aos poucos e não sem boa dose de dor, vinham se efetivando. "Só Eros pode originar Eros", lembra Racker (1958/1982, p. 34).

Mantenho a convicção de que o anonimato é um princípio analítico a ser preservado e cultivado e de que a estrada percorrida da objetividade à subjetividade, à intersubjetividade e ao campo não justifica seu descarte. Concordo com Cassorla (2012) quando indica que os analistas devem trabalhar com as cartas à mostra apenas em circunstâncias muito especiais e nunca mais do que o necessário, procurando não sobrecarregar os pacientes com seus conflitos pessoais.

O que o dia a dia tem me ensinado, porém, é que desafios à nossa teoria e à nossa técnica hão de surgir e que o rigor técnico deve ser diferenciado da rigidez: situações excepcionais podem requerer medidas excepcionais. O que nos permite essa eventual liberdade é o estudo continuado e a permanente reflexão sobre a clínica – além, claro, da formação consistente baseada no tripé clássico (seminários teóricos, análise pessoal e supervisão).

Nossas histórias particulares, como diz Busch (2007), aparecerão nas sessões sem terem sido convidadas, mas nossa tarefa como analistas é avaliar se e como elas se combinam e se ajustam às histórias dos nossos pacientes antes de torná-las o centro do nosso trabalho. Esse exercício incessante de avaliação é o que pode nos aproximar do que Mario Quintana define como *relativa realização*: "mover-se com a máxima amplitude dentro dos próprios limites" (1973, p. 259).

Referências

Bollas, C. (1989). *Forces of destiny: psychoanalysis and human idiom.* London: Free Association.

Busch, F. (2007). Telling stories. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 51*(1): 25-42.

Cassorla, R. M. S. (2012). What happens before and after acute enactements? An exercise in clinical validation and the broadening of hypotheses. *Int. J. Psychoanal.*, *93*, 53-80.

Canestri, J. (2007). Comments on therapeutic action. *Psychoanalytic Quarterly, 77(*Suppl.), 1601-1634.

Dupont, J. (1994). Freud's analysis of Ferenczi as revealed by their correspondence. *Int. J. Psychoanal*., *75*(2), 301-320.

Eizirik, C. L. (2000). Entre a objetividade, a subjetividade e a intersubjetividade: ainda há lugar para a neutralidade analítica? *Revista Brasileira de Psicanálise, 34*(4), 711-721.

Favalli, P. H. (2015). Campo e intersubjetividade. In C. L. Eizirik, R. Aguiar e S. S. Schestatsky, *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos* (pp. 128-149). Porto Alegre: Artmed.

Ferenczi, S. (1995). *The clinical diary of Sándor Ferenczi*. Harvard: Harvard University. (Trabalho original publicado em 1932)

Ferenczi, S. (1933). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In. S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes.

Ferro, A., & Basile, R. (2004). The psychoanalyst as individual: self-analysis and gradients of functioning. *Psychoanalytic Quarterly, 73*(3), 659-682.

Freud, S. (2006a). Observações sobre o amor transferencial. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 175-188). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (2006b). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 125-133). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)

Gabbard, G. O. (2014). *Psiquiatria psicodinâmica na prática clínica*. Porto Alegre: Artmed.

Louw, F., & Pitman, M. (2001). Irreducible subjectivity and interactionism: a critique. *Int J. Psychoanal*., *82*, 747-765.

Meissner, W. W. (2002). The problem of self-disclosure in psychoanalysis. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 50*, 827-867.

Quintana, M. (1973). *Caderno H*. São Paulo: Globo.

Racker, H. (1982). Sobre técnica clássica e técnicas atuais da psicanálise. In H. Racker, *Estudos sobre técnica psicanalítica* (pp. 28-63). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1958)

Renik, O. (1993). Analytic interaction: conceptualizing technique in light of the analyst's irreducible subjectivity. *Psychoanalytic Quarterly, 62*(4), 553-571.

Renik, O. (1995). The ideal of the anonymous analyst and the problem of self-disclosure. *Psychoanalytic Quarterly, 64*, 466-495.

Renik, O. (1999). Playing one's cards face up in analysis: an approach to the problem of self-disclosure. *Psychoanalytic Quarterly, 68*, 521-539.

Renik, O. (2004). Intersubjectivity in psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.*, *85*(5), 1053-1064.

Renik, O. (2007). Intersubjectivity, therapeutic action, and analytic technique. *Psychoanalytic Quarterly, 76*(Suppl.), 1547-1562.

Shill, M. A. (2004). Analytic neutrality, anonymity, abstinence, and elective self-disclosure. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 52*(1), 151-187.

Spillius, E. B. (2004). Intersubjectivity in psychoanalysis: comments on Owen Renik. *Int J. Psychoanal.*, *85*(5), 1057-1061.

Sugarman, A. (2012). The reluctance to self-disclose: reflexive or reasoned? *Psychoanalytic Quarterly, 81*(3), 627-655.

Mário Tregnago Barcellos
mariotbarcellos@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 95-104. 2019

A estranheza do acaso
Desconstruções e ressignificações

Maria de Jesus Varjal de Mello Mações,[1] Recife

Resumo: Este trabalho pretende mostrar uma releitura de alguns conceitos da teoria psicanalítica que ajudem a melhor compreendê-la, por meio da apresentação de um caso clínico mediado, inicialmente, mediante a Terapia Psicomotora Ramain Thier. Ressalta a possibilidade que existe na trajetória na formação de um par analista/analisando – em que este, num momento de desconstrução e forte sentimento de abandono, busca ajuda no encontro com o acaso e, superando a paralisia na sua mão, passando dentro de um ônibus, avista uma casa com uma placa com o nome de uma psicomotricista. Percebe a possibilidade de cura de sua doença e vislumbra o vínculo com a terapeuta que lhe oferece a oportunidade de ressignificar uma vida destrutiva, na qual caiu por acaso e permanece há um longo tempo. Neste estudo tentar-se-á demonstrar, nas breves vinhetas, os resgates necessários para superação da sua dificuldade de escrever com sua mão direita, sua paralisia, sua histeria de conversão, em que ela faz uma clivagem da libido do eu, e também uma repressão da libido sexual, impedindo o gozo da sua sexualidade.
Palavras-chave: psicomotricidade, Ramain Thier, psicanálise, desconstrução, ressignificação

Folhetim

Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE).

E, se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim

E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia-luz
E te farei, vaidoso, supor
Que és o maior e que me possuis

Mas na manhã seguinte
Não conte até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim.
(Hollanda, 1979)

O acaso

Fala da paciente em sua primeira entrevista:

Tudo começou quando passava no ônibus e vejo numa clínica uma placa com nomes de profissionais e dentre eles estava o da psicomotricista.
Desço do ônibus, vou até a atendente da clínica e peço para falar com a psicomotricista.

Ela interfona, e logo se vê marcando com a profissional uma entrevista.

No dia da entrevista, relata que ao passar na avenida tinha visto meu nome na placa da Clínica e, imediatamente, pensou na possibilidade de ter

encontrado a forma de resolver seu problema. Estava com muita dificuldade de escrever, sua mão direita tinha ficado totalmente paralisada. Não sabia a causa… Ri e fala: "deve ser castigo divino".

O relato inicial da sua história de vida faz pensar que suas defesas motrizes vinham ocorrendo pela via do somático, muito mais do que pela produção de sintomas psíquicos, neuróticos ou psicóticos. Os transtornos, em seu funcionamento psíquico regredido, eram manifestados por meio de fortes posições ambivalentes, ora narcísicas, cantando e enaltecendo o culto à sua beleza, ora insatisfeitas: tudo era fugaz, era um vazio.

Transgredir, viver na corda bamba, trazia-lhe prazer, e sentir fortes emoções causava-lhe certo gozo por sentir-se viva. Filha do mundo, desprovida de afeto, não contava com a família, em total sentimento de abandono e desamparo. Sua salvação estava ali, bem na sua frente, o encontro com o acaso, que por meio da terapia Ramain Thier poderia preencher espaços vazios em seu mundo interno. Possibilidades de construções de pulsão de vida. Trabalhava como estagiária na Polícia Federal, era estudante de Direito e iria se formar no próximo ano. Precisava se curar, pois pretendia preparar-se para fazer o concurso da Polícia Federal.

Na primeira sessão, sugeri que falasse um pouco da sua história. Quando inicia a sua narração, percebo muita ansiedade, certo incômodo em sua fala, com uma carga muito grande de emoção. Percebendo o momento, disse-lhe que poderia começar a conversa sobre seu momento atual de vida. Por exemplo, o que achava que tinha provocado essa dificuldade de escrever com a mão direita.

Ela diz que desconhece o motivo e que o problema da paralisia aconteceu de repente. Insisto que é necessário que tente lembrar se algo a provocou. Pergunto também sobre o seu estágio, como está se virando quando precisa escrever. Então, ela sorri de forma um pouco sarcástica e diz: "Para tudo tem um jeitinho, principalmente quando a gente sabe agradar bem o chefe".

"Como assim?", questiono. Ela diz: "Bem, é uma longa história. Entrei nesse estágio por um pedido de um amigo com quem venho tendo um caso. Atualmente, também, estou tendo um caso com o meu chefe".

"Não estou entendendo.", questiono mais uma vez. Ela prossegue: "Mantenho relacionamento com os dois amigos ao mesmo tempo. Como consigo? Muito simples. O mais antigo não larga do meu pé, sabe da existência do meu chefe e faz que não sabe. É conveniente para ele. Sou uma boa amante e eles me adoram. Eu me cuido muito. Sempre estou indo a dermatologistas, ginecologistas, sempre mantendo uma boa aparência". Olha para mim e diz: "Não está entendendo nada, não é? Logo, logo, vai entender, quando eu conseguir falar da minha história".

À medida que as sessões foram acontecendo, Olga conseguia contar mais sobre a sua história. Cada vez que aumentava sua confiança em mim, colocava mais dados sobre sua vida. Era uma pessoa promíscua. Bebia, fumava, saía com diferentes parceiros por quem sentisse atração. Mesmo mantendo esses dois relacionamentos, de onde tirava os benefícios para sua vida de luxo, nada fazia que ela conseguisse construir um sentimento verdadeiro em seus relacionamentos. Só amava a sua própria pessoa.

Passados quase seis meses de terapia, submetendo-se à metodologia do Ramain Thier, as sessões eram desenvolvidas em três momentos: movimento de corpo ao som de um mantra, uma atividade de prancha com cadernos quadriculados ou triangulares e outras diferentes atividades motrizes, todos com tempo de execução, sempre cronometrado, e por último o momento da verbalização das sensações e emoções experimentadas naquelas vivências, quando Olga falava quais os sentimentos que a tinham mobilizado.

Certo dia chega e conta que esteve com a mãe, da qual até então eu não sabia da existência. Nunca tinha mencionado o nome dela, nem sequer falado de sua família. Falou que viu a mãe e teve muita contrariedade, pois esta só a procurava para pedir ajuda financeira. Relação de afeto não existia.

Começa então a falar de sua história. Foi concebida como fruto de uma relação em que a mãe não sabia quem era o pai, achava que era de um russo, mas não tinha certeza, pois veio num navio da Europa e tinha tido alguns relacionamentos antes e no decorrer do trajeto da viagem com

alguns tripulantes do navio. Ela provavelmente já tenha vindo na barriga de sua mãe.

A mãe era americana e achava que a filha também fosse. Porém, seu nome é de origem russa, a mãe achava bonito. Ao chegar se instalaram no centro da cidade, lugar próprio onde sua mãe poderia levar sua vida promíscua fácil.

Após um tempo, quando ela já tinha uns 13 anos, a mãe passou a viver com um homem que assumiu o lugar de padrasto. Tentou abusar dela algumas vezes, quando bebia; a mãe impedia, mas não o expulsava de casa. Falava que era uma boa pessoa e ajudava com as despesas.

Quando Olga ficou mais velha, iniciou-se na mesma vida da mãe e, segundo seu depoimento, o padrasto a ajudou. Segundo ela, foi pelas mãos do padrasto que entrou na vida da prostituição, repetindo a trajetória da mãe. Certa vez teve uma briga grande com a mãe e o padrasto e saiu de casa. Já tinha como se manter, ou melhor, sabia que não passaria necessidade. Sua beleza sempre a ajudou, muito sedutora, sabia como tirar proveito de seus dons. Tinha todos os homens em suas mãos.

Passado quase um ano de terapia, certo dia, em sua sessão, aconteceu um momento especial. Chegou falando que estava curada, já conseguia escrever com sua mão direita, não sofria mais de paralisia, e me perguntou como isso poderia ter acontecido.

Devolvi a pergunta: "Como?". Ela respondeu: "Não sei!" Expliquei que poderia ter sido o fato de poder falar de seus sentimentos e poder se confrontar com suas fragilidades, o que a levou a pensar também que poderia vencer essa paralisia. Ela olhou para mim demoradamente e disse: "Sabe, lhe adoro! Você me ajuda muito, não imaginava como poderia existir alguém como você. Mesmo me dizendo às vezes coisas que não quero ouvir ou pensar, sei o quanto é importante para mim estar aqui com você".

A partir desse momento começou a demonstrar seus afetos na nossa relação. O amor platônico pela sua analista. A mãe suficientemente boa aparece, me admirava e procurava me imitar, perguntando onde comprava minhas roupas etc. Falava da sua gravidez, que até então estava velada, proibida de falar, pois não tinha certeza do verdadeiro pai. Levantou

a possibilidade de construir uma vida com o possível pai de seu filho. Deixaria de viver na mentira, na corda bamba, na linha de tiro. Queria uma vida tranquila, ter seu filho, criá-lo bem, com amor e respeito. Ter uma família de verdade.

Aí vem a maior questão! Como fazer tudo isso? Como desfazer toda essa vida dupla e tão entrelaçada? Tinha quase certeza de que o filho era do seu primeiro relacionamento, mas o segundo estava curtindo a sua gravidez, achando que era dele e que seria um pai muito melhor para seu filho do que o outro. Além do fato de que os dois eram conhecidos, conviviam em vários momentos, bares, festas etc.

Questionei-lhe: "Qual seria a escolha? Como seria viver com a verdade? Assumir a verdadeira paternidade do filho, ou conviver com a eterna mentira?". Foram muitas as sessões para que ela pudesse elaborar essa trama. Brigas, discussões com ambos os parceiros, até que, no fim, abre mão da sua vida de segurança e conforto com o chefe e assume a verdade com o policial, pai do seu filho.

No período final do processo terapêutico conversamos muito sobre não abrir mão das conquistas, fazer seu concurso, criar seu filho e se permitir ser fiel às suas crenças. Dignidade quando é descoberta é uma conquista que engrandece o ser humano.

Nossa última sessão foi emocionante. Levou o retrato do filho. Realmente se parecia com o pai. Ela me agradeceu ter aparecido por acaso na sua vida. Um acaso que ressignificou um caso terapêutico, uma vida que desabrochou para a possibilidade de ser feliz e conseguir construir laços afetivos duradouros.

Por meio do processo transferencial analítico (o lugar assumido da analista), reconhecerá seu desejo, suas funções libidinais sexuais, possibilitando perceber e entrar em contato com seu mundo interno, condições essas que só mediante o reconhecimento de si e do outro permitiram elaborar seus diferentes afetos.

Releitura à luz da teoria psicanalítica

Olga trazia em sua vida uma carga afetiva muito forte. Seus registros históricos eram marcas em sua subjetividade. O peso dos desafetos de sua mãe, que Olga continha, internamente, não dava para suportar.

O corpo vem sendo novamente muito discutido pelos teóricos da psicanálise após um longo período de esquecimento. Tal retomada de estudos está vinculada às mais novas abordagens em antropologia, história, biologia e sociologia. Na psicanálise, o corpo passa a ter um estatuto de representante do psiquismo. Com o foco na exterioridade, o corpo passa a ser fonte de frustração, sofrimento e impedimento à potência fálico-narcísica, representando, assim, o mal-estar contemporâneo (Fernandes, 2003).

O fundador da psicanálise sugere que o corpo pode ser afetado pelas vicissitudes decorrentes da mente; assim, ele não seria apenas afetado por causas orgânicas (Peres, 2006).

Na questão freudiana, é a delimitação do fator quantitativo aí presente, ou seja, o reconhecimento de que haveria um "grau máximo de tensão emotiva que o organismo poderia tolerar… [E a hipótese de que] quando essa quantidade é aumentada pela somação, até um ponto além da tolerância do indivíduo, dar-se-ia o ímpeto à conversão" (Freud, 1893-1895/2007b, p. 187).

Asim, como ensina Freud, uma forma de ganho secundário, inscrito na dimensão de uma fala inconsciente. Os fenômenos psicossomáticos, por outro lado, implicam uma espécie de transbordamento no corpo, um tipo de sintoma encarnada em parte do corpo evocando a possibilidade de situá-los do lado das neuroses atuais, como veremos adiante a compreensão nos oferecida por Freud Essa articulação não aconteceria sempre, mas com especial frequência, o que evidencia a importância da noção de neuroses mistas para o entendimento da relação entre as neuroses atuais e as psiconeuroses. Para Freud, dificilmente as neuroses se manifestavam clinicamente de forma isolada, de modo que na base de uma psiconeurose normalmente havia uma neurose atual.

Na "Conferência XXVI – A teoria da libido e o narcisismo" (Freud, 1916/1917/2014), a respeito da relação entre as neuroses de transferência e as neuroses narcísicas, Freud afirma que "as semelhanças entre elas vão muito longe; no fundo, o campo de fenômenos é o mesmo" Freud, 1916/1917/2014, p. 492). Essa afirmação talvez possa ser estendida à articulação entre neuroses atuais e psiconeuroses. Portanto, Freud considera as neuroses atuais como o núcleo das psiconeuroses – "o grão de areia no centro da pérola" (Freud, 1916/1917/2014), o que abre um importante campo de pesquisa para a clínica psicanalítica. Sugiro, aqui, que tal grão de areia ganha expressão clínica exatamente somática termo freudiano solicitação somática.

Em suas narrativas, quando começa a fazer suas autorreferências, traz um fala delirante um forma de expressividade histérica, a qual relaciona a um material que foi rechaçado da sua consciência. Segundo Freud, o retorno desse material (ou somente do afeto aflitivo ou também da lembrança) é que caracterizaria o delírio. Dessa forma, nos delírios histéricos, estaria em jogo a emergência de um material sob a forma de ideias e impulsos à ação que a pessoa rechaçou e inibiu em seu estado consciente.

A teoria revela que algo parecido se aplicaria aos sonhos, que trazem associações antes rejeitadas ou interrompidas durante o dia. Freud vai concluir, nesse sentido, que a ideia delirante é sustentada com a mesma energia, com que a ideia penosa e rechaçada do ego; e, por conseguinte, que aqueles que deliram "amam seus delírios como amam a si mesmos" – (Carta 52, Freud, 1893-1899/1980).

Olga desenvolve suas relações utilizando diferentes defesas a fim de não se machucar, proteger-se dos possíveis ataques ao seu ego frágil. Em sua fantasia narcísica, é inatingível. Quando fala, repete que tem todos na sua mão. Sua beleza e sua sedução são irresistíveis. Quando pontuei qual a utilidade de todo esse poder, ela ficou pensativa e logo mudou de assunto. Penso, que tais defesas representassem para ela uma fuga da realidade cruel que a vida vinha lhe oferecendo.

Freud especula que o narcisismo secundário se desenvolve quando os indivíduos direcionam esse afeto de objeto de volta a si, após a libido

já ter sido projetada para fora, para outros objetos além de si. O resultado é que um indivíduo se torna "cortado" da sociedade e desinteressado em outros. Freud postula que tal indivíduo terá baixa autoestima devido à sua incapacidade de expressar o amor para os outros e que eles expressem amor para ele. Além disso, essa pessoa pode ficar cheia de vergonha, culpa e muitas vezes fica na defensiva. Isso ocorre porque o narcisismo faz um indivíduo buscar a autopreservação.

Para Marty (1990), a doença psicossomática é uma estratégia defensiva empregada por determinados pacientes como forma de se livrar do excesso libidinal que não encontrou descarga por meio da fantasia e das manifestações decorrentes dela. Tais pacientes não são nem neuróticos, nem psicóticos, nem perversos. Possuem uma estrutura psíquica específica caracterizada por uma carência fantasmática que enseja um funcionamento operatório manifesto em um discurso pobre em simbolização e voltado para a discrição da realidade externa.

Portanto, concluo que só por meio do recurso terapêutico Olga conseguiu livrar-se de suas defesas primitivas que a impediam de realizar as descargas necessárias em suas funções libidinais por meio de suas fantasias, possibilitando-lhe apropriar-se da conquista de uma vida digna, normal, sentir-se pertinente e pertencente ao convívio com seu meio profissional e social, estabelecendo uma relação de respeito e admiração consigo mesma e com o outro, pois tinha certeza de que essas conquistas eram a base de seu desejo, de sua individuação, de sua subjetivação. Conseguir demonstrar seus afetos livremente, resgatar a condição humana de poder construir uma família de forma real que até então nunca tinha tido, na qual pudesse sentir-se amada e respeitada.

Diante de toda essa nossa trajetória, penso que Olga conseguiu ressignificar sua vida, fazer os resgates necessários, e saiu fortalecida para enfrentar as adversidades que possam vir daqui para frente.

Referências

Freud, S. (1980). Extrato dos documentos dirigidos a Fliess. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 381-520). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899])

Freud, S. (2007a). Análisis de la fobia de um niño de cinco años. In S Freud, *Obras completas* (Vol. 10). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1909)

Freud, S. (2007b). Estudios sobre la histeria. In S Freud, *Obras completas* (Vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895)

Freud, S. (2007c). Fragmento de análises de um caso de histeria. In S Freud, *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1901)

Freud, S. (2007d). Tres ensayos de teoría sexual. In S Freud, *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1901)

Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916/1917)

Fernandes, M. H. (2003). *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Fernandes, M. H. (2002). Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista. *Percurso*, 29, 51-64.

Hollanda, C. B. (1979). Folhetim. In C. B. Hollanda, *Ópera do malandro* (LP). Rio de Janeiro: Polygram/Philips.

Marty, P. (1993). *A psicossomática do adulto.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Peres, R. S. (2006). O corpo na psicanálise contemporânea: sobre as concepções psicossomáticas de Pierre Marty e Joyce McDougall. *Psicologia Clínica*, *18*(1), 165-177.

Trillat, E. (1991). *História da histeria*. São Paulo: Escuta.

Maria de Jesus Varjal de Mello Maçães

zuimacaes@hotmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 105-113. 2019

Sonhos

Um mergulho no estranho e nas subversões do inconsciente

Geraldo Jorge Barbosa de Moura,[1] Recife

Resumo: A vida humana é uma eterna batalha entre o que nos leva a ter prazer (ou evita o desprazer) e o que nos leva a sofrer. Nesta batalha de desejos, alegrias e angústias o sonho representa uma janela com entrada direta para o inconsciente, ou desconhecido, ou estranho, facultando a realização dos desejos mais ocultos e profundos com menos repressão, ou seja, é o guardião do sono, na medida em que nos mantém adormecidos enquanto toma para si a função de tentar realizar nossos desejos e evitar que acordemos para realizá-los. Embora a "realização" de tais desejos do id possa-nos gerar um prazer momentâneo no nosso eu profundo e "Estranho-oculto", a culpa resultante do prazer obtido nas subversões do inconsciente pode não ser suportada conscientemente. O estudo do sonho de forma sistematizada foi iniciado por Sigmund Freud e, a partir disso, o mundo despertou para o fato de que as vivências do sonho, com as devidas ações dos mecanismos de defesa adormecidos, apresentam os verdadeiros desejos e as maiores questões a serem resolvidas como sujeito dotado de um aparelho psíquico dinâmico, autoinfluenciável e que influencia e sofre influência do ambiente sociocultural em que está inserido, revelando conteúdos mentais estranhos e subversivos que foram excluídos do consciente, mantendo-se "passivamente-ativo" em busca de obter um prazer proibido ou não passível de reconhecimento conscientemente.

Palavras-chave: desejos ocultos, princípio do prazer, recalque, id, ego

Os degraus
Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.
Não subas aos sótãos – onde
Os deuses, por trás das suas máscaras,
Ocultam o próprio enigma.

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE) e docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Não desças, não subas, fica.
O mistério está é na tua vida!
E é um sonho louco este nosso mundo…
(Mario Quintana)

A vida humana é uma eterna batalha entre o que nos leva a ter prazer e o que nos leva a sofrer. Nesta batalha de desejos, alegrias e angústias o sonho representa uma janela aberta com entrada direta para o inconsciente, facultando a realização dos desejos recalcados mais ocultos e profundos com menos repressão, ou seja, como dito por muitos, é o guardião do sono, você "realiza", ou, ao menos, tenta realizar seus desejos e, sonhando, não precisa acordar.

O estudo do sonho de forma sistematizada por meio do método científico hipotético-dedutivo foi iniciado no final do século XIX por Sigmund Freud e, a partir disso, o mundo despertou para o fato de que as vivências do sonho, com atenuação das ações dos mecanismos de defesa dos indivíduos, apresentam os verdadeiros desejos e as maiores questões a serem resolvidas pelo sujeito, que, dotado de um aparelho psíquico, influencia e sofre influência do ambiente e das concepções socioculturais em que está inserido, revelando conteúdos mentais que foram reprimidos ou excluídos do consciente.

Os sonhos são constituídos por personagens e enredos de alguma forma caleidoscópicos e recheados de projeções onde você se enxerga nos outros. O fato é que o sonho sempre faz alusão à nossa essência, ao que somos e pensamos verdadeiramente, embora peguemos personagens mil emprestados.

Pela visão organicista nascemos fisicamente prontos e com potencial intrínseco de desenvolvimento corporal; porém, no que se refere ao nosso aparelho psíquico e ao nosso corpo mental, estamos em constante construção, especialmente no convívio com o outro, seja na vida de vigília ou durante o sonho.

O sonho pode ser dividido em dois níveis de acesso. Um é chamado de conteúdo manifesto, ou seja, aquele enredo que o sonhador lembra

e pode repassar para um observador via linguagem, falada ou não, e que aparentemente é real, palpável e está alojado no seu consciente. O outro é chamado de conteúdo latente, o qual podemos rotular como o sonho verdadeiro, aquele em que se experimentam emoções prazerosas ou dolorosas, porém está retido apenas no inconsciente, obedecendo a suas leis; tal qual a atemporalidade, nele tudo é presente (passado-presente-futuro), tudo é possível, tudo é factível.

Essa retenção nada mais é que um mecanismo do nosso aparelho psíquico para nos proteger de emoções que não podem coexistir no nosso poderoso sistema de representação, ou seja, não podemos nos confrontar conscientemente, pois não aguentaríamos o sofrimento direto ou indireto decorrente dessas experiências. Por isso não nos lembramos dos sonhos e, à medida que nos afastamos temporalmente do instante em que acordamos, essas lembranças tornam-se cada vez mais deturpadas, desconexas e friáveis.

Vale ressaltar que o registro dos sonhos, prioritariamente dos conteúdos latentes, por mais inatingíveis que sejam, representa uma excelente ferramenta de discussão clínica durante e entre os processos de análise. Como afirmou Freud em diversos momentos históricos do seu compêndio, "todo trabalho mental tem um sentido ou significado ou intenção". Segundo estudiosos da psicanálise, está é considerada uma das maiores contribuições de Freud para as ciências humanas, sociais e da saúde.

Podemos fazer uma analogia entre o sonho e a alucinação. O sonho é uma espécie de alucinação em que o alucinante não sabe que alucina, enquanto aquele que sonha sabe ou virá a saber que está ou estava sonhando.

Os sonhos não estão sempre associados a questões profundas do indivíduo, mas, sim, a qualquer forma de desejo aparentemente não exequível no momento, como necessidades fisiológicas, demandas de terceiros por ocasião do sono e, como já dito, demandas preteridas do sujeito, ou seja, das nossas experiências durante a formação e o desenvolvimento do nosso aparelho psíquico e físico-cognitivo.

Em outras palavras, podemos concordar que os sonhos em geral apoiam-se em duas pilastras, uma referente à contemporaneidade (estímulo

atual) e outra referente a acontecimentos do passado, predominantemente relacionados com energias emocionais experimentadas na infância.

Para facilitar o entendimento de alguns tipos mais superficiais de sonhos referentes a questões ligadas às demandas geradas durante o sono, poderíamos lembrar que durante o sono o nosso sistema perceptivo está plenamente ativo no que se refere a órgãos receptivos de estímulos externos (primariamente audição, tato, olfato e, secundariamente, paladar) e internos (receptores de pressão/Walter Paccine, tato/Meismer, dor/terminações nervosas livres, contração e relaxamento muscular/Walter Paccine, entre outros); o que está desligado é a região encefálica de análise consciente desses estímulos.

Isso ocorre justamente para que consigamos adormecer e nos desligar das demandas basais de sobrevivência fisiológica. Afinal, o desgaste energético do aparelho psíquico requer, obrigatoriamente, uma pausa parcial para descanso e reposição energética (aporte de glicose). Nessa perspectiva, recordamos a expressão supracitada segundo a qual o sonho é o guardião do sono.

Quando estamos acordados e detectamos estímulos pelo nosso sistema perceptivo, analisamos e julgamos conscientemente as demandas e o custo-benefício de sua realização e obtenção de prazer ou não, para depois enviarmos, por vias neuronais eferentes, ordens para o aparelho motor (essencialmente os sistemas ósseo e muscular), que estará incumbido de solucionar ou fortalecer a demanda inicial, a depender se ela gera prazer ou desprazer.

Porém, quando estamos dormindo, com o nosso consciente desligado, e o nosso sistema perceptivo detecta uma demanda, o inconsciente assume a realização do desejo sem enviar ordens para o aparelho motor, uma vez que os sistemas finais de ações motoras (ósseo, muscular, hormonal, entre outros) não respondem e todo o investimento se volta para o sistema perceptivo, maximizando a formação de imagens e estímulos em geral, que por sua vez passa por elaboração onírica, elaboração dos sonhos ou, como alguns ainda denominam, trabalho do sonho, resultando no que chamamos de conteúdo manifesto ou conteúdo secundário.

Assim, o sonho torna-se mais complexo do que inicialmente foi concebido, uma vez que tem associação livre com o que vem antes do sonho, ou seja, com o que foi vivido (referente ao contexto de produção linguística e experiencial do sujeito) e com o que vem ou pode vir depois do sonho, ou seja, com o que se deseja viver (desejos, especulações, projeções, expectativas); que juntos se expressam por meio de uma percepção expressiva.

Em uma abordagem menos fisiológica e mais profunda da psique humana, podemos imaginar diversos tipos de estímulos/impulsos para a formação do conteúdo latente prioritariamente pictóricos (formados por imagens polimórficas visuais), pois, além do exemplo dado anteriormente, em que temos estímulos sensoriais como origem do conteúdo latente, também podemos citar os resíduos diurnos, ou seja, remanescentes de experiências triviais ou traumáticas e, por fim, em destaque, os impulsos do inconsciente que buscam a realização de desejos, porém foram reprimidos/censurados pelo ego e pelo superego, ou seja, banidos do consciente pelas defesas do ego.

Assim, podemos dizer que o ego vai modular/sublimar os desejos do inconsciente, seja pelo trabalho, seja pela elaboração do sonho, ou elaboração onírica.

Como exemplo, fazermos alusão a um bebê com fome pode ajudar a elucidar o entendimento dos processos de formação e a importância dos sonhos: um bebê com fome, fome essa que gera sofrimento, pode inicialmente alucinar chupando o dedo achando que está chupando o mamilo materno e, consequentemente, tendo acesso ao leite, assim como sonhar que está sendo amamentado. Porém, como essas estratégias não resolverão efetivamente a demanda inicial (fome), ele, uma vez ciente da ineficiência a médio e a longo prazo da alucinação e do sonho, passa a chorar e gritar como consequência da fome, até que verdadeiramente é amamentado e a demanda inicial é resolvida. Assim são nossos sonhos: aliviam-nos momentaneamente, porém temos consciência, ao acordar, de que as demandas continuam, e o choque de realidade se estabelece continuamente.

Vale uma ressalva para não confundirmos sonhos e alucinações com devaneios. Devaneios podem até serem chamados de "sonhos conscientes"

e por essa consciência efetiva no processo não sofrerem repressão; então, consequentemente, o conteúdo latente é igual ao conteúdo manifesto, ou seja, não obedece à lógica estrutural de construção dos sonhos propriamente dita.

O trabalho ou elaboração onírica do sonho pode se processar por diferentes mecanismos para modelar ou lapidar o conteúdo manifesto. Tais mecanismos podem ser enquadrados em duas categorias: deformação e censura.

A deformação pode agir por pelo menos quatro submecanismos. Um deles chamamos de condensação, que, como o próprio nome ressalta, corresponde à condensação, união ou fusão de lembranças, imagens, acontecimentos e até pessoas. A condensação também pode ser chamada de sobredeterminação, pois se dá ao ponto de encontramos no conteúdo manifesto uma pessoa com partes corporais e características comportamentais de diferentes pessoas, com cuidado para não confundir com a sobredeterminação psíquica, a qual se refere ao fato de toda ação ou pensamento ter um motivo determinado inconscientemente.

Um outro mecanismo da deformação é o deslocamento, que corresponde à mudança de foco de algo desejável para algo substitutivo, quando há alguma razão para o desejo original não se concretizar. Neste caso, pode-se manter a ação e mudar apenas o alvo, ou manter o alvo e mudar a ação. Ocorre geralmente quando o id quer fazer algo que o superego não permite. Nessa situação, o ego tenta ajudar encontrando uma outra maneira de liberar a energia psíquica do id, porém de forma segura, sem gerar sofrimento ou angústia, seja pelo sonho ou pela vida real. Um exemplo típico dos livros é a raiva que o empregado sente do chefe e o desejo de gritar e liberar toda a energia contida pelo superego. Quando essa energia é muito grande e torna-se muito forte, sem um mecanismo de sublimação do aparelho psíquico, o ego permite uma liberação substituta, então o empregado grita sem motivo e sem razão com seus familiares, esposa, filhos etc. Dessa forma, ocorre uma liberação energética, embora não seja a melhor nem a mais madura forma de lidar com situações dessa natureza.

Outros mecanismos menos complexos são a figurabilidade, que corresponde a dramatizações alternativas; a elaboração secundária, que se refere à tentativa de atribuir uma outra lógica aos enredos dos sonhos; e a oposição, que, como bem marcado no caso Dora, corresponde à inversão das ideias e dos desejos realizada pelo trabalho onírico, numa relação binária com o oposto.

Por fim, a categoria denominada censura corresponde à simples supressão/deleção de partes, personagens ou demais elementos cognitivos do sonho. Assim, esse mecanismo nos ajuda ao evitar que nos confrontemos com questões vividas nos sonhos que nos gerariam sofrimento.

Outros aspectos que merecem destaque são os sonhos premonitórios, os sonhos recorrentes e os sonhos de angústia ou pesadelos. Os sonhos premonitórios não estão verdadeiramente prevendo algo inicialmente desconhecido, como é defendido por muitas religiões euro-asiáticas e africanas. Na verdade, o sonho que aparentemente é classificado como premonitório é decorrente do conhecimento existente no nosso inconsciente a que a princípio nosso consciente não tem acesso, não sabe e se protege por esse desconhecimento.

Por ocasião de o fato se concretizar para o consciente e a ligação com sonhos pretéritos, criou-se ao longo de gerações essa falsa conotação cultural de que existem sonhos premonitórios. Apesar de que premonição se caracteriza por adivinhar algo do futuro e, independente da origem do conhecimento, os sonhos premonitórios entendidos pela psicanálise, de certa forma, trazem à tona algo que o sujeito não tem consciência de que conhece, embora esteja grafado no seu inconsciente.

Já os sonhos recorrentes são fruto de questões, demandas e desconfortos emocionais que demandam muita energia do indivíduo e estão frequentemente em sua mente, necessitando de uma aceitação mais plena, em detrimento de uma conformação por falta de alternativas. Assim, precisa ser constantemente trabalhado, descarregado no inconsciente, e para isso o sonho se torna ferramenta básica de equilíbrio da nossa vida psíquica.

Em relação aos sonhos de angústia ou pesadelos, podemos iniciar pensando sobre um questionamento e uma falsa lógica que normalmente

as pessoas iniciantes na psicanálise cogitam: se o sonho é a realização de um desejo que traz prazer para o indivíduo, como explicar os sonhos de angústia ou pesadelos que trazem sentimentos desprazerosos?

Essa aparente contradição é decorrente de desejos do inconsciente que não podem ser desejados conscientemente, pois trariam muito sofrimento, angústia e culpa pelo desejo realizado (por isso alguns autores chamam também de sonhos de culpa). Em outras palavras, o id pode causar desprazer no ego por causa das consequências morais (superego), não esquecendo que todas as questões polêmicas do inconsciente se tornam maximizadas quando são acessadas pelo consciente, o que explica o fato de os conteúdos latentes dos sonhos de angústia, após o trabalho dos sonhos, tornarem-se tão assustadores no conteúdo manifesto, o que configura os pesadelos mediante o senso comum dos leigos em psicanálise.

Assim, podemos concluir, de certa forma, que quando você sonha um desejo ele foi realizado. Pelo menos a demanda energética compatível com essa realização encontrou uma vazão, e o conteúdo manifesto é nada mais, nada menos que um desejo do impulso que pode ser expresso por emoções e afetos já "satisfeitos", pelo menos na instância onírica.

Mesmo o sonho sendo uma energia obstruída pela censura que tomou uma rota alternativa de realização do desejo, não se configura como uma neurose, embora encontremos uma estrutura de deslocamento psíquica semelhante entre os sonhos e as neuroses, pelo menos de forma genérica.

O entendimento dos sonhos e seus mecanismos estudados por Freud permite revelar importante faceta do inconsciente (*unheimlich*). Dessa forma, finalizo fomentando uma reflexão sobre a temática dos sonhos a partir de um dos fragmentos que Freud nos deixou: "Sonhar é você acordar de um sonho. Na maioria das vezes, só nos damos conta [de] que estamos sonhando quando acordamos". É o conhecimento dessa profundidade que muda o *unheimlich* para *heimlich*, e o estudo dos sonhos trazidos por Freud foi indispensável nessa operação de mergulho no estranho e nas subversões do inconsciente.

Referências

Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos (primeira parte). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1996b). A interpretação dos sonhos (segunda parte). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1996c). Lembranças encobridoras. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899)

Freud, S. (1999). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In S. Freud, *Artigos sobre metapsicologia*. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (2006a). Mais além do princípio do prazer. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (2006b). O inconsciente. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2, pp. 13-74). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (2010). Revisão da teoria do sonho. In S. Freud, *O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (p. 126-191). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)

Freud, S. (2012). O eu e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)

Geraldo Jorge Barbosa de Moura

geraldojbm@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 115-122. 2019

Um estranho entre nós
Confidências de uma analista em estado interessante

Juliana Lang Lima,[1] Porto Alegre

Resumo: O trabalho a seguir tem sua inspiração maior em uma vivência pessoal de grande impacto na clínica psicanalítica: uma gravidez da analista. Tendo como norte teórico a obra freudiana, a autora reflete sobre a experiência de ser dois em um, um momento fortemente narcísico, e seus impactos na transferência e na escuta, tecendo algumas reflexões que, ao final, pareceram quase confidências.
Palavras-chave: gravidez da analista, narcisismo, escuta analítica, transferência

Eu vi a mulher preparando outra pessoa
O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga.
(Veloso, 1979)

Os seres vivos nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. Ouvi essa frase um sem-número de vezes durante meus anos escolares, como uma equação lógica e linear a se desenvolver temporalmente – ou seja, nascer, crescer, reproduzir-se e morrer são o destino de tudo que é vivo. Os humanos, contudo, parecem seguir tal formulação de forma um tanto trôpega, seja porque muitos acabam por não vivenciar a reprodução, seja pela existência, propiciada pela cultura, de um certo descolamento entre o psíquico e o biológico. Mas aonde estaríamos querendo chegar com essas palavras introdutórias? Talvez este seja um preâmbulo desnecessário para afirmar o óbvio: se anatomia é destino (Freud, 1924/2016), gravidez não é. Falando especificamente das mulheres, mesmo que há pouco tempo vigorasse uma ideia de maternidade quase compulsória, hoje acreditamos

1 Do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, SBPdePA.

estar nos encaminhando para conceber essa vivência como algo mais próximo de uma construção legitimamente desejante. E haja desejo ao se falar de uma gestação!

Sem meias palavras, nos posicionamos: passar por uma gravidez é uma experiência de extremo estranhamento. Gerar uma vida demanda um exaustivo trabalho físico e psíquico. À mulher, é solicitado que entregue seu corpo para ser habitado e transformado por um ser que ali vai se formar. Diversas são as alterações que acompanham esse estado interessante: maior sensibilidade, náuseas, sonolência, insônia, aumento ou diminuição do apetite, entre tantos outros que se manifestam logo de início, indicando que serão grandes as mudanças por vir. Para além das nada sutis modificações corporais, há um aparelho psíquico em constante movimento, a produzir indagações, sonhos e associações. Em especial, destacamos um estado regressivo necessário para enfrentar a comunicação essencialmente sensorial que se desenvolverá com seu bebê antes da instauração da linguagem. A singular vivência de ser dois em um, que remete às origens de todos nós, não passa sem deixar marcas profundas, do lado de lá e de cá do divã. Estamos falando do ápice de um momento narcísico, com tudo de erotizado e incestuoso que esse encontro comporta (Freud, 1914/2004). No desenrolar de uma análise, a gestação daquela que conduz o processo terá significados dos mais diversos. Podemos dizer, para começo de conversa, que insere de forma concreta registros de uma sexualidade que até então ficava restrita ao privado. A forma como cada analisando vai tomando contato com a novidade dá uma ideia dos caminhos pelos quais anda a neurose de transferência. Assim, nos deparamos com aqueles que denunciam a gravidez em seu discurso logo nas primeiras semanas, quando ela seria imperceptível para ser vista com os olhos, e também com outros que, contra todas as evidências de formas mais arredondadas e de uma barriga deveras pronunciada, nada enxergam.

A questão do olhar, aliás, mereceria todo um tópico à parte, sendo este um verbo altamente metafórico e de grande significado para os psicanalistas. Expressões como "ponto de vista" – para referir-se ao conjunto de ideias de um sujeito – ou "janelas da alma" – como poeticamente são

definidos os olhos – são frutos de uma cultura na qual a visualidade predomina, sendo constitutiva. Podemos evocar também *Édipo Rei* e *O homem da areia,* duas obras apreciadas por Freud e nas quais o olhar desempenha papel significativo, para deixar claro nosso entendimento de que ver jamais pode ser compreendido como uma ação que se realiza apenas com os glóbulos oculares. O inconsciente enxerga antes dos olhos. Se é, muitas vezes, pela via das sutis comunicações inconscientes que se torna possível entrar em contato com esse estranho que passa a frequentar a sala de análise, também aí pode operar uma resistência capaz de obstruir a percepção do mundo externo. Lembremos o dito popular: "o pior cego é aquele que não quer ver".

As primeiras reações depois da confirmação da existência desse terceiro são dignas de nota. Há os que emudecem, os que se preocupam, os que demonstram alegria, os que rivalizam. As perguntas passam a circular com mais frequência pela sala de análise, ocupando os mesmos espaços onde habita a neurose de cada um. Assim, enquanto alguns se afligem por saber para quando é o nascimento e quanto tempo a analista ficará de licença, outros "apenas" desejam saber o sexo ou o nome do bebê, e alguns nada questionam.

Ilustrando a ambivalência constitutiva de todo humano, recordo o dito de um analisando, após uma resposta positiva para sua pergunta sobre a analista estar grávida: "O que eu vou te dizer? Se foi planejado, parabéns. Se não foi, sinto muito". Tal fala revela que a existência de um bebê nem sempre será fonte de alegria. Ao inserir a possibilidade de que a gravidez não tenha sido planejada, o analisando põe em xeque o desejo da analista, ao passo que também fala de si e do temor de perder o amor dessa mulher agora mãe, caso ela não esteja habilitada a desejar seus outros filhos/analisandos.

Uma ausência

Como já vínhamos pontuando anteriormente, viver a experiência de gestação em uma sala de análise, local privilegiado para emergência e escuta do inconsciente, é demasiado rico. O tema é tão farto que impulsiona

o desejo de expor diversos recortes emocionantes, todos atestando a existência desse caldeirão pulsional em seu estado mais bruto, mas não temos a pretensão de fazer deste escrito um inventário da gravidez da analista. Assim, optamos por compartilhar duas situações vivenciadas a partir de uma mesma premissa, uma ausência, para pensar em como esse fenômeno se impõe à dupla analítica.

Vamos primeiro aos fatos, para depois explorarmos suas versões. A ocorrência, em termos da (minha) realidade, foi a seguinte: por conta de uma forte gripe, desmarquei uma tarde de consultório. Ao telefonar para os analisandos, apenas comuniquei que não iria atender em nosso horário naquele dia. Como de costume, não ofereci outra possibilidade de horário – uma sessão perdida, afinal, não se recupera. Naquela ocasião, estava em um período ainda muito inicial para que se visualizassem alterações físicas decorrentes da gestação.

Reação 1

Alice, uma analisanda bastante transferenciada e habitualmente cordial, chega para a sessão seguinte muito contrariada. Relata estar com um pensamento fixo desde a sessão cancelada, o de encerrar a análise, embora não conseguisse compreender os motivos. Refere que a sessão que não aconteceu não fez falta; ao contrário, sobrou tempo para agilizar questões do trabalho que estavam travadas. Isso a leva a pensar que nosso processo juntas, iniciado alguns anos antes, já não faz sentido. Inquieta-se, contudo, com dois pontos: o desejo de encerramento da análise não tem nenhuma relação com a questão financeira, tampouco ela se sente bem para tocar a vida sozinha. Em suas palavras:

> *Eu sinto que é como uma imposição, é uma coisa que eu preciso fazer. É uma sensação mesmo. Não tem lógica nenhuma o que eu vou te dizer, mas é como se tu não fosse mais a mesma. Fiquei me perguntando qual a tua disponibilidade pra mim hoje em dia. Mas isso é uma loucura da minha cabeça. Tu raramente desmarcou uma sessão esses anos todos e quando tu fez, tu não me ofereceu outro horário. Eu sei que é do teu jeito. Mas parece que tem algo*

diferente agora. Seja lá o que for, se for algo da tua vida pessoal, eu prefiro não saber. Não quero ficar com pena de ti.

Reação 2

Regis, um analisando menos cordial, mas muito transferenciado, inicia a sessão seguinte interpelando a analista: "Que houve ontem?". Diante do convite para que ele dissesse o que imaginava, reage com irritação, respondendo não ter pensado em nada e apenas desejar uma resposta objetiva. Segue-se um denso silêncio, depois do qual ele finalmente revela sua fantasia:

Na verdade, eu pensei uma coisa sim e eu queria muito que tu me respondesse se estou certo. Eu percebi que na última sessão tu estava meio mal, com tosse, com a voz diferente. Aí veio esse aviso de que não ia atender assim, em cima da hora. Eu pensei em algo muito grave. Acho que tu está doente, eu pensei que tu pode ter algo realmente grave a ponto de estar morrendo. É isso, tu não vai mais poder me atender?

Considerando as peculiaridades de cada indivíduo e de seu processo de análise, é possível selecionar como denominador comum em ambos os discursos uma percepção de menor disponibilidade por parte da analista, seguida de um temor de perdê-la. Tanto pela via da rejeição ("eu abandono para ser não ser abandonada") como transformando o ato de gerar uma vida em ameaça de morte, os dois analisandos denunciam o que sentem, vivenciam e, a seu modo, sabem: há algo novo e desconhecido atrás do divã, algo que se lhes apresenta como potencialmente ameaçador.

Uma presença

Ao apontarmos os impactos surgidos com a gestação da analista, não poderíamos localizá-los apenas nos analisandos. Se, como pontuamos anteriormente, estamos nos referindo a um momento narcísico na vida da analista, esta também não está imune a resistências. Acreditamos que

uma das manifestações dessa força resistencial se encontre na escassez de publicações acerca do tema – e quando existem, tratam dos desconfortos e peripécias dos analisandos, muito pouco se voltando para a analista.

Na contramão dessa constatação, nos deparamos com o texto pioneiro de Myrta Casas de Pereda (1968), no qual a autora discorre sobre a regressão que acomete ambos na situação analítica. De um lado, relata sonhos de uma analisanda que não sabia, de forma consciente, de sua gestação para falar da emergência de angústia que essa situação propicia – emergência também explicitada por meio de uma sensação inexplicável de sufocamento e de falta de espaço manifesta no *setting*. Tal reação não se mostra surpreendente, uma vez que as vinhetas apresentadas até aqui apontam também para essa direção – a saber, uma percepção inconsciente da gravidez. Essa estranha vivência, que popularmente nomeamos telepatia, é mais bem-compreendida quando percebemos tratar-se de uma forma muito especial de comunicação entre inconscientes, própria de pessoas excitadamente apaixonadas, ou seja, ligadas por um forte vínculo transferencial (Freud, 1922/1996b; 1933/1996a). O que nos pareceu inovador no artigo anteriormente comentado foram as revelações da profissional sobre o que se passava consigo. Do desejo de envolver com as mãos sua barriga e concentrar-se nos movimentos do bebê à sonolência excessiva que a invadia, convida-nos a passear pelos meandros da contratransferência, fazendo lembrar a clássica – e, aqui podemos confessar, não totalmente infundada – cena dos filmes *hollywoodianos* do analista fazendo a lista do supermercado enquanto o analisando discursa no divã.

Assim podemos melhor compreender o discurso de Alice quando solicita à analista algo que poderia ser traduzido como "não me digas que é verdade aquilo que já sei". Ao intuir a existência de um terceiro na sala de análise, sente-se imediatamente menos importante, ou seja, é ela quem se torna digna de pena.

Lembremos Freud em seu texto sobre o narcisismo (1914/2004), que inicia falando sobre o ato de tomar o próprio corpo como objeto de amor, e é inevitável pensar na cena tão comum de uma grávida acariciando seu ventre. Caetano já cantava a impossibilidade de passar indiferente por uma

mulher gestando e de como o tempo parece ganhar outro significado quando estamos diante da maior realização de que um humano é capaz, gerar uma vida. Nada pode ser mais indicativo de um ideal de completude: há ali uma cena explícita de amor que dispensa terceiros. Nesse caminho entre o autoerotismo e o amor objetal, faz-se necessária uma nova distribuição de libido que possa ser depositada no outro; do contrário, vigoram absolutos "sua majestade, o bebê" e a orgulhosa mãe, que se sente, literalmente, "com o rei na barriga".

Parece residir justamente aí o risco à clínica oferecido pela gravidez da analista. A escuta que se direciona em torno de sua própria demanda desembocará em um irremediável enclausuramento narcísico, propiciado pela regressão que o estado preparatório para a maternidade fornece. Aqui evocamos os sintomas outrora citados que, simultaneamente, dão indícios das modificações corporais e podem ser um convite a centrar-se em torno do próprio umbigo. Em um plano menos físico e mais simbólico, podemos encontrar uma analista demasiado encantada com a própria potência e com pouco espaço para albergar um encontro com o outro e com suas questões.

Em nossas especulações teóricas, estamos justificados a acentuar a dificuldade envolta nessa tarefa, visto que Freud (1914/2004) refere-se ao desejo incestuoso como a matriz inaugural para o estado desejante futuro. Em suas formulações posteriores, trabalha a ideia de um estranho familiar como forma muito específica de retorno do recalcado, uma sensação que acaba por trazer à tona aquilo que deveria ter permanecido nas sombras, fazendo emergir algo que ainda não ganhou o estatuto de palavra (Freud, 1919/2019). Ainda nesse trabalho, toca em um ponto que nos parece muito interessante quando falamos de gravidez: a obscuridade que envolve ser duplo, o objeto de um outro. Simultaneamente, trata-se de uma condição necessária para a sobrevivência, mas com a qual há que se romper em algum momento. Assim, superado o estágio do narcisismo primário, no qual o duplo seria garantia de imortalidade, ele passa a estranho mensageiro da morte.

Nosso analisando Regis parece concordar com Freud quando mistura vida e morte em suas fantasias, denunciando que um momento

indubitavelmente fecundo também pode trazer consigo o declínio da função analítica, se um terceiro não puder permear esse idílio. Nesse sentido, a experiência de escrita sobre esse momento inquietante e maravilhoso representa uma tentativa de diálogo com o outro, de renúncia ao narcisismo para manter íntegra a capacidade de escutar. Na melhor das hipóteses, essa experiência visceral que se passa dentro das quatro paredes que recebem o encontro analítico poderá ter o real significado de fertilidade para ambos, abrindo espaço para novas construções, quiçá com direito a voos nunca antes alçados.

Referências

Freud, S. (1996a). Sonhos e ocultismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)

Freud, S. (1996b). Sonhos e telepatia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922)

Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. Hanns, Trad., Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (2016). O declínio do complexo de Édipo: neurose, psicose, perversão. In G. Iannini e P. H. Tavares (Coords.), *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1924)

Freud, S. (2019). O infamiliar [das unheimliche]. In G. Iannini e P. H. Tavares (Coords.), *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Vol. 8). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919)

Pereda, M. C. (1968). Regresión y embarazo de la analista. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, *1*(10), 259-266.

Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo.* Rio de Janeiro: Zahar.

Veloso, C. (1979). Força estranha. In G. Costa, *Gal Tropical* (Faixa 7). Rio de Janeiro: Polygram.

Juliana Lang Lima

julianalanglima@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 123-128. 2019

Formação nas entranhas
Psicanálise, gestação e nascimento

Angela Kaline Mazer,[1] Ribeirão Preto

Resumo: Uma reflexão sobre a experiência da formação analítica acompanhada da gestação e do nascimento do primeiro filho é apresentada como ponto de partida para pensar sobre o processo de vir a ser analista, e em como essa transformação acontece no contato com múltiplas dimensões do nosso ser, que inclui o estranho em nós e de cada um, analista-analisando e mãe-bebê. A partir de um relato autobiográfico, as condições para se tornar analista são buscadas na experiência com a psicanálise.
Palavras-chave: formação psicanalítica, maternidade, trans-formação, estranho

Quando eu era pequenino, bem menor que um bebê.
Eu era como um peixinho na barriga da mamãe.
(Palavra Cantada)

O peixe é um conhecido símbolo cristão que representa, desde seus primórdios, a própria fé cristã e se perpetuou como representação de vida e fertilidade.

Eu tinha um peixinho dentro de mim quando iniciei a formação psicanalítica. Ele se tornou um bebê quase no mesmo mês em que se iniciaram os seminários teóricos, após um ano de análise didática. Assim como a formação em psicanálise, foi sonhado e desejado, gestado psiquicamente muito antes de se tornar realidade – não sei precisar desde quando, talvez a partir do meu próprio nascimento.

Desde o início me acompanhavam esses dois projetos de vir a ser: psicanalista e mãe. Mas como realizar uma escolha se ambos eram sentidos como prementes? Como conciliar suas realizações, sentidas como trans--formadoras ao mesmo tempo?

1 Do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Vividas nas entranhas, as dúvidas não tiveram resposta, mas suas realizações vieram à luz.

As experiências da formação psicanalítica e da maternidade são associadas na construção do conhecido modelo da relação analista-analisando representada pela relação mãe-bebê (Klein, 1952; Bion, 1963), mas vivê-las juntas na prática trouxe uma dimensão que a teoria não alcança: as experiências são indissociáveis no nosso psiquismo e assumem formas estranhas a nós. Em outra versão, assumem formas do estranho em nós.

Do mesmo modo que o analista ajuda o paciente a ousar ser ele mesmo, poderíamos pensar que também a formação psicanalítica nos ajuda a ousarmos sermos nós mesmos como analistas, como Gabbard & Ogden propõem citando Bion: "O analista no qual você se torna é você, e somente você; a singularidade de sua própria personalidade tem que ser respeitada" (2009, p. 312).

Um dia ao alimentar os peixes no aquário como de costume notei a falta de um deles. O menor, de cor vermelho-brilhante, não estava lá. Não estava no fundo, nem boiando; procurei-o, primeiro, morto dentro do aquário. Não estava ao redor, nem no chão, não estava em nenhum lugar. O peixe havia se transformado em mistério.

Assim, grávida, no início da formação psicanalítica-materna, tive a primeira experiência do contato com o outro, estranho a mim, às vezes em sua presença, muitas outras no que se ausenta: no mistério do vir a ser psicanalista-mãe quando ainda não se é, mas já se sabe assim; ao mesmo tempo que o conhecido de si, o não ser psicanalista-mãe, desaparece de modo irremediável. A experiência do eu que se amplia e se transforma para o contato com o outro analisando-bebê, mas sobretudo para o contato com outras dimensões do próprio ser – processo intensamente vivido em análise.

Mais uma história sobre peixes: o mergulhador-fotógrafo havia me contado que o peixe-mandarim, muito bonito e colorido, é pequeno e arisco, difícil de ser visto, pois se esconde ao perceber a presença de pessoas-predadores e, por isso, existem raras fotos suas na natureza. Mas, num mergulho em que estava com muita paciência, perseverança e fé, segundo suas palavras, ele permaneceu imóvel durante mais de uma hora e, quando

seu suprimento de oxigênio estava quase no fim, pôde captar não a imagem de um peixe, mas de dois deles acasalando. Assim como numa gestação, a espera é o tempo para a criação de vida.

Antes mesmo que a gravidez se revelasse para meus pacientes, José começou a levar doces às sessões, sempre dois, para me presentear: "Tive vontade de te dar docinhos esses dias, um a mais para quem você quiser dar", anunciou. Um a mais já se revelava entre nós percebido pelo contato entrementes e transformado em um gesto amoroso. Quando eu estava quase no fim da gestação, o presente que José trouxe era para meu filho: "Uma roupa para quando ele completar um ano", ele me disse, em uma forma de continuar se sentindo presente para mim e revelar o medo de me perder diante da ameaça que esse estranho entre nós representava nesse momento. Assim, sintetizava em seu contato comigo a experiência de estar com a analista-mãe que eu estava me tornando.

A formação em psicanálise oficializada no pertencer a uma instituição e o nascimento de um filho representavam as realizações de ser psicanalista e mãe concretizadas e reconhecidas socialmente, mas sentidas por mim de modo estranho no primeiro momento, pois havia ainda um tempo não cronológico a ser vivido para me tornar quem eu já era. Dessa maneira, eu vivia na experiência do nascimento da psicanalista e da mãe uma aproximação da ideia sobre o nascimento da mente, que se faz a partir do que é concreto e sensorial e se desenvolve na relação com uma outra mente (Bion, 1963; Winnicott, 1965), mas cujos níveis primitivos vão permanecer inscritos em cada um e na própria humanidade, e podem ter expressão na relação analítica (Freud, 1915; Costa, 2010).

"Um direito-de-ser tomou-a, como se ela tivesse acabado de chorar ao nascer. Como? Como prolongar o nascimento pela vida inteira?" (1998, p. 32). Empresto da personagem de Clarice Lispector em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazere*s uma forma de descrever algo dessa experiência.

Ao sugerir que todo indivíduo ao nascer necessita de uma outra mente para desenvolver a sua própria, Bion (1962, 1963) utiliza o modelo da inter-relação do bebê com sua mãe, como constituintes da relação entre

continente e conteúdo (♀♂), que se desenvolve nos conceitos de *rêverie*, função alfa, elementos beta, transformações em alucinose, dentre outros.

Nessa época, sonhei que eu era um peixe: nadando pelo aquário aos poucos ia me tornando invisível, um peixe que se confundia com a água e cuja presença só podia ser notada pelas turbulências que causava a seu redor. Ser psicanalista-mãe continente capaz de *rêverie* para seu analisando-bebê e ser o inconsciente de sua mente primitiva capaz de simbolizar e tornar apreensível o intolerável de cada um foram aprendizados que se juntaram à desconstrução dolorosa da psicanalista-mãe idealizada, exigindo a condição de ser continente, representar e tolerar também o estranho em mim: recém-nascido ou sempre misterioso, o estranho parte de mim para ganhar vida na experiência em dupla. Assim, citando Rezende (1994), a relação analista-analisando, como a de mãe-bebê, proporciona a experiência da alteridade e da diferença na transformação de ambos. A experiência analítica é uma vivência de crescimento tanto do analisando quanto do analista.

Então, ao sobreviver como analista ao nascimento de um filho, mas transformada por esse acontecimento, foi possível a elaboração de questões edípicas vividas no *setting* com José, seus sentimentos de desamparo e exclusão. Sobretudo pelo reconhecimento da continuidade da existência para o outro e do outro em si, em seu mundo interno, pode ser desenvolvido um continente maior para suas angústias relacionadas às vivências de presença e ausência, vida e morte, que assim puderam ser integradas e experimentadas como parte de si. Ele chega animado a uma de nossas sessões mais recentes e faz a observação de que "estou com um brilho nos olhos". "Está grávida de novo?", questiona e, antes que eu responda, diz: "Não, não, eu que estou: deu certo, sonho quase realizado!", contando sobre a esperança na realização de um projeto que vinha gestando há tempos.

Tempos marcantes da formação analítica são sugeridos por Bion ao longo de sua obra, segundo Rezende (1994): o primeiro tempo é aprender, o segundo é crescer, o terceiro é ser, o quarto é não ser, o quinto (que aparece após a formação) é um momento de sabedoria. A seguir, propõe pensar na análise como um processo de aprendizagem, sendo o crescimento

um outro vértice da própria aprendizagem, pois se aprende o que era antes desconhecido. Aprender para crescer, crescer para ser, afirma, e completa por fim:

> Mas é um ser que é também não-ser. Quem se define estabelece limites dentro dos quais se encontra, mas deixa em aberto a expansão do pensamento ao reconhecer que além dos limites pode haver muito mais do que dentro. O estranhamento torna-se inevitável. Estamos familiarizados com o que somos e conhecemos, mas há muito mais coisas que nos permanecem estranhas, misteriosas. (Rezende, 1994, p. 30)

Podemos conceber que esses tempos da formação psicanalítica acompanham um processo muito mais interno do que marcado pela cronologia das etapas institucionais e, portanto, acontecem de modo particular e individual para cada analista em formação. As vicissitudes da personalidade, da história de vida e das escolhas de cada um se impõem, então, como parte inerente ao processo de formação do analista de modo necessário e impositivo quando ele é vivido com verdade.

Assim, torno a experiência de me tornar psicanalista junto com a de me tornar mãe minha maior confidência sobre a formação de quem eu sou.

Por fim, retomo a imagem do peixe como símbolo da fé em minha condição de estar sempre vindo a ser uma "analista que é", de verdade (Bion, 1967).

> Ela aprendera a ter coragem de ter fé – muita coragem, fé em quê? Na própria fé, que a fé pode ser um grande susto, pode significar cair no abismo … A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano. (Lispector, 1998, p. 128)

Referências

Bion, W. R. (1962). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1963). *Elementos de psicanálise* (2.ª ed.). Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1967). Sobre a arrogância. In W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados* (2.ª ed.). Rio de Janeiro: Imago.

Costa, P. J. (2010). *A mente primitiva:* um estudo conceitual a partir da produção psicanalítica escrita. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Freud, S. (1915). *Considerações atuais sobre a guerra e a morte.* In S. Freud, Obras completas (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1919). *O estranho*. In S. Freud, Obras completas (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago.

Gabbard, G. O. & Ogden, T. H. (2009). Sobre tornar-se um psicanalista. *Int. J. Psychoanal., 90*, 311–327.

Klein, M. (1952). *As origens da transferência.* In M. Klein, Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro. Imago.

Lispector, C. (1998). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.* São Paulo: Rocco.

Rezende, A. M. (1994). Bion formador de analistas. *Percurso, 12,* 1.

Winnicott, D. W. (1965). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Angela Kaline Mazer

angelamazer@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 129-136. 2019

Olhar (in)confidenciável

Estela Marisa Machado Ribas Comparin,[1]
Manoela Gomes Maluf Bortolato Gonçalves,[1]
Maria Hilda Farnezi Machado Borges,[1] Campo Grande

Resumo: Com base no ensaio "O estranho" (Freud, 1919/2010b), estabelecemos uma relação entre a poesia, presente em forma de canção em *Pela luz dos olhos teus* (Moraes, 1977), e o processo de análise. Questionamos: o que seria inconfidenciável? Assim como o artista confidencia sua inconfidência contida na poesia, fazemos o mesmo no processo de análise: diante do que nos parece familiar, nos deparamos com o desconhecido, o estranho. O ensaio de Freud oferece a compreensão de uma estética do estranho que perpassa pelo conceito do recalcado e do "retorno do recalcado", possibilitando enfatizar a repetição, por meio da transferência, não como mera reprodução do mesmo, mas, sim, daquilo que é diferente – um paradoxo, tanto quanto o "estranho familiar": o impacto do Estranho na poesia e na dupla situação analítica.
Palavras-chave: processo analítico, impulso, poesia, recalque, estranho

Quando a luz dos olhos meus
e a luz dos olhos teus
resolvem se encontrar…
Ai, que bom que isso é, meu Deus.
Que frio que me dá
o encontro desse olhar.
(Moraes, 1977)

Iniciamos com *Pela luz dos olhos teus*, composta em 1977 por Vinicius de Moraes, para "sonhar" o fenômeno do Estranho (Freud, 1919/2010b), evocando a poesia relacionada ao processo de análise. Sob um olhar psicanalítico, imaginamos quais melodias pulsionais, inscritas

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul, SPMS.

nos primórdios de nosso inconsciente, mobilizariam uma possível labilidade revivida durante esse processo.

Usamos as metáforas da poesia para falar do Estranho – e do estranho desejo de vivenciar o processo de análise – não só quanto ao que causa horror, estranheza, mas também quanto ao significado de secreto, oculto, dissimulado: estranheza que nos seduz à aventura de olhar nossas certezas e incertezas – interminável busca do saber e sua transitoriedade.

Freud nutria um campo de possibilidades à interpretação da arte sob a perspectiva psicanalítica. Na estética da arte, o homem estabelece o mais íntimo de seu ser e, além daquilo a que dá forma, devolve à obra a complexidade de um mundo interno que ultrapassa o que acreditou ali depositar. Incomensurável até para quem a produziu, tal obra constrói para seu autor um universo interrogativo, tão mais inquietante. Ao abordar os efeitos estéticos da arte – sobre o próprio autor e as diferentes figuras que o público ali projeta –, o fantasma do artista se evidencia em parte da obra, enquanto outra permanece obscura.

Em "O estranho", Freud (1919/2010b) evoca situações psicopatológicas suscetíveis de desencadear o sentimento paradoxal de familiar e não familiar. Refere-se ao sentimento de estranheza como uma das características do reprimido. Indaga: o reprimido que parece estranho a nós mesmos não se deixa reconduzir a um complexo infantil outrora familiar, que se encontra reavivado?

É sobre o reprimido de cada indivíduo que se apoia a criação literária quando utiliza meios permitidos pela imaginação do autor para produzir no leitor um efeito fascinante de estranheza (Quinodoz, 2007). Nesse ensaio, Freud busca um efeito específico da relação sensível com obras de arte. Como *Unheimliche* (Estranho), designa certa dimensão onírica, engendrada pelo olhar em confronto com a obra de arte:

> é raro o psicanalista sentir-se inclinado a investigações estéticas, mesmo quando a estética não é limitada à teoria do belo, mas definida como teoria das qualidades de nosso sentir. Trabalha em outras camadas da vida psíquica, e pouco lida com as emoções atenuadas, inibidas quanto à meta,

> dependente de fatores concomitantes, que geralmente constituem o material da estética. (Freud, 1919/2010b, p. 329)

Para Freud, o estranho merece exposição em separado, por ser ramo muito mais fértil que o estranho na vida real, pois contém a totalidade deste último e algo além. O contraste entre o reprimido e o superado não pode ser transposto ao estranho sem modificações profundas: o reino da fantasia depende, para seu efeito, de seu conteúdo não se submeter ao teste da realidade (Freud, 1919/2010b). O poeta reproduz o inconsciente na poesia, enquanto a psicanálise escuta a poesia do inconsciente, tendo por vezes como resultado algo estranho. A relação analítica de confidenciar suscita no outro sua intimidade, o indizível, o inconfidenciável.

Para Freud (1908/2015), o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca com sentimentos desconhecidos na estranheza da poesia, e aqui brincamos com a poesia no processo analítico, quando o analisando lança luz aos "olhos do analista" investindo emoções, fantasias, angústias, tentando elaborar conflitos e manter alteridade entre o mundo imaginário e a realidade interna e/ou externa. A linguagem da poesia reveste a relação da dupla analítica no brincar infantil da transferência e da criação poética por meio de elaboração e representação psíquica:

> Mas a irrealidade do mundo imaginário traz consequências importantes para a técnica artística, pois muitas coisas que, sendo reais, não poderiam dar prazer, podem proporcioná-lo no jogo da fantasia, muitas emoções que são dolorosas em si mesmas podem se tornar fonte de fruição para os ouvintes e expectadores do escritor. (Freud, 1908/2015, pp. 327-328)

Criando um mundo de fantasia, o artista pode satisfazer desejos inconscientes: devaneia, ignora a realidade e dá rédeas à sublimação, ao desenvolver fantasias de desejo em forma de arte. O poeta, em sua investigação, traz à tona nossa própria interioridade, em que nossos impulsos, mesmo sufocados, seguem existindo. O estranho se faz agente revelador do

processo analítico, com seus instigantes mistérios, ecoando uma inquietude que ganha contorno para ser pensada e sentida pela dupla analítica.

O invisível que se faz parcialmente visível, o encontro da pulsão com o objeto, com toda a sua carga subjetiva, ganha representatividade à medida que, à luz da transferência, reflete a *"luz nos olhos seus"*, possibilitando o encontro da dupla via interpretação. Todo afeto de um impulso instintual que é reprimido e retorna, carregado ou não de outro afeto, é o Estranho.

Freud faz analogia com os opostos da expressão da dinâmica das palavras *heimlich* (familiar) e *unheimlich* (desconhecido). Esse desconhecido na verdade é algo familiar a nosso inconsciente, sendo inerente ao processo de desenvolvimento do indivíduo, mas que quando retorna o faz com novas formas. O não familiar nos diz que o que é temido foi um dia conhecido, reprimido e transformado. Recalcar equivale a defender-se de um perigo.

O Estranho é algo que retorna, que se repete e ao mesmo tempo se apresenta como diferente: podemos dizer que só haverá *unheimlich* se houver repetição, retorno do diferente/novo – um paradoxo como no desconhecido/familiar. Se virmos no retorno do reprimido uma compreensão do Estranho, e o retorno como repetição de algo, toda sensação estranha poderá ser acessada sob a ótica da repetição (Martins, 2010).

Freud, em "Além do princípio do prazer" (1920/2010a), considera a hipótese de compulsão à repetição – repetição como tentativa de negar complexos infantis reprimidos que revivem por meio de alguma impressão. Tudo o que nos lembre esta íntima "compulsão à repetição" é percebido como o Estranho (Freud, 1919/2010b, p. 298).

O retorno por meio da poesia não se explicita senão pela sensação: acontece sem ser dito; o leitor sente em ressonância com o autor o gosto da repetição. Como na transferência que ocorre na análise, o recalcado procura retornar ao presente sob a forma do Estranho, por meio de uma impressão estética própria de tudo o que emana do inconsciente.

Vinicius de Moraes profere um tempo que é complexo e familiar, Estranho (*unheimlich*) e próximo (*heimlich*), e expõe seus desejos na poesia. Põe a nu na poesia o que é o Estranho. *"Que a luz dos olhos meus*

não pode esperar, Quero a luz dos olhos meus, na luz dos olhos teus sem mais lara-lará…"

Por meio do pensamento estético, as confidências e in-confidências *"resolvem se encontrar…"*. A liberdade do escritor em evocar ou inibir uma sensação inquietante, uma revelação do que está oculto, pode causar angústia, impacto, mesmo que já tenha sido familiar. Freud (1919/2010b) informa que somos maleáveis diante do nosso estado de ânimo que suscita expectativas diversas: podemos reorientar nossos processos afetivos em nova direção.

A experiência a dois – analista e analisando – no mais desconhecido de nossa história vem ao encontro do que permaneceu "não visitado, não visto", em constante contato com a diversidade de sentimentos, a exemplo do temor/amor, conhecido/desconhecido, representado/não representado, dizível/indizível.

Do poema ao poeta, assim como do conteúdo a ser analisado pela dupla, ambos mostram seus devaneios e, com estes, vêm também vivências reprimidas infantis avivadas na transferência. Suas crenças primitivas podem ser reveladas e confirmadas na relação transferocontratransferencial.

> Ai, que bom que isso é, meu Deus. Que frio que me dá o encontro desse olhar. Mas se a luz dos olhos teus resiste aos olhos meus só pra me provocar… Meu amor, juro por Deus, me sinto incendiar… (Moraes, 1977)

Como na análise, a relação da dupla hospeda algo que seria Estranho, possivelmente familiar e paradoxalmente desconhecido, que pode ser representado pela letra da música e decodificado pela dupla.

Vinicius de Moraes ousou viver sob o signo da paixão: *"Pela luz dos olhos teus, eu acho, meu amor, e só se pode achar, que a luz dos olhos meus precisa se casar" (1977)*. No entanto, em Freud (1930/2010d) a teoria psicanalítica do amor aparece sob duas formas: uma diretamente ligada à satisfação sexual; outra, operando sublimadamente como afeto inibido em sua finalidade. Uma aproximação entre amor e pulsão diz respeito à

capacidade de ligação, o que em sua metapsicologia é entendido como pressão ou força de uma pulsão capaz de ligar.

Freud (1915/2010c, p. 127) define pressão, *Drang*, como "a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa". Considera que a pulsão tem origem na fronteira entre o mental e o somático – dentro do organismo –, e o alcance da mente exige como resultante uma tentativa de ligação mente-corpo. Considera que o amor, mesmo objetal, sempre descende de um amor próprio, narcísico – amor inicialmente egoico –, que ao voltar-se a um objeto será idealizado e dependerá do infantil de cada sujeito. "Visto que, com o tipo objetal (ou tipo de ligação), o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada" (Freud, 1856-1939/2006, p. 107).

A experiência psicanalítica imbrica-se diretamente à pulsão de vida, podendo representá-la a partir do amor de transferência, que no processo de análise coloca o fenômeno amoroso no seio da experiência dual, fortalecendo o processo de análise pela possibilidade de ligação.

Em "*A dinâmica da transferência*", Freud (1912/2011) escreve que cada indivíduo conduz a vida erótica a seu modo, como resultado da união entre disposição inata e influências sofridas nos primeiros anos de vida, o que determina as condições prévias instauradas ao apaixonar-se e os instintos que são satisfeitos – instintos em parte voltados à realidade e que em outra permanecem inconscientes.

No final desse artigo, Freud aponta que, ao procurarmos satisfação dessa libido (objeto) não consciente, adentramos o campo dos impulsos que não desejam ser recordados, mas que estão sempre se esforçando por ser reproduzidos na realidade. Na análise, porém, a transferência surge como resistência ao tratamento. Transferência é repetição dos vínculos com os primeiros objetos de amor que, como a projeção das figuras parentais ambivalentes sobre o analista, também podem ser traduzidos na poesia. *"Mas se a luz dos olhos teus resiste aos olhos meus só pra me provocar, meu amor, juro por Deus, me sinto incendiar…"* (Moraes, 1977).

Na análise e na poesia, a natureza do amor é poder conter um tom de dependência e, consequentemente, um sofrimento: "nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor" (Freud, 1930/2010d, p. 39). Assim como a transferência de amor, existe a transferência negativa em que habitam ódio, ressentimento, inveja, entre outros sentimentos que emergem no tratamento analítico.

Um cenário invisível, uma estrutura não vista, dentro da história ouvida, na poesia e na análise, revela um apego ao passado fazendo-se presente. Na fixação à situação passada, representada pela arte e pelos sintomas do analisando, há busca de gratificação de algo sentido como falta – a gratificação se faz atual, com possibilidades interpretativas que expressam, para além do manifesto, o que é percebido como familiar, porém estranho, que talvez, como na poesia, mobilize desconforto: um indicativo para seguir em busca do sentido inconsciente ali representado, tipos de defesas arcaicas de objetos ou situações já vividas e internalizadas, provocando pela repetição um retorno, uma possibilidade de deslocamento da energia afetiva.

Fazer poesia, escrever um artigo, são possíveis formas de reparar ou sublimar o inconfidenciável para se tornar, quem sabe, algo socialmente aceito, construtivo. Este seria o sentido do retorno em Freud em uma obra literária marcada pela estranheza que se construirá com base numa poética do Estranho, como na poesia de Vinicius de Moraes.

Sentimentos, fantasias, conflitos revividos vão se confidenciando a nossa consciência. Mas a interação permanece entre as influências originárias do mundo externo e as forças internas do indivíduo, numa inconfiabilidade contínua, talvez interminável.

> Quando a luz dos olhos meus
> e a luz dos olhos teus
> resolvem se encontrar…
> (Moraes, 1977)

Referências

Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 81-113). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1856-1939)

Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (2010b). O inquietante. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 329-381). São Paulo: Companhia das Letras.(Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (2010c). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (2010d). O mal-estar da civilização. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 12-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

Freud, S. (2011). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 10, pp. 133-146). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)

Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 8, pp. 326-33). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)

Martins, J. T. (2010). A família do estranho. Dissertação de mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Quinodoz, J. M. (2007). *Ler Freud*: guia de leitura da obra de Sigmund Freud. Porto Alegre: Artmed.

Estela Marisa Machado Ribas Comparin
estelacomparin@brturbo.com.br

Manoela Gomes Maluf Bortolato Gonçalves
manumaluf@hotmail.com

Maria Hilda Farnezi Machado Borges
farnezi@terra.com.br

CONSTRUÇÕES VI, 137-143. 2019

Andorinha no fio
Confidências e inconfidências na sala de análise

Cláudia Maria Gomes de Freitas,[1] Belo Horizonte

Resumo: A autora articula, a partir do texto freudiano "*O estranho*" (1919/1996), as noções do duplo com a constituição do sujeito e a trajetória do candidato na formação. Para isso, faz uma análise psicanalítica da "*Estória número 3*", conto de *Tutameia* (1985), de Guimarães Rosa, com a intenção de expressar a vivência emocional do candidato. Destaca a importância da análise pessoal como espaço íntimo para que ocorram confidências e inconfidências.
Palavras-chave: duplo, estranho, narcisismo, desamparo

Ao aceitar o convite à escrita feito pela Associação Brasileira de Candidatos (ABC), deparei-me com uma sensação de estranheza, uma inquietação diante da possibilidade de escrever e não escrever.

Comecei a refletir sobre o tema proposto: "O estranho na formação: confidências". Segundo o *Dicionário Aurélio*, confidenciar significa "dizer em segredo, trocar confidências com". Assim, fui percebendo quão íntimo é confidenciar, fui me deixando levar pelas sensações até chegar ao divã da minha analista. Veio à mente a poesia de Henriqueta Lisboa:[2]

> **Andorinha no fio**
> Escutou um segredo.
> Foi à torre da igreja,
> Cochichou com o sino
> E o sino em alto: delém… dem… delém… dem…
> Toda cidade ficou sabendo. (citado por Krogh, 2014)

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG).

2 Poetisa, ensaísta e tradutora, nasceu em Lambari (MG), em 1901.

Fui me dando conta de que essa poesia fala de confidência e de inconfidência. Mas não é isso que acontece no *setting* analítico? Nesse lugar de intimidade pode haver confidências por parte do analisando e inconfidências por parte do analista e vice-versa. Nessa dialética entre o que é dito e o que é revelado se torna possível encontrar-se inesperadamente com o estranho na formação nas suas mais diversas manifestações. O tema do duplo chamou a minha atenção.

Lembrei-me da "*Estória número 3*", conto de *Tutameia* (1985), de Guimarães Rosa. Ao ler o conto, ocorreram-me algumas semelhanças entre os personagens e o percurso da formação. Assim, encontrei um caminho para expressar, por meio da análise psicanalítica do conto, a vivência emocional do candidato na trajetória da formação e articular conceitos sobre o duplo a partir do texto freudiano "*O estranho*" (1919/1996).

No conto, é narrada a história de três personagens, dois homens, Joãoquerque e Ipanemão, e uma mulher, Mira. Mira e Joãoquerque são amantes. O conto inicia com os amantes conversando amenidades, quando, de repente, ouvem a voz de Ipanemão. Mira acoberta a fuga de Joãoquerque, que foge em disparada pelo quintal afora. Ele, durante a corrida, cai e, certo do iminente fracasso, desiste da fuga e da própria vida. Nesse momento de entrega à morte, veio-lhe Mira à mente, e ele pôde ver que quem vivia era Ipanemão perseguindo-o a ele mesmo. Joãoquerque nesse momento se vê valentemente, sem ser vítima, e descobre que ele é o Ipanemão profundo. Pega o machado e mata Ipanemão. Ipanemão, enfim, em paz, e Joãoquerque inteiro. Mira e Joãoquerque casam-se.

Joãoquerque e Ipanemão, um é a imagem invertida do outro. O que falta a um excede ao outro. Ipanemão: "cruel como brasa mandada, matador de homens, violador de mulheres. Mandava no arraial inteiro. Era do tamanho do mundo" (Rosa, 1985, p. 58). Joãoquerque: "avergado homenzarrinho, que ora se gelava em azul angústia, retornando os beiços, mais branco de que laranja descascada, pálido de a ela [Mira] lembrar os mortos" (Rosa, 1985, p. 59).

Nota-se que um é idealizado, grandioso, e o outro quase sem vida. Porém há uma confusão de quem é quem, estão misturados. Será que é possível pensar que Ipanemão é o duplo de Joãoquerque?

E nós candidatos? A busca de uma formação psicanalítica é permeada por mecanismos identificatórios. Identificação com o analista, com a instituição, com os supervisores, com as diversas teorias. Os momentos iniciais desse percurso marcado pelo desamparo podem mobilizar situações emocionais primitivas, como idealização, dependência, inveja, desejo de fusão amorosa e angústias persecutórias e de aniquilamento. Diante dessas vivências arcaicas, o encontro com os duplos pode acontecer.

Segundo Freud, a questão do duplo relaciona-se intimamente com o tema do estranho, já que o processo identificatório se configura no sentido da ambivalência, entre o desconhecido e o conhecido. Freud afirma que o duplo:

> é marcado pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre o que é seu eu (*self*) ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). (1919/1996, p. 252)

Para entender melhor o que se passou com Joãoquerque à luz do narcisismo freudiano, recorri à leitura de Victor Manuel de Andrade (1993). O autor assinala que o tamanho do ego é medido por sua autoestima. Vimos que Joãoquerque demonstra enorme desvalorização de si.

No princípio, toda libido está depositada no ego; é a fase da onipotência total, em que o objeto protetor é sentido como o próprio ego. Com o surgimento das frustrações, o bebê vai aos poucos percebendo sua impotência e se vê diante de seu ego real impotente e de um objeto idealizado onipotente. Quanto mais elevado o ideal, maior deve ter sido o estado de onipotência primitivo e mais contundente a ferida narcísica experimentada pela perda desse ideal. Nessas condições, o ego não pode conviver com o ideal tão elevado no mundo interno, tendo de projetá-lo para o exterior, revivendo a antiga circunstância em que o idealizado era o objeto externo.

A descoberta da mãe como objeto onipotente, idealizado, fere o narcisismo primário da criança, que é levada a invejar o objeto, agredi-lo ou negá-lo, sentimento que me faz pensar na inveja precoce relatada por Melanie Klein.

Freud reconhece que o antigo narcisismo superado das origens pode continuar a exercer sua ação ao se converter em "consciência moral", susceptível, inclusive, de dissociar-se do Eu por clivagem. Em 1923, Freud atribuiu um estatuto específico a essa noção, quando a designou pelo nome de "superego".

Zimerman (1999) fala sobre o termo alterego. Diz que esse termo volta a aparecer na literatura da psicanálise com o significado da existência de um duplo do sujeito. Por meio de identificações projetivas maciças dos seus superegoicos objetos internos em alguém, o sujeito constrói uma duplicação dele, uma espécie de "gêmeo imaginário".

Continuando a história, Joãoquerque foge apavorado ao ouvir a voz do Ipanemão. Segundo ele, "um vozerio rompedor da harmonia, demoníaco" (Rosa, 1985, p. 59). E descreve suas sensações: sente seus órgãos se movendo dentro do corpo, o coração a se estourar feito uma boiada ou cachoeira. "Errava o pensar, que nem colher de pau erra o tacho; diz que se esquecera de tudo nesta vida" (Rosa, 1985, p. 59). Não será esta a sensação de estranheza diante do duplo? O duplo, escreve Freud citando Heinrich Heins, "converteu-se numa imagem de assombro da mesma maneira que os deuses viam demônios depois que sua religião desmoronou" (Heins, citado por Freud, 1919/1996, p. 254).

Recordo-me de que, em alguns momentos, sensações semelhantes às descritas se faziam presentes em mim. E o assombro era tão grande que pensei em desistir da tão sonhada formação. No entanto, a análise pessoal não me permitia fugir das angústias, e o fio com a formação e comigo mesma não se rompia.

Tudo indica que Joãoquerque deslocou para Ipanemão a maior parte da sua libido narcísica originalmente destinada ao seu ego real e se tornou impotente. No entanto, aparece no conto o momento da passagem do narcisismo primário para o secundário. Para recuperar a onipotência perdida,

ele realiza um processo de identificação secundária e introjeta o objeto idealizado. Recupera sua coragem e enxerga a covardia de Ipanemão. O narcisismo secundário inclui a existência do objeto real e designa um retorno ao ego, da libido retirada dos seus investimentos objetais. Joãoquerque diz sobre Ipanemão: "até aquele dia ele tinha sido imortal" (Rosa, 1985, p. 61), e agora não é mais.

O retorno ao ego da libido narcísica permite a Joãoquerque ver-se inteiro: "os pés no chão, a mão na massa, a cabeça em seu lugar, os olhos desempoeirados, o nariz no que era de sua conta" (Rosa, 1985, p. 60). Os outros o viram desvirado, convertido depois desse momento.

Esse processo de idealização e desidealização é longo e requer muito trabalho analítico. Ver-nos "com a cabeça em seu lugar e os olhos desempoeirados" possibilita enxergar a instituição como ela é, ver-nos inteiros abre a possibilidade de pertencer, de fazer escolhas e de prosseguir na busca e transformação da identidade analítica.

Para que Joãoquerque se veja, é primordial o espelho de Mira. Ele evoca Mira à mente, que funciona como um espelho. Pensei no estágio do espelho descrito por Lacan. De acordo com Mijolla (2005), é um momento de júbilo que caracteriza, a partir do sexto mês, o encontro do bebê com a sua própria imagem no espelho. Ele se volta, então, para o adulto que o tem nos braços e lhe pede que ratifique com o olhar o que ele percebe no espelho como presunção de uma imagem, de um controle ainda não acontecido. Assim, a criança adquire a consciência do seu corpo como totalidade mesmo antes de integrar suas funções motoras e de ter acesso a um controle real.

Para Winnicott, o primeiro espelho da criatura humana é o rosto da mãe, sobretudo o seu olhar. Ao olhar-se no espelho do rosto materno, o bebê vê a si. "Quando olho, sou visto, logo existo… Posso agora me permitir olhar e ver" (1967, p. 188). Após olhar e ver ele e o outro, Joãoquerque pega um machado, caminha em direção a Ipanemão e o mata. "Diz-se que era o dia do valente não ser. A gente em si faz feitiços fortes, sem nem saber, por dentro da mente" (Rosa, 1985, p. 59).

"Ipanemão, enfim, em paz". Joãoquerque e Mira casam-se dali a dois meses.

Pensei também em fazer considerações sobre o narcisismo do ponto de vista kleiniano. Zimerman (1999) aponta que a importantíssima contribuição de Klein acerca dos mecanismos de identificação projetiva facilitou o entendimento dos fenômenos especulares. Klein (1991) mostra que a principal defesa contra a ansiedade na posição esquizoparanoide é a identificação projetiva; além disso, a identificação projetiva constrói as relações de objeto narcisistas características desse período, em que objetos são equacionados com partes escindidas e projetadas do self.

Para Klein (1991), não existe o narcisismo primário; não no sentido definido por Freud, com um investimento primeiro no ego e depois nos objetos. O investimento no objeto já existe desde o princípio e desempenha o papel fundamental na construção do ego inicial. A retirada de catexia do objeto não implica retorno dela para o ego, mas uma incorporação do objeto.

Entendo que é possível também observar o movimento de um crescimento psíquico do personagem e meu como candidata, quando pensamos na teoria kleiniana, da posição esquizoparanoide para a posição depressiva, na qual predominam a relação de objeto total e a integração.

Retorno agora ao divã da minha "analista-andorinha" e concluo que o seu olhar, assim como o de Mira para o personagem, ajudou-me a percorrer o desafio de um processo analítico em uma formação psicanalítica, no qual, se não houver intimidade e segredos, não haverá espaço para as inconfidências, para que o estranho apareça e para que haja morte e casamento.

A relação transferencial é assim: permite que a gente faça feitiços fortes, sem nem saber, por dentro da mente…

Referências

Andrade, V. M. (1993). *Psicanálise de amplo espectro: a teoria estrutural e os rumos atuais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1996). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 235-269). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Krogh, K. (2014). Poemas gostosos de Henriqueta Lisboa. *Toda hora tem história.* Recuperado em 30 de outubro de 2018, de https://bit.ly/2RDhUbcKlein, M. (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (4a ed., E. M. Rocha & L. P. Chaves, Trads.). Rio de Janeiro: Imago.

Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições.* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Rosa, G. (1985). *Tutameia: terceiras estórias* (6a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos:* teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed.

Cláudia Maria Gomes de Freitas

claudiatera@yahoo.com.br

CONSTRUÇÕES VI, 145-164. 2019

Etna, turbulências e quietudes
Confidências

Jane do Carmo Moura Fabian,[1] Goiânia

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância do "primeiro olhar" (Haudenschild, 2015) e da função da mãe como continente das identificações projetivas da criança (Bion, 1991a), bem como confidenciar a experiência do analista em formação no encontro com o "estranho" (Freud, 1919/1976b), por meio de vinhetas clínicas do atendimento da paciente Etna, uma metáfora, já que, como sua analista, sou testemunha de sua natureza feroz e, também, de sua beleza, de sua dor, de sua humanidade.
Palavras-chave: olhar, estranho, identificação projetiva, singularidade

1. Pensando a paciente e a analista em formação

Lendo sobre os vulcões da Itália, Etna me fez lembrar uma paciente. O Etna localiza-se na Sicília, é cercado por praias magníficas, e chegar ao seu topo exige grande esforço, pois suas crateras estão a aproximadamente 3.340 metros de altitude.

Assim, Etna, a paciente, também me parece cercada de beleza: a beleza de seu conhecimento científico, de sua inteligência, do afeto que dedica à filha, ao marido, aos alunos e a um grupo seleto de amigos que conseguiram chegar perto e apreciar não apenas Etna cuspindo fogo e lavas, mas também em repouso. Essas pessoas, assim como eu, sua analista, são testemunhas de sua natureza feroz, mas também de sua beleza, de sua dor, de sua humanidade.

Etna parece vir em busca de compreender por que sofre tanto, em busca dos contornos de sua identidade, em busca de algo ou alguém que

1 Do Instituto do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG).

possa ajudá-la a conter suas lavas em plena ebulição, alternando explosões com jatos de lava incandescente, estrondos assustadores e repouso, silêncio e isolamento.

Para uma analista em formação, mesmo com uma experiência de atendimento clínico em psicoterapia de base analítica há mais de vinte anos, o atendimento de uma paciente que me parece bastante regredida e que escolhi como caso para primeira supervisão oficial, com o objetivo da escrita de um primeiro relatório, foi marcada por angústia, medo e insegurança, mas, também, pelo meu crescimento como pessoa e como analista.

A experiência de ser avaliada e da relação com minha banca examinadora me fez refletir não só em todo o processo de formação em psicanálise, como também em meu processo pessoal de desenvolvimento.

Para melhor elucidar a importância dessa vivência, transcrevo a seguir momentos do atendimento dessa paciente e das associações que me foi possível realizar, tanto no sentido emocional quanto no teórico.

2. Primeiras entrevistas

Em maio de 2014, recebo um telefonema de Etna solicitando um horário para entrevista. Relatou que estava sendo encaminhada por sua psiquiatra e desejava tentar fazer análise.

Marcamos a primeira sessão, e Etna compareceu pontualmente, acompanhada do marido, que aguardou na sala de espera. O fato de vir acompanhada chamou minha atenção. Estaria Etna sendo trazida pelo marido para a análise? Qual seria a representação dele no seu mundo interno?

A paciente, à época com 45 anos, casada, professora universitária, doutora em sua área, pareceu-me uma profissional brilhante. Especializada em cristalografia e vulcanismo, áreas da geologia, ocupa-se de pesquisas encomendadas por grandes empresas. Está envolvida com prospecção e análise de material obtido em coletas por áreas de interesse geológico.

De pronto, sua fala agressiva e seu olhar desconfiado despertam minha atenção. Ela observa o consultório, menciona que a dobradiça da porta está torta, olha para a minha cafeteira Nespresso e elogia meu bom

gosto: "*Ah! Você tem uma Nespresso! Vejo que tem bom gosto! Já me sinto no meu habitat!*".

Etna estaria buscando um ambiente continente? Um lugar ou alguém com quem pudesse se identificar? Tentava seduzir a analista com um elogio ao seu bom gosto? Essas foram questões que, por um tempo, ficaram aguardando respostas.

A paciente relata ser extremamente franca e dispara uma sequência de adjetivos negativos sobre Goiânia, a Universidade e um grande número de colegas, como podemos observar na fala a seguir:

> *Eu não tenho como não associar coisas ruins a Goiânia, tudo aqui dá errado, nada acontece ou é resolvido de primeira vez. Cidade do inferno. Só profissionais ruins. Isso aqui é o fim do mundo!*

Essa fala sugere um funcionamento psíquico esquizoparanoide, tal como descrito por Klein et al. (1982). A paciente estaria projetando em Goiânia, na Universidade, nos colegas e nos profissionais que a atendem, assim como eu, aspectos destrutivos do seu mundo interno?

Observo que Etna parece vir por causa das coisas tortas, das coisas fora do lugar, da sua dificuldade de articulação, como a dobradiça rígida e torta que observou na porta. Entretanto, não se sabe ainda que coisas são essas.

A paciente parece entender que o que a faz sofrer são os defeitos da porta, dos colegas, de Goiânia ou da Universidade. Tudo colocado fora. Ela não identifica que esse modo de funcionar possa ser, entre outros fatores, certamente, motivo do seu sofrimento, parece vir em busca de elementos de sua identidade, de entender, talvez, por que nada nunca é o suficiente. Entender o sofrimento como algo que decorre de sua agressividade e possível imaturidade.

Etna confessa ter dificuldade de viver no mundo. Diz que nunca se encaixa, que se sente confusa e esquisita. Que o olhar dos outros em direção a ela é sempre de estranhamento, principalmente diante de suas explosões de raiva. Ela relata várias situações nas quais parece não suportar que

o outro seja diferente ou pense de maneira distinta. Nesses momentos, ela grita, gesticula grosseiramente, sai dos lugares batendo portas e até mesmo quebrando objetos.

Percebi, então, Etna possuidora de recursos pessoais: inteligência, doutora em geologia, destacada pelas pesquisas realizadas e pelos resultados obtidos ao longo de uma carreira bem-sucedida, autora de estudos citados nacional e internacionalmente. Relata ter um bom relacionamento com a filha, o marido e amigos de décadas. No entanto, apesar desses recursos, relata sofrer em virtude da falta de sintonia com as outras coisas e pessoas. Confessa não manter uma boa relação com a mãe e verbaliza o desejo de não falar sobre ela, pois, talvez, isso não fosse importante, devendo se concentrar nela mesma. Algumas falas a respeito disso chamam a minha atenção:

"E – Minha mãe sempre me disse que, desde criança, eu era esquisita, que tudo meu era fora do lugar!

A – O que ela diz é importante?

E – Sim… Sempre me deixa mal! Sempre!"

Lembro-me, enquanto transcrevo as primeiras sessões, da importância do primeiro olhar nas palavras de Haudenschild (2015, p. 22): "O olhar que pode se abrir para o imprevisível desabrochar desse sujeito desconhecido que busca ser visto para sentir-se existindo".

Segundo Bion (1991a), a mãe funciona como continente das identificações projetivas da criança e, portanto, essa comunicação da criança precisa ser metabolizada pela mãe e devolvida para a criança de forma tolerável. No caso de Etna, pressuponho que isso não tenha sido suficiente nas suas primeiras experiências. Penso que estamos lidando com questões enraizadas no passado mais longínquo e profundo da paciente.

Nessas primeiras entrevistas, começo a pensar sobre a diferenciação proposta por Bion (1994) entre a personalidade psicótica e a não psicótica. Despertam a minha atenção os impulsos agressivos por ela apresentados, e isso me conduz a alguns questionamentos: Existe preponderância de impulsos destrutivos sobre os impulsos de amor? O ódio à realidade interna e externa se estende a tudo o que contribua para essa percepção de Etna?

Segundo Haudenschild, "O olhar que não se abre para o desconhecido do sujeito, este é visto como extensão do objeto, ou se não encaixa nas expectativas deste último, é visto como estranho, como maligno até" (2015, p. 23).

Nesse sentido, Etna questiona: "*uma pessoa que nem a mãe gosta… Ela sempre me viu como esquisita, estranha, má! E será que não sou mesmo?*".

Parece não ter sido possível para ela a vivência de uma experiência acolhedora pela mãe desde o início e, portanto, ela não se percebe aceita em sua singularidade, de modo que não pode introjetar a possibilidade de aceitar sua singularidade. Haudenschild (2015) afirma que esse tipo de experiência leva a distúrbios básicos do narcisismo saudável, da capacidade de o sujeito ser autêntico, conhecer-se e estimar-se.

Verifico, nessas primeiras sessões, a dificuldade da paciente na construção de sua identidade. Penso que, na condição de analista, preciso da capacidade de *rêverie* de que nos fala Bion (1991b), ou seja, da capacidade de conter as lavas psíquicas de Etna, tolerância e continência psíquicas para, quem sabe, aos poucos possibilitar a ela introjetar gradativamente e se tornar capaz de exercer a autocontinência de seu mundo interno.

3. Recortes de Etna

Etna descreve a mãe como uma pessoa inadequada. Na medida do possível, evita encontros com a mãe, a quem não poupa críticas: "*minha mãe me faz mal, ela sempre consegue dizer algo desagradável a meu respeito. Fico doente sempre que ela se aproxima*".

Desde as primeiras sessões, Etna não faltava e nunca se atrasou. Sempre se mostrou interessada, deitava-se no divã desde o início. Sentime muito motivada e interessada em trabalhar com ela. Sua inteligência e seu conhecimento contrastavam com uma dificuldade infantil de lidar com sentimentos e dificuldades, mesmo as mais corriqueiras. Suas reações eram quase sempre explosivas: expressava todo o seu ódio, gritava e gesticulava bruscamente quando algo não ocorria exatamente como desejava.

Com frequência, trazia para as sessões relatos de discussões, principalmente com seus pares, na instituição de ensino onde trabalhava.

Em uma das sessões, dos primeiros meses de análise, quando abri a porta do consultório, vi Etna ao lado de uma mochila e várias sacolas. Ela me olhou e começou a guardar os pedaços de papel que recortava e uma tesoura. Observei que tinha dificuldade para guardar e recolher tudo o que trazia, tanto que entrou no consultório ainda organizando e fechando a mochila. Colocou tudo no chão ao lado do divã e deitou-se.

Para mim, essa imagem representou uma projeção da paciente, de suas cenas internas, as quais ela trazia para a análise empacotadas para que fossem recortadas. Como professora de cristalografia, Etna trabalha com questões cristalizadas, e aquela arrumação por mim presenciada era ela preparando uma aula. Imaginei também ser ela recortando, reorganizando, trabalhando com suas cristalizações internas.

Logo que se deitou no divã, disse:

E – Hoje estou dando defeito! Só saí de casa porque meu marido me convenceu, já acordei dando defeito!

A – Parece que está difícil organizar suas coisas!

E – Estou exausta! Sou uma fraude! As pessoas vão se cansar de mim e vão embora! Hoje já explodi lá no curso, gritei com um colega que não faz nada e só reclama!

A – Acha que vou me cansar de você?

E – As pessoas sempre se afastam! Meu marido vai se afastar!

A – Estamos aqui agora, tentando pensar juntas esses recortes.

E – Sinto dificuldades de pensar assim, fico confusa!

Nesse momento da análise, a paciente parece funcionar psiquicamente projetando partes do seu ego no marido e nos objetos de suas relações, o que, segundo Klein et al. (1982), evidencia predomínio do funcionamento esquizoparanoide.

Percebo elementos de cisão, negação, onipotência e, com muita frequência, sentimentos de ódio expressos sob forma de protestos, gritos, ameaças e, consequentemente, medo.

Entendo assim que, nas suas explosões de ódio, Etna projeta partes do seu ego no objeto de sua relação. Aquilo que ela projeta, o ódio que é dela, quando não é por ela reconhecido, é sentido como ameaçador, como possibilidade de abandono e morte do objeto amado.

Funcionando psiquicamente com muita frequência pela utilização dos recursos da posição esquizoparanoide, as projeções de partes boas do ego (afetos, competência, capacidade de trabalho) levam à idealização do objeto e a um sentimento de empobrecimento do ego.

Nessa sessão, em especial, chamam minha atenção a chegada da paciente e os objetos que ela traz: recortes concretos (pedaços de papel), tesoura e um amontoado de coisas em algumas sacolas. Trata-se de uma imagem simbólica de sua mente, a externalização da realidade interna. Naquele momento, eu já imagino o trabalho de identificar, juntar e conectar fragmentos à procura de um sentido. Por outro lado, o fato de Etna levar para a análise essa variedade de fragmentos alimenta minha esperança na possibilidade de realizar esse trabalho.

A frequência e a intensidade de suas explosões de ódio intrigam-me de modo mais acentuado. Imagino que aquelas cenas por ela descritas, além das já relatadas em algumas falas acerca do desejo de abreviar seu sofrimento por meio da morte, poderiam, de fato, culminar em um ato suicida.

Por outro lado, ela estava trazendo os recortes, o que sinalizava a vontade de organizá-los e prosseguir e possibilitava ampla leitura de sua vivência. Etna estava empenhada em juntar esses recortes, encontrar um sentido para a experiência, e era movida por forças integradoras, forças da vida. Nesse aspecto, embora se tratasse de um momento delicado, de uma circunstância perigosa, era confortável e bom estar com ela.

Quando a paciente diz: *"Sou uma fraude!"*, uma frase que ela repete em várias sessões, evidencia uma dificuldade que leva vida a fora. Essa fala parece ilustrar a confusão que ela faz no que se refere à representação da

imagem que ela tem de si; logo, em uma expressão de Zimerman (1999, p.?), seu "sentimento de identidade". Nesse aspecto, destaco dois elementos: ela se mistura com o outro, mas não estabelece com ele, como pensa, uma parceria. Ela se confunde, e essa confusão se revela na quantidade de recortes e no amontoado de sacolas que traz para a sessão.

4. Formação da identidade

Freud, em "Introdução ao narcisismo" (1914/1976c), ressalta a presença do outro como condição que possibilita o processo de constituição do eu. De acordo com Birman (2001), se o eu é constituído na relação com o outro, a identificação é um conceito que possibilita a compreensão de que, na origem do eu, reside o outro, e que o eu carrega no corpo e no psiquismo as marcas dessa relação.

Na segunda tópica, Freud (1923/1976a) anuncia a criação do eu a partir de uma modificação do Id. Na constituição do eu está presente, portanto, a história das escolhas objetais frustradas. Afirma a presença do outro como traumatizante. O outro deixa marcas da sua presença na estruturação do eu por meio da identificação.

Zimerman ressalta que, para Bion, diferentemente de Freud, para quem o ego emergiria do Id e no início da vida reinaria sozinho, já existe, desde o nascimento, uma relação objetal com a mãe em bases muito primitivas, logo, um inato esboço do ego (1999, pp. 91-92). Klein (1975), por sua vez, defende a teoria de que o recém-nascido apresenta arcaicas fantasias inconscientes e fortes angústias de aniquilamento.

Apesar das divergências, o que parece ser consenso entre vários autores da teoria psicanalítica é o fato de o bebê receber estímulos de toda ordem, físicos e psíquicos, e não apresentar condições neurofisiológicas nem mesmo egoicas para distinguir de onde provêm essas sensações corporais: se de dentro ou de fora dele. Diante desse estado de caos, destaca-se a importância dos fatores ambientais e das funções atribuídas aos pais, especialmente à mãe, no processo de formação da identidade.

As frustrações e perdas na relação com o outro imprimem marcas que quebram e estilhaçam a imagem do eu. Assim, no processo de reorganização desses fragmentos, cria-se um eu, dependendo da relação, integrado ou estilhaçado.

As dificuldades de Etna na organização de sua identidade se revelam em diversos momentos do encontro analítico. Não raro, emergem sentimentos de confusão, inadequação e menos-valia contrastando com posturas arrogantes, de superioridade e onipotência. No meu entendimento, as manifestações de arrogância, superioridade e onipotência são defesas arcaicas mobilizadas diante do sofrimento vivido nas suas relações primárias e, portanto, isso é trabalhado no decorrer da análise.

No final de uma sessão, Etna se levantou e foi até a porta lamentando não saber se ainda dispunha de tempo para fazer sucesso. É uma frase que ela sempre repete. Fazer sucesso parece ser uma demanda interna, um desejo. Em outra sessão, quando a questionei sobre o que significava fazer sucesso, ela respondeu: "ser alguém, algo".

Nessa sessão, conversamos sobre a dor de não estar enquadrada no modelo de sua mãe e refletimos sobre a semelhança entre o desejo do marido de achar um material em um campo onde não era possível e sua vontade de encontrar na mãe ou no marido algo que também não poderia ser alcançado por outra via senão a interna. E só aí, quem sabe, poderia descartar essa escrita que a criança Etna construiu e ceder lugar à elaboração de um novo e sólido material: a Etna adulta. Nesse novo capítulo, poderia perceber que fazer sucesso com a mãe seria algo que não dependeria apenas de sua vontade, mas, sobretudo, de uma disposição interna da mãe.

Etna continua repetindo ao longo das sessões frases como:

"E – *Eu queria pelo menos, por alguém, ou por alguma coisa, ser especial, fazer a diferença!*"

(Ela parece estar falando do resíduo de suas experiências mais antigas na relação com a mãe. Faltou-lhe esse registro de ser um bebê

importante para a mãe, de ser especial e, por mais curioso que pareça, ela ainda busca isso).

> *E – Aqui eu sinto [se referindo à análise], parece que estas paredes são mágicas, mas quando saio daqui… Eu não sinto, não acredito, tenho certeza que não faria falta… Estou com sentimento de perseguição. Foi assim a vida inteira, e aí vem esse pensamento: nem sua mãe conseguiu te amar!*

(Aqui, na relação com a analista, de alguma maneira ela resgata dentro de si essa qualidade emocional)

Durante a sessão, pude conversar com Etna sobre essa difícil experiência de conviver com uma mãe que me parece incapaz de lidar com sua singularidade. Etna insiste em dizer que sua mãe sempre a considerou um desastre e conclui: "*eu realmente sou um desastre!*". Essa parece ser a leitura que ela aprendeu a fazer de si, principalmente na relação com a figura materna.

As afirmações da mãe, embora assimiladas como algo estranho, contêm algo que ela considera verdadeiro acerca de si. Tudo sugere que ela se comportava como criança, porém fora do padrão exigido pela mãe. Parece que Etna ficava incapaz de atender às exigências da mãe.

Minerbo (2015), em citação à obra de Freud "Introdução ao Narcisismo" (1923/1976a), afirma que os sentimentos ternos e a idealização dos pais em relação ao bebê resultam da projeção de seus próprios aspectos infantis idealizados. Assim, transferem para o bebê aspectos ligados ao próprio narcisismo; vendo-o como perfeito, é amado por eles. Outra faceta dessa relação envolve a transferência, ou projeção, para o bebê, dos aspectos denegridos e persecutórios dos pais. Etna parece ter sido um bebê que não correspondeu a essas projeções narcísicas da mãe.

Etna traz para as sessões frases da mãe que, segundo ela, ficam "quicando" em sua mente: "*Você me deixa louca!* É muito estranha! *Menina esquisita! Você vai acabar comigo!*". São falas grosseiras, imprudentes e muito difíceis de serem elaboradas por uma criança.

Segundo Winnicott (1988), quando a mãe exerce a boa maternagem, contribui para o desenvolvimento da criança, possibilitando sua integração ao meio em que ela e sua família estão inseridas. Nesse sentido, a paciente parece ter vivido na relação com a mãe o que Minerbo descreve como um momento em que:

> as fronteiras sujeito-objeto se desfazem, e a mãe confunde seu filho com seu próprio objeto interno mau. Por alguns segundos, ela o vê como um inimigo que deseja destruí-la e o odeia por isso. A criança se vê confundida com algo ou alguém, que não é ela, e ao mesmo tempo se vê objeto de uma carga de ódio em estado bruto, um ódio não simbolizado. (2015, p. 75)

Esse momento de desencontro, ainda que fugaz, imprime uma marca. A frase "Você me deixa louca!", por exemplo, expressa um momento de acentuado transtorno e ansiedade da mãe, que mobiliza essa mesma qualidade na mente do bebê. Essa marca é para sempre, uma vivência de abandono estando a mãe presente.

Quando a mãe diz que ela é muito estranha, a paciente passa a não se reconhecer porque não foi reconhecida pela mãe.

A paciente descreve, ainda, momentos que podem ser compreendidos como a vivência de sentimentos de pânico, ausência de chão, de continência. São dela as seguintes afirmações:

> *Eu sempre era vista não como diferente, mas esquisita, errada, ruim… E parece que isso não tem como mudar. Parece que meu problema não é depressão, sabe? [sobre o diagnóstico psiquiátrico]. É uma ansiedade tão grande, esperando sempre o pior, mesmo que, aparentemente, eu não saiba o que estou esperando. Acho que é sem esperança, sem lugar, sem pensar em qualquer bem… Fico paralisada, sem mexer um músculo, não consigo sair da cama! Sinto medo, entro em pânico. Já acordo com falta de ar!*

A vivência de Etna nesses momentos de crise parece ser de total desamparo, como o colapso descrito por Winnicott (1994). O autor relaciona esse medo às experiências passadas do indivíduo e aos caprichos ambientais.

É possível observar os elementos que provavelmente participaram da construção da identidade da paciente. Ela sinaliza algo muito importante, que é a reverberação dentro dela da fala confusa da mãe. Sentir-se sem lugar não é sua realidade objetiva, mas parece ser uma referência à sua subjetividade.

Kohut (1988) considera as falhas empáticas da mãe com seu bebê possíveis causadoras dos vazios existenciais, que levariam, futuramente, a quadros de psicopatologia clínica. No caso de Etna, as angústias provenientes, provavelmente, dessa dolorosa relação com a mãe parecem estar sendo atendidas na relação transferencial, viabilizando, quem sabe, um novo olhar da paciente a respeito de si.

Quando a paciente diz que na sala de análise sente-se especial e que aquelas paredes parecem "mágicas", penso que "mágica" é a relação humana, o encontro, as palavras. "Mágica" é essa atitude plenamente receptiva para a Etna mais íntima, mais sigilosa e mais necessitada. O "mágico" é fazer essa leitura, expressar em palavras e permitir um novo arranjo psíquico.

5. Tentando pensar e tolerar as frustrações

Na sequência, havíamos trabalhado muito os aspectos agressivos de sua personalidade e sua dificuldade de pensar e lidar com a dor. A paciente oscilava entre comportamentos explosivos, ou, podemos dizer, evacuatórios, fuga e isolamento. Quando vivenciava episódios de explosão ou evacuação nas suas relações, a seguir se isolava e não saía da cama, a não ser para comparecer às sessões de análise.

Segundo Klein et al. (1982), nas primeiras experiências do bebê com a mãe existe uma interação, que varia em proporções, dos impulsos libidinais e agressivos. Nos períodos de ausência de tensão, observa-se equilíbrio entre ambos os impulsos. Quando esse equilíbrio é perturbado por privações provenientes de fontes internas ou externas, os impulsos agressivos

são reforçados. O desequilíbrio entre libido e agressão origina a avidez. O aumento da avidez fortalece os sentimentos de frustração, que, por sua vez, reforçam os impulsos agressivos. Isso nos remete às experiências mais primitivas do bebê com a mãe e se destaca sobremaneira na vivência, no material clínico da paciente. Talvez estejamos lidando com o que há de mais primitivo no mundo mental. Esse universo mental primitivo é facilmente mobilizado no mundo interno de Etna e emerge constantemente em situações corriqueiras do viver cotidiano, como pudemos observar.

Com elevada frequência, a paciente direciona seus impulsos agressivos para os objetos de suas relações. Na relação com a analista, percebo cuidado e gentileza, mesmo em situações nas quais, de alguma forma, fui notadamente fonte de frustração.

Como no relato a seguir.

A sessão estava marcada para começar às 14 horas, logo depois do horário de almoço, mas, em virtude de um congestionamento, compareci com dez minutos de atraso. Quando cheguei, a paciente me aguardava na sala de espera e, de pronto, fez um gesto batendo com o dedo indicador no seu relógio de pulso enquanto entrávamos no consultório. Deitou-se no divã e começou a dizer:

E – Eu sou muito chata com horário! Ah, mas você está sempre aqui! Isso acontece! Que bom que chegou!

Penso, nesses momentos, sobre a possibilidade de estar nesta relação com a paciente, representando o seio bom, o objeto de projeção de seus impulsos de amor. Posso estar representando o objeto gratificador, a mãe que escuta e está sempre lá, a pessoa que a auxilia na tentativa de melhor elaborar seus estados emocionais não diferenciados.

Desde o início, apesar do funcionamento psíquico comprometido, a paciente optou pela análise de alta frequência e parece se beneficiar dela. Penso que, tal como nos ensina Klein (1971), mesmo durante um estágio primitivo de funcionamento mental, a ansiedade persecutória é compensada até certo ponto pela relação com o seio bom. Dessa forma,

como a ansiedade persecutória parece estar amenizada no campo relacional, Etna pode, nesses momentos em que a divisão é menos profunda, ser capaz de dar um passo no sentido da integração.

Segundo Ferro (2017, p. 15), "a transformação da ansiedade persecutória em imagens afetivas torna-se fator de desenvolvimento". Para ele, "a *rêverie* do analista, que frequentemente pode ser expressa sob forma de metáfora, mas não somente, pode ser entendida como fonte de desenvolvimento da capacidade de transformar elementos Beta, persecutórios, em pensamentos". O fragmento de sessão a seguir ilustra como a paciente estava lidando ou tentando lidar com as frustrações no seu cotidiano:

E – Sabe qual é o problema? Nada vai de primeira vez. Por exemplo: eu custei para tirar a radiografia do braço, tirei, não apareceu nada quebrado, mas também não conserta. Eu custei para ir olhar o negócio do pé, mas aí a fisioterapeuta não dá certo, fui para a acupuntura, não dá certo! Não basta você avisar, não basta você pagar, que não está funcionando!

A – Você está me dizendo que vem às sessões, paga meus honorários, vai ao ortopedista, à acupuntura e nada fica resolvido, num tempo suportável para você. Isso desperta um sentimento. Qual sentimento?

E – De frustração! E quando fico sem dormir, eu fico irritada com qualquer coisa. A caixa d'água estava vazando, aí o bombeiro veio e trocou a bomba, a caixa continuou vazando, procurei o registro e descobri que ele trocou a bomba do vizinho, chamei outro e troquei a bomba certa!

Risos!

E – Não resolve, né? Ficar com ódio e explodir! Porque eu não consigo controlar, mas tem gente que consegue…

A – A caixa continua vazando!

E – E depois eu fico muito mal!

Segundo Bion, "Se a capacidade de tolerar a frustração for suficiente, o não-seio se transforma em pensamento, e desenvolve-se um aparelho para pensá-lo" (1994, p. 129). Comecei a observar uma mudança no comportamento de Etna no decorrer de algumas sessões, pois mostrava-se mais

tranquila, chegava menos agitada e menos falante. O conteúdo da sua fala também me parecia mais organizado, apresentando uma sequência lógica e uma melhor percepção dos próprios sentimentos; mesmo em momentos particularmente difíceis, pareceu-me mais organizada. Pude notar uma possível evolução da paciente expressa por maior tolerância à dor e às frustrações, e aumento da capacidade de pensar sobre sua experiência. Parece-me que Etna, nesse momento, percebe o mundo externo como menos destrutivo e persecutório. Estava conseguindo, segundo seu relato, apreender sua ambivalência.

A paciente sinalizava que seus impulsos destrutivos e os sentimentos persecutórios próprios, segundo Klein et al. (1982), da posição esquizoparanoide, cediam espaço a impulsos amorosos dirigidos ao mundo externo, o que possibilitava, por exemplo, um relacionamento mais positivo com a irmã, o marido e as demais pessoas ao seu redor.

Imagino que a percepção de sua ambivalência despertasse sentimentos de responsabilidade, ansiedade e culpa. Nesse sentido, aparentava fazer uso mais frequente de funções da posição depressiva e, dessa forma, permitia o emergir de um modo mais evoluído ou amadurecido de relacionamento com o outro. Percebo também uma tendência à integração, já que a projeção e a divisão tinham diminuído. A paciente, apesar de sinalizar certo desenvolvimento, vive também momentos em que se sente confusa e inadequada.

Penso que, no decorrer do processo analítico, na relação transferencial, a paciente possa estabelecer, mais plenamente, uma relação de objeto total para, quem sabe, viabilizar a redução das exigências superegoicas e obter mais êxito em seu esforço de conter os impulsos destrutivos.

6. Experiência com o novo diagnóstico psiquiátrico

Apesar do evidente desenvolvimento nas relações de Etna, sempre chamou minha atenção o que eu descrevo como significativo comprometimento na socialização, bem como falta de habilidade de estar nas relações e compreender as regras do jogo social, pois ela, inúmeras vezes,

demonstrou muita rigidez e pouca flexibilidade de pensamentos e percepção. Os sentimentos e as emoções são, geralmente, intensos e confusos; em muitos momentos, notei que ela estava perdida em projeções, em um mundo particular e inacessível.

A busca de um diagnóstico psiquiátrico mais preciso e o desejo de compreender melhor suas dificuldades conduziram Etna a outros profissionais, até que foi diagnosticada como portadora do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Estudos atuais têm indicado a etiologia do TEA como multicausal, destacando aspectos genéticos, biológicos, psicogênicos e relacionais. Para Barros, médica psiquiatra e analista didata de crianças e adolescentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, "independente de fatores etiológicos, distúrbios graves na relação mãe-bebê prejudicam o fluxo comunicativo da dupla nesta forma mais primitiva de linguagem, com danos importantes para o desenvolvimento do bebê" (2011, p. 28).

A autora enfatiza a importância das vivências emocionais do analista como fio condutor para apreender e atribuir sentido a manifestações autísticas de pacientes adultos.

Segundo Facion (2016), professor do Departamento de Psiquiatria Infantojuvenil da Faculdade de Medicina de Munster, na Alemanha, o autismo se instala nos três primeiros anos de vida, quando os neurônios que coordenam os relacionamentos sociais e a comunicação deixam de formar as conexões necessárias.

Nesse ponto, entendo que a relação de análise parece auxiliar no desenvolvimento, na comunicação e na interação social de quem vive nesse universo tão particular. Muitas vezes, percebo Etna imersa em sua própria realidade e, nesses momentos, observo que ela parece perder a esperança de conviver com pessoas que habitam outra realidade que não a dela, em lugares onde ela se sente estranha.

Barros propõe o manejo da transferência como uma técnica apropriada na análise de adultos com TEA. Segundo ela, "uma sequência de acontecimentos psíquicos, conhecida como depressão primária ou depressão psicótica, está na origem do Transtorno do Espectro do Autismo".

Ainda segundo a autora,

> diferente das angústias persecutórias e depressivas que se referem a objetos parciais ou totais já existentes, a angústia de aniquilamento indica deficiências primárias no processo de introjeção do objeto continente e demanda um tipo particular de interpretação baseada provavelmente em elementos não verbais que emanam da *rêverie* do analista. (Barros, 2011, pp. 30-31)

Assim, no trabalho com Etna, entendo que a postura continente do analista é fundamental para um possível desenvolvimento.

Um relato de Etna parece ilustrar o que se pode chamar de angústia de aniquilamento. Em um dos períodos de crise, em que a paciente quase não saía de casa e não desejava ter contato com outras pessoas além do marido e da analista, um encanador foi chamado em sua residência e, no momento em que ele se dirigia ao quarto para fazer o reparo no banheiro da suíte, a paciente afirma ter entrado em pânico e se escondido debaixo da cama. Assim que ouvi esse relato, disse ter imaginado a cena de uma criança se escondendo junto ao ventre da mãe, e Etna, após um longo período de silêncio encolhida no divã, afirmou: "Gostaria de ter corrido pra cá!".

Penso que o "esconder-se debaixo da cama" seria uma metáfora da incontinência de Etna. Entendo que experiências como essa, vivida pela paciente, podem ocorrer em situações extremas, quando, nas palavras de Ferro, "o continente é abusado por emoções tão violentas e dotadas de tamanha energia cinética, a ponto de contribuir para seu 'furar'. Que seriam os buracos por onde escapam atuações" (2017, p. 22).

7. Conclusão

Quatro anos após o início da análise, percebo desenvolvimento. Etna sofre e compartilha seu sofrimento nas sessões, assim como seus pensamentos e reflexões sobre qual seria a melhor forma de agir em situações conflitantes. Diferentemente da impressão causada quando a conheci, apresentando-se agressiva, explosiva, perdida e com traços regressivos,

embora relatasse ter 45 anos, lembrava-me uma menina que precisava ser vista para sentir-se existindo.

Essa menina, que na relação transferencial com sua analista repetia a primeira relação com a mãe ao afirmar, por exemplo, que estava "dando defeito" ou que era uma "fraude", talvez fizesse isso na esperança de ser aceita ou de que sua analista pudesse compreender e nomear o que estava acontecendo com ela.

Etna vive momentos que parecem ser de regressão, em que faz uso de recursos da posição esquizoparanoide; apresenta reações explosivas, sentimentos de ódio e perseguição. Em seguida, percebe nas pessoas de suas relações e nela própria sentimentos também de amor e atitudes coerentes e, então, silencia, entristece e adota condutas que se assemelham a tentativas de reparação.

Sinto que, na relação com ela, na continuidade do processo analítico, preciso ser capaz de me identificar com esses estados emocionais, para tentar uma tradução o mais compatível com o que ela está sentindo. Penso que, na análise, Etna precisa acionar recursos que a auxiliem a metabolizar as angústias catastróficas vividas na infância, pois essas parecem estar relacionadas com as atuais dificuldades que ela enfrenta nas relações sociais e consigo.

Os elementos do espectro autista observados na paciente e diagnosticados pela psiquiatra, além dos aspectos provavelmente genéticos, como nos informam as mais recentes pesquisas nessa área, parecem estar relacionados a experiências de relação com uma mãe que, provavelmente em virtude de suas dores pessoais, parece ter vivido com a filha, Etna, experiências emocionais empobrecidas, inibidas e permeadas por indiferença e, quem sabe, ódio. Essas sinalizações parecem ser estruturantes na personalidade do indivíduo.

Como assinalei anteriormente, essa experiência me fez refletir sobre todo o processo da formação em psicanálise. Nesse processo nos surpreende o encontro com o estranho, o estranho conhecido, Freud (1919/1976b), o ser humano que se apresenta no paciente, no colega candidato, nos didatas, nos membros, no próprio analista e no supervisor. O humano que

nos assusta e realmente nos causa estranhamento, o humano com toda a realidade do amor e do ódio, com toda a capacidade de invejar, competir, excluir, projetar e ver no outro suas próprias feridas.

Assim como minha paciente, no meu processo de formação, vivi a experiência de não me sentir aceita em minha singularidade, de me sentir desconsiderada em minha identidade como analista em formação. Foi a partir dessa experiência dolorosa que pude perceber a grande importância da análise pessoal no processo de formação do analista; junto a minha analista, esse processo me permite regredir, espernear e entender que, mesmo entre meus pares, não serei aceita, não serei sempre compreendida.

A análise pessoal nos conduz também ao encontro com o estranho, o assustador, o surpreendente em nós mesmos, o humano. Transporta-nos, de certa forma, à criança que existe em nós, com toda a capacidade poética e de se surpreender com o óbvio, com o estranho conhecido que se esconde em nós. Deparei-me com a realidade: a formação é difícil e exige disposição para suportar o obscuro, o estranho!

Clarice Lispector (1991) ressalta que para ver as coisas é preciso que elas morram. Morrer, segundo ela, é um processo ininterrupto! Penso que é o processo de desconstrução de um olhar idealizado da formação psicanalítica, é a vivência do luto que dá espaço ao nascimento, ao possível desenvolvimento da capacidade negativa de que nos fala Bion (1994).

Aprendemos na vivência da formação a necessidade de desenvolvimento emocional, pois vivemos todo o tempo o trabalho com o estranho, o estrangeiro que existe em nós, nos nossos pacientes e nos colegas. A capacidade de se surpreender, de ver como se fosse a primeira vez, sempre um olhar inaugural. Mais que me tornar psicanalista, estou me tornando eu mesma.

Referências

Barros, I. G. (2011). Autismo e psicanálise no Brasil: história e desenvolvimento. In J. S. Schwartzman, & C. A. Araújo (Orgs.), *Transtorno do espectro do autismo* (pp. 27-36). São Paulo: Memnon.

Bion, W. R. (1991a). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1991b). *Elementos em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados* (3a ed.). Rio de Janeiro: Imago.

Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade*: *a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (3a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Facion, J. (2016). *Autismo: guia minha saúde especial*. São Paulo: Online.

Ferro, A. (2017). *Tormentos da alma: paixões, sintomas, sonhos* (M. Petricciani., Trad.). São Paulo: Blucher.

Freud, S. (1976a). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1976b). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 275-314). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (1976c). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1976d). Luto e melancolia e introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1915])

Haudenschild, T. R. L. (2015). *O primeiro olhar: desenvolvimento psíquico inicial, déficit e autismo*. São Paulo: Escuta.

Klein, M. (1971). *O sentimento de solidão*. Rio de Janeiro: Imago.

Klein, M. (1975). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou.

Klein, M. et al. (1982). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara.

Kohut, H. (1988). *Análise do self*. Rio de Janeiro: Imago.

Lispector, C. (1991). *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática.

Minerbo, M. (2015). Contribuições para uma teoria da constituição do supereu cruel. *Rev. Bras. Psicanálise, 49*(4), 73-89.

Winnicott, D. W. (1988). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática.* Porto Alegre: Artmed.

Jane do Carmo Moura Fabian

jane.fabian@hotmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 165-171. 2019

A estranha anatomia da alma do analista

Juliana Barlette Ferraz Zamboneti,[1] Curitiba

Resumo: O presente trabalho procura discorrer acerca da inquietude de uma analista em formação, diante do viver e da experiência viva da alma do analista, estranha, que sofre e se transforma na busca de uma aproximação de si e do outro. Uma alma humana, de estranha anatomia, que vai ao encontro do novo e do velho conhecido. Este artigo, pretende ainda, construir uma ponte com a teoria e a técnica descritas por Freud.
Palavras-chave: formação psicanalítica, alma humana, método, técnica, estranheza

Nada mais do que isto?
Palavras, palavras, palavras.
(Sigmund Freud citando o
príncipe Hamlet de Shakespeare)

Os tratamentos analíticos levam meses e anos: mágica tão lenta que perde o seu caráter miraculoso. E incidentalmente não desprezemos a palavra. Afinal de contas ela é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar as pessoas. As palavras podem fazer um bem indizível e causar feridas terríveis. (Sigmund Freud) A psicanálise nasceu, na minha vida, do encontro com a psicologia. Desde o curso de graduação até a passagem à formação, muitas vicissitudes e desdobramentos, permeados de caminhos e descaminhos simultâneos.

Como numa obra da construção civil, tijolo a tijolo, é edificada. Do tornar-se psicóloga ao tornar-se psicanalista, uma interminável desconstrução, que passa por reformas constantes, enche-se de entulhos, descarta-os, restaura e preenche com materiais novos. Uma busca estética de si.

1 Do Instituto do Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC).

No início do seu artigo sobre "O estranho", Freud escreveu:

> Só raramente um psicanalista se sente impelido a pesquisar o tema da estética, mesmo quando por estética se entende não simplesmente a teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir. O analista opera em outras camadas da vida mental e pouco tem a ver com impulsos emocionais dominados, os quais, inibidos em seus objetivos e dependentes de uma hoste de fatores simultâneos, fornecem habitualmente o material para o estudo da estética. Mas acontece ocasionalmente que ele tem de interessar-se por algum ramo particular daquele assunto; e esse ramo geralmente revela-se um campo bastante remoto, negligenciado na literatura especializada da estética. O tema do "estranho" é um ramo desse tipo. Relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror; certamente, também, a palavra nem sempre é usada num sentido claramente definível, de modo que tende a coincidir com aquilo que desperta medo em geral. Ainda assim, podemos esperar que esteja presente um núcleo especial de sensibilidade que justificou o uso conceitual peculiar. Fica-se curioso para saber que núcleo comum é esse que nos permite distinguir como "estranhas" determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador. Nada em absoluto encontra-se a respeito deste assunto em extensos tratados de estética, que em geral preferem preocupar-se com o que é belo, atraente e sublime. (Freud, 1919/1996c, pp. 237-238)

Ser psicólogo não é ser psicanalista. Da psicoterapia à psicanálise, há um trânsito árduo e desafiante. Nesse processo, surge a necessidade de se haver com essa categoria do que é estranho, assustador, horroroso, bem como do belo, atraente e sublime.

O que será vir a ser analista? Quais as atribuições necessárias para tal? Além das formalidades institucionais: seminários, análise pessoal, supervisão, participação institucional?

Freud questionou: "Como e onde se pode aprender o que é necessário para praticar-se a análise? " (1926/1996a, p. 220). Disse que o candidato é apenas um principiante, e não um mestre. Isso produz um alívio em quem é principiante, mas chegará um dia a ser mestre do ofício? O que

seria ser mestre? Maior experiência? Maior sensibilidade? Domínio do método? Da técnica? Das técnicas?

Freud estabeleceu que para exercer a psicanálise um psicanalista necessita seguir um método, que chamou de analítico. Evidenciou que o objetivo da análise era tornar consciente o inconsciente. Como? Revelando e desfazendo as resistências dos impulsos instintuais (experiências infantis associadas à sexualidade), explorando o trabalho na transferência. Em outras palavras, transferindo esses impulsos reprimidos e ambivalentes para a figura do analista, estabelecendo uma neurose de transferência.

> Aquilo que empregamos sem dúvida deve ser a substituição daquilo que está inconsciente pelo que é consciente, a tradução daquilo que é inconsciente para o que é consciente. Sim, é isso. Transformando a coisa inconsciente em consciente, suspendemos as repressões, removemos as precondições para a formação dos sintomas, transformamos o conflito patogênico em conflito normal, para o qual deve ser possível, de algum modo, encontrar uma solução. Tudo o que realizamos em um paciente é essa única modificação psíquica: a extensão em que ela se efetua é a medida da ajuda que proporcionamos. Ali onde as repressões (ou os processos psíquicos análogos) não podem ser desfeitos, nossa terapia não tem nada a esperar. (Freud, 1917/1996d, p. 437)

Ao longo da sua obra, foram acrescidas mudanças técnicas e conceitos desenvolvidos e desvelados, como a compulsão à repetição, a intensidade da pulsão de morte, o retorno do reprimido, a existência de forças inconscientes conflitantes. Freud percebeu ainda que existem partes do inconsciente que podem permanecer inacessíveis à representação e até mesmo não alcançáveis. A partir do seu referencial teórico, muitos novos desenvolvimentos foram realizados pelos seus contemporâneos, com novas implicações teóricas e técnicas.

Para possibilitar essas traduções de símbolos e fantasias que os pacientes apresentam, Freud fez recomendações técnicas importantes sobre: a regra fundamental da associação livre, a abstinência, a neutralidade, a

imparcialidade do analista mantendo-se fiel à verdade, o trabalho da interpretação, a análise dos sonhos e das parapraxias, a linguagem e a possibilidade de transformação em palavras.

Em "Construções em análise" (1937/1996b), disse que a tarefa do analista é a de completar o que foi esquecido pelo paciente, dos traços que ficaram atrás de si, ou o mais correto seria construí-los. O momento e a forma como um analista comunica suas construções a quem é analisado constituiria o vínculo entre ele e o paciente. Aproximou o trabalho de construção/reconstrução ao de escavação feito por um arqueólogo, não de algo destruído, como numa edificação, mas de algo ainda vivo. Segundo ele:

> O analista, como dissemos, trabalha em condições mais favoráveis do que o arqueólogo, já que dispõe de material que não pode ter correspondente nas escavações, tal como as repetições de reações que datam da tenra infância e tudo o que é indicado pela transferência em conexão com essas repetições… Na verdade, como sabemos, é possível duvidar de que alguma estrutura psíquica possa realmente ser vítima de destruição total. Depende exclusivamente do trabalho analítico obtermos sucesso em trazer à luz o que está completamente oculto. (Freud, 1937/1996b, pp. 277-278)

Diante do exposto, atrevo-me a pensar: qual é o meu jeito de fazer psicanálise? A resposta a essa pergunta não sei, tentarei esboçar. Faço como posso, com o que tenho em mãos (mente) até o momento, com o que a minha alma pode oferecer. Acredito que andarei por muito tempo buscando as respostas, e as novas perguntas que surgirão, mas o pior é descobrir e tolerar que não há receitas prontas sobre como se faz. O que considero muito interessante é que ninguém conta como se faz, apenas expõe breves ideias. Não é curioso? Tem que se aprender, mas tem que se criar, não esquecendo as recomendações, sempre muito contemporâneas, de Freud.

Ao que me parece um psicanalista sempre estará em constante mutação, necessitando lidar com as incertezas diárias e o não saber. No meu caso, ainda não ser, ser psicanalista.

Para ser, além das próprias vivências emocionais, transformadas e encarnadas, também há que se haver com o novo, a cada paciente que nos procura, a cada nova sessão, a cada experiência a ser vivida.

Suspeito que por aqui possa passar a alma do analista, estranha, que sofre e se transforma, para oferecer algo que possa quem sabe alcançar ou se aproximar psiquicamente do outro. Tento colocar-me com humanidade e, na medida do possível, disponível, se é que consigo mesmo fazer isso, buscando viver a intimidade daquela relação transferencial. Aqui, muitas vezes, assusto-me e assusto, diante da magnitude de viver essa intimidade.

A sensibilidade poética da arte na forma de linguagem nos ilumina o olhar sobre a alma, como no trecho do poema:

> Não sei quantas almas tenho
> Cada momento mudei.
> Continuamente me estranho.
> Nunca me vi nem acabei.
> De tanto ser, só tenho alma.
> (Fernando Pessoa)

Para Freud: "Psyche é uma palavra grega e se concebe na tradução alemã como alma" (1905/1996f, p. 271). Tratamento psíquico quer dizer, antes, tratamento que parte da alma. De acordo com Bettelheim, "Psique é a alma, um termo repleto do mais rico significado, dotado de emoção, abrangentemente humano" (1982, p. 25).

Nessa busca, muitas vezes, encolho-me, alivio o paciente, faço silêncio, não sei o que dizer; em outros momentos, um acerto, um sentido, sinto o encontro, o sonho, mas como diria Freud, é uma profissão impossível. Uma eterna busca de continência, para acolher e deixar vir o que há de vir, seja vida, seja morte, seja o que aparecer.

O mais inquietante nisso tudo é que não há caminho pronto, utilizando uma citação de que gosto muito, de Antonio Machado em "Provérbios e cantares", *Poesias Completas* (1917), "caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar". Adentrar esse caminho em constante construção,

incompleto, interminável, desperta estranhamento e inquietação. Freud ressalta que "o estranho é aquela categoria do assustador, que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar" (1919/1996c, p. 238). Apresenta como é possível o familiar tornar-se estranho e assustador:

> A palavra alemã *unheimlich* é obviamente o oposto de *heimlich* [doméstica], *heimisch* [nativo] – o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é "estranho" é assustador precisamente porque *não* é conhecido e familiar. Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho. (Freud, 1919/1996c, p. 239)

O que me faz querer ser psicanalista? Sofrer a dor? Sentir o prazer de entrar em contato com a própria realidade psíquica e a do outro? Desenvolver-me emocionalmente?

Talvez agora, por aqui, possa passar a "anatomia" da alma do analista.

Freud descreveu um aparelho mental, constituído de partes das atividades da mente, que chamou de instâncias, cada qual com uma função particular e com uma relação espacial entre elas. Escreveu: "eis aqui uma estranha anatomia de alma – uma coisa que, afinal de contas, absolutamente não existe mais para os cientistas" (1926/1996a, p. 190).

Pode-se pensar que essa topografia (anatomia) – inconsciente, pré-consciente, consciente, da primeira tópica, e Estrutural, Id, Ego e Superego, da segunda – traga consigo todo o amálgama por onde encontraremos forças conflitantes, impulsos, repressão, resistências, sexualidade, lembranças, vivências infantis, pulsão de vida, de morte. Toda a estranheza descrita por Freud. Com todo esse material é constituída a alma humana, seja dos nossos pacientes, seja a nossa, como indivíduos e analistas.

Entendo que o trabalho pessoal do analista e o encontro consigo, associado à formação psicanalítica, é que vai possibilitando minimamente

diminuir as certezas, tolerar as incertezas, ampliar os espaços topográficos e estruturais que se inter-relacionam e lidar com as manifestações da sexualidade e da destrutividade. Considero que só munidos desse ferramental é que um método pode ser empregado, fazer sentido, ser usado a serviço da psicanálise.

Sigo na corda bamba, buscando equilíbrio no fio da vida, tentando encontrar a forma, e não a fôrma, da psicanálise nossa de cada dia. Afinal, como nos disse Freud: "Não se pode fugir de si mesmo" (1926/1996a, p. 197).

Referências

Bettelheim, B. (1982). *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix.

Freud, S. (1996a). A questão da análise leiga. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 20, pp. 175-248). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1996b). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 273-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Freud, S. (1996c). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 235-273). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (1996d). Terapia analítica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 16, pp. 449-463). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1996e). Transferência. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 16, pp. 433-448). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1996f). Tratamento anímico (ou psíquico). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 271-278). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

Juliana Barlette Ferraz Zamboneti

juli.zamboneti@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 173-180. 2019

Metade da fala no chão
Uma construção de continente psíquico

Luciane M. Fioravanti Morais,[1] Curitiba

Resumo: Com base em uma experiência estética, este texto se aproxima do Estranho em psicanálise, do estranho percurso de elaboração interna ao deparar-me com obstáculos na formação, bem como das elaborações possíveis a esse respeito.
Palavras-chave: voracidade, avidez, transformação

Metade da fala no chão – Piano surdo, de Tatiana Blass (2010)

1 Do Instituto de Psicanálise do Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC).

Introdução

Em uma atividade do Encontro da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) Regional Sudeste I, em novembro de 2018, realizada no Instituto Figueiredo Ferraz de Ribeirão Preto, deparei-me com a obra *Metade da fala no chão – Piano surdo*, de Tatiana Blass. Estava eu no segundo ano de formação, em meu primeiro contato com as atividades da ABC.

Fiquei imediatamente fascinada pela obra. Meu corpo permanecia imóvel diante da instalação, minha cabeça fervilhava em pensamentos, fui prontamente mobilizada a escrever. Capturada pela intensidade da instalação, fui invadida por uma sensação inquietante, um estranhamento, uma repulsa nauseante, misturada a um interesse genuíno.

O piano de cauda preto, clássico, sempre tão austero, pertencente ao mobiliário de minhas recordações infantis, estava desconstruído diante de mim, transformado. Comunicava tanto! Permitia, por meio dele, acessar pensamentos nunca antes correlatos.

> Vi um piano – mausoléu.
> Um grande e solene espaço, ocupado por parafina líquida,
> Secando, enrijecendo e emudecendo.
> Repleto de parafina até a borda,
> Derramava-se.
> No vídeo o músico imprimia em vão, mais e mais força em cada tecla do piano, para obter um som desafinado, distorcido, dissonante e desconcertante.
> Chopin?
> Não mais.
> O fruto germinado,
> Repleto, tão cheio, tão cheio e tão sem vida como um fruto vazio,
> Sem espaço,
> Sem movimento,
> Sem voz
> Morto.

Estava diante de uma experiência estética, um acontecimento raro, como Freud considerava.

> É raro o psicanalista sentir-se inclinado a investigações estéticas, mesmo quando a estética não é imitada à teoria do belo, mas definida como a teoria das qualidades do nosso sentir. (Freud, 1919/2010, p 329).

"Quando a festa acabou, descobri que restava nua" (Brum, 2014, p. 130). Depois de vivenciar essa experiência eu estava nua. Elaboro o que vivo, escrevendo. Sem a técnica, nem mesmo talento, escrevo. Escrevo, particularmente sobre o que atormenta, sobre momentos difíceis que gritam por elaboração. Dessa vez, nesse processo de elaboração/transformação me desnudo em público.

2. Desdobramentos

Se "*Unheimlich* é tudo aquilo, que nas pessoas e coisas, impressões dos sentidos, vivências situações, desperta em nós o sentimento do inquietante" (Freud, 1919/2010, p. 331), era exatamente diante disso que eu me encontrava.

Uma correlação muito peculiar me ocorria diante do piano derramado no chão; recordava-me da minha frustração no primeiro semestre do segundo ano de formação perante regras rígidas para a oferta de grupos de seminários. Ainda não havíamos compreendido que, sendo a primeira turma de formação, se não nos organizássemos, não conseguiríamos ter o mínimo de participantes para que os grupos eletivos ocorressem, e eles não ocorreram. Naquele semestre fizemos somente os seminários obrigatórios.

De estranho nisso tudo confidencio que entrei em um período de vivo contato com minhas partes psicóticas. Sentia-me tolhida.

> Uma privação de qualquer tipo pode ser tão penosa e o fato de que inconscientemente ela representa a noção oposta, de que estamos sendo

> representados como indignos de coisas boas, e com isso nossos mais profundos receios se veem realizados. (Klein & Riviere, 1937/1975, p. 50)

E o jeito foi mergulhar nesses mais profundos receios, até poder conjecturar o que se passava em minha mente. Preciso justificar-me, escrevo em primeira pessoa porque trago minha própria experiência em transformação. "O inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar" (Freud, 1919/2010, p. 331).

Considerava a voracidade algo íntimo e familiar porque presente em mim por toda vida, mas estranho por que nunca olhado de frente anteriormente, não conhecia sua dimensão inteiramente. Tomo voracidade em sua acepção de "avidez, desejo ardente imoderado, veemente de alguma coisa". (Ferreira, 1975, p. 166)

> Somos lembrados que o termo *heimlich* não é unívoco, mas pertence a dois grupos de ideias que, não sendo opostos, são alheios um ao outro: o do que é familiar, aconchegado, e o do que é escondido, mantido oculto. (Freud, 1919/2010, p. 338)

Klein considera que "um certo grau de voracidade existe inconscientemente em todos nós. Representa um aspecto do desejo de viver" (Klein & Riviere, 1937/1975, p. 49), mas também era necessário observar que "um acentuado desejo de ingerir, como defesa da desintegração interna, constitui importante fator onde quer que se faça notar a voracidade". (Klein & Riviere, 1937/1975, p. 48)

> Em períodos livres de fome e tensão há um equilíbrio ótimo entre impulsos libidinais e agressivos. Este equilíbrio é perturbado sempre que, devido a privações provenientes de fontes internas ou externas, os impulsos agressivos são reforçados. Sugiro que tal alteração no equilíbrio e agressão dá origem à emoção chamada voracidade, que é em primeiro lugar e acima de tudo de natureza oral. (Klein, 1952/2006, p. 87)

Neste trabalho considero uma voracidade talvez um tanto sublimada, uma avidez pelo conhecimento ou mesmo ambição.

Bastante tempo depois pensei que *Metade da fala no chão – Piano surdo* evidenciou para mim o potencial destrutivo da voracidade. Então a constatação não era da voracidade em si ou da avidez por conhecimento na formação. A surpreendente descoberta era a percepção de que a voracidade trazia consigo um potencial destrutivo. De que adiantaria me empanturrar de seminários, leituras, estudos, sem poder digeri-los?

Naquele semestre experimentei viver mais devagar e achei formidável. Comecei a sonhar com instalações em exposição, caixas de pele de carneiro (como as que se usam nos instrumentos musicais, nos pandeiros, por exemplo) conectadas umas às outras por delicadas presilhas, de tamanhos diferentes, abertas em cima e vazias, plenamente vazias. Continentes psíquicos em expansão. Resultado do contato com a obra sobreposto ao trabalho da análise, impulsionado pelas vivências da formação.

"O inquietante seria sempre algo em que nos sentimos desarvorados, por assim dizer" (Freud, 1919/2010, p. 332). Talvez uma das coisas mais inquietantes da formação seja a constatação do quanto somos desarvorados como seres humanos, como analistas e surpreende o quanto a análise nos leva para o reconhecimento de nossas limitações e o quão sofrido pode ser esse processo. Antigos modos de funcionamento saturados podem vir a ser substituídos. Atravessadas as turbulências, talvez ocorra alguma transformação.

Talvez aproximar-se da voracidade, de reconhecê-la, tenha sido aproximar-me de algo oculto na mente, porque vergonhoso, mas que pelo trabalho da análise deixava de ser "fechado, impenetrável a exploração" (Freud, 1919/2010, p. 339).

Estranho na formação é aprender a dialogar com nossas próprias partes psicóticas. Isso é muito estranho! Mas também vital. Nossos algozes deixam de passar despercebidos. Há uma batalha que se trava dentro de nós, a favor e contra nossos próprios desejos e ideais. Recentemente, ao assistir novamente ao filme *Metade da fala no chão – Piano surdo*, deparei-me com o nome completo da obra. Até o momento não havia me dado

conta de tratar-se de um piano surdo, embora o considerasse mudo. Mas era surdo para perceber esse diálogo interno. Incapaz de lutar contra seus algozes (representados pelos homens que jogavam a parafina líquida em seu interior). O piano surdo, para seu intérprete, não poderia mais dar voz ao sensível, ao toque delicado do pianista, nem mesmo à percepção de suas emoções. Nesse caso não podia mais formar uma dupla, estava impedido. Não havia espaço.

3. O desastre

Diante da tragédia ocorrida em Brumadinho este ano, meus escritos se desdobraram, clamando por elaboração, por compreensão, por continência.

> Brumadinho vazou
> Toda fala no chão.
> Mortos.
> Desaparecidos, mortos.
> Árvores inteiras, rios, casas, vacas, cachorros, pássaros…
> Petrificados na lama.
> …
> Brumadinho mausoléu da Vale a céu aberto.

Tomada de horror em solidariedade, sentia o pânico me invadir abruptamente, rapidamente seguido pela falta de ar e pelo silêncio da morte. Esse estranho velho habitante do meu inconsciente estava ligado à sensação avassaladora de que minha própria voracidade viesse a me destruir. Eu vivia a iminência de um grande desastre por excesso.

Não vou aqui abordar avidez que não seja a minha, embora o potencial destrutivo dela agora esteja escancarado. Ou nós humanos aprendemos a mexer no princípio moral do lucro, ou muito sofrimento e destruição ainda nos esperam.

Voltando para o escopo deste trabalho, considerando que "A função alfa atua sobre as impressões sensíveis quaisquer que sejam e sobre

as emoções" (Bion, 1962, p. 25) e que "a função alfa que atua sobre a percepção da experiência emocional propicia o aprender com a experiência" (Bion, 1962, p. 28) recorri a minha função alfa para tornar possível a digestão e a contenção da ameaçadora violência da verdade sobre a voracidade. Nada disso teria sido possível sem um casamento analítico fértil.

4. Conclusão

É possível que a sensação de catástrofe iminente que vivenciava estivesse ligada à possibilidade de uma mudança efetiva. Poder conceber novos espaços vazios, espaços em potencial, requer a constatação de excessos, requer suportar a escassez e a falta. Para que houvesse uma expansão, velhos paradigmas de funcionamento mental precisavam ser desvendados, encarados e transformados.

Clarisse Niskier, em seu artigo *Sophrosyne*, palavra grega que significa "temperança, espírito de moderação, saúde da mente, integridade", coloca que o excesso também abre a percepção, refere-se ao excesso passagem, aquele que nos leva para o essencial. Que o excesso seja esse, *Sophrosyne*!

Faço uma livre paródia da poesia "Cidadezinha qualquer", de Drummond.

> Um homem vai devagar.
> Um cachorro vai devagar.
> Eu vou devagar.
> Devagar… as janelas olham.
> Pra que tanta pressa, meu Deus?
> (Drummond, 1964)

Finalizo este trabalho, mesmo ávida por mais pesquisas e pelo prazer da escrita.

Referências

Andrade, C. D. (1964). Cidadezinha qualquer. In C. D. Andrade, *Alguma poesia*. São Paulo: Nova Aguilar.

Bion, W. R (1962). *Aprender com a experiência* (pp. 25, 28). Rio de Janeiro: Imago.

Blass, T. (2010). *Metade da fala no chão – Piano Surdo*. 29.ª Bienal de São Paulo.

Brum, E. (2014). *Meus desacontecimentos*. Lisboa: Leya.

Ferreira, A. B. H. (1975). *Novo dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira.

Freud, S. (2010). O inquietante. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 329-376). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)

Klein, M. (2006). *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (p. 87). Rio de Janeiro. Imago (Trabalho original publicado em 1952)

Klein, M., & Riviere, J. (1975). *Amor, ódio e reparação* (pp. 15-87). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Niskier, C. (2013). Sophrosyne. *Ide, 35*(55), 195-201.

Luciane M. Fioravanti Morais

lucianefioravantimorais@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 181-186. 2019

A supervisão oficial no *setting* e na mente do analista em formação[1]

Débora Berger,[2] Campinas

Resumo: Relato de uma analista em formação sobre os desafios e vicissitudes de uma experiência clínica atravessada pela inevitável estranheza de uma supervisão oficial.
Palavras chave: formação, psicanálise, experiência, supervisão oficial

Este breve relato trata dos desafios e vicissitudes de um atendimento atravessado pela inevitável estranheza de uma supervisão oficial. Para isso escolhi dois momentos de meu primeiro relatório de supervisão: "A escolha/aposta" e "A ameaça de ruptura/trauma".

Falo de uma experiência absolutamente pessoal e íntima, mas que acredito possa ecoar nos colegas que viveram ou estão vivendo experiências semelhantes.

É chegada a hora de iniciar a supervisão oficial. Atender um paciente quatro vezes por semana? Com a correria da vida moderna, quem teria tempo para isso? Quem poderia arcar com esses custos? Como propor isso a alguém? Será mesmo tão diferente uma análise de alta frequência? Para mim, certamente, um momento de muita angústia. Minha formação, meu estado de "candidata", se iniciara há pouco mais de um ano. Desde então, a pergunta "Como vai caber?" me acompanhava. Mais duas sessões de análise na semana, mais quilômetros de estrada a percorrer, muitos textos para ler, um bebê para observar, o paciente oficial e, por fim, o temido relatório. Na surpresa dos

1 Trabalho apresentado na Regional da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) Sudeste I – "A psicanálise em formação: clínica, fronteiras e territórios" (novembro de 2018).

2 Do Instituto de Psicanálise do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas).

espaços que se expandem, segue o tempo. Entre esticadas, espremidas, renúncias, aquisições, risos, lágrimas e, sem dúvida, muito desejo, foi cabendo.

Assim iniciei o relatório de minha primeira supervisão oficial.

Mas, primeiramente, é importante sublinhar qual é a proposta do Instituto de Psicanálise do GEPCampinas para a escrita de um relatório de supervisão oficial. Uma proposta que nos causou (a nós, candidatas) uma inquietante estranheza, mas que se mostrou, ao final do árduo processo, uma experiência preciosa. A ideia era de um relatório, "relato", que demonstrasse as vicissitudes do processo analítico vivido pela dupla paciente-candidato e os movimentos vividos na supervisão, com o supervisor. Penso que *processo* poderia ser a palavra para definir a intenção de tal proposta; ao menos foi assim que eu a vivi. Processo esse que deveria ser demonstrado a partir de muito material clínico, pouca ou nenhuma teoria preestabelecida. Íntimo, visceral, impublicável.

O GEPCampinas é um grupo que tem por finalidade alcançar a condição de uma Sociedade de Psicanálise filiada à International Psychoanalytical Association (IPA). Somos, portanto, analistas em formação em uma sociedade em formação. Assim, temos em nosso instituto a presença marcante dos *sponsors*: analistas experientes de outros institutos que têm como função "representar a IPA", suas regras, código de ética e exigências.

Somos muito cuidadas no GEPCampinas, muito bem-acompanhadas, como todo primeiro filho desejado… Temos, no entanto, regras bastante firmes a seguir. Regras muito bem-vindas, no sentido de que organizam e trazem um norte, mas também que dificultam e às vezes enrijecem o tal processo. A supervisão oficial, no total de oitenta horas, inicia-se a partir do momento em que o paciente já está realizando as quatro sessões semanais. No meu caso, assim como no da maioria das colegas, exigiu investimento/aposta importante de nossa parte para viabilizar o atendimento.

Retorno ao meu relatório.

A sensação de que Marina não "cabe" em duas sessões, de que ela precisa de muito mais, me acompanha. Preciso de um paciente disposto a

vir quatro vezes por semana. Marina certamente tem demanda para isso, mas tem muitas limitações de horário e não tem condições financeiras para investir. Ainda assim, é a minha primeira aposta.

Proponho um trabalho de alta frequência para Marina. Digo que tenho um interesse pessoal em desenvolver um atendimento desse tipo, que me disponho, para viabilizá-lo, a reduzir os valores das sessões (o valor da sessão é dividido, aproximadamente, pela metade). Marina fica confusa, curiosa, extremamente surpresa, e aceita. "Rachamos a conta", e aí, penso que chego mais perto dela. Marina precisa saber que o outro aposta nela, que se importa e investe. Estas questões foram se confirmando no decorrer de nosso trabalho.

Nós nos viramos pelo avesso para encontrar quatro horários em comum. Fizemos "sacrifícios", segundo Marina, para encontrar e depois para manter e ajustar os horários sempre que necessário. Fomos, literalmente, obrigadas a expandir e a criar um espaço para que nosso encontro pudesse acontecer.

Claramente essa análise em "formação", de uma dupla em formação, já começa com uma marca muito diferente. O desejo da analista no *setting*, um claro interesse pessoal em fazer acontecer essa análise. A formação atravessa e invade o *setting*, traz um elemento a mais, um complicador, sem dúvida; mas, por outro lado, provavelmente eu nunca teria entrado nessa experiência, assim, desse jeito, se não houvesse a exigência, se não houvesse a instituição, se não houvesse minha cara supervisora, cuidadosamente escolhida. Não fosse assim, provavelmente tivesse permanecido na – há um bom tempo conhecida e relativamente cômoda – posição de psicoterapeuta psicanalítica. Confesso que tinha muitas dúvidas quanto à importância/diferença das análises realizadas quatro vezes por semana.

Trago a seguir um pequeno trecho de meu relatório que retrata um momento em que a exigência da manutenção das quatro sessões semanais atravessou de maneira intensa esse processo analítico. Essa situação ocorreu após um período de importantes realizações e aquisições na vida de Marina, período em que eu me sentia empolgada com nosso trabalho. A análise de alta frequência parecia fazer todo o sentido: o encontro, a

intensidade, as sensações e imagens que iam surgindo dentro de mim e que eu podia usar para estar mais próxima de Marina. Em me encantei com o processo da análise, com a supervisão, com a formação, com a psicanálise.

Talvez por conta do encantamento não vi o furacão se aproximando… Talvez por conta do encantamento o furacão pôde se aproximar. Marina chega sugerindo uma diminuição de sessões. A situação crítica na sua vida profissional, que vinha causando grande angústia e tomando bom tempo de nossas sessões, tinha se resolvido com sucesso. Agora tinha muito mais trabalho para fazer, horários pesados, carga horária aumentada, e tantas outras razões.

Neste momento me atrapalho. Pesa sobre mim a "necessidade" de mantê-la ali: o "paciente oficial", a formação, a instituição, as cobranças, o medo. Penso que, naquele breve momento, deixei de ver Marina. Meu olhar para ela se interrompeu e foi para outro lugar. Não tinha mais a ver com as necessidades dela, mas, sim, com as minhas. É claro que esta leitura foi sendo construída com o tempo, e não naquele momento, no meio da tempestade, tentando sobreviver.

Foi um período bastante conturbado, tive muita dificuldade para escrever as sessões; os registros desse período são poucos e confusos, embora as supervisões tenham sido muitas. Marina ficou bastante brava e ressentida. Sentiu-se profundamente atacada. Como se ao insistir nas quatro sessões por semana, eu estivesse desconsiderando seu esforço em estar lá. Tornei-me, para ela, uma pessoa exigente e insaciável.

Sobrevivemos a duríssimas penas. Vivemos sessões muito difíceis. Tínhamos um vínculo forte construído, que quase não resistiu. Mas curiosamente a imposição do "de fora", "do meu" (é claro que não posso responsabilizar apenas a exigência da formação), que quase colocou "tudo a perder", talvez tenha propiciado o momento mais precioso desse processo.

A reação de Marina à minha "falha" foi intensa. Pude identificar algumas palavras minhas na fala dela, mas não o sentido ou o tom de ódio que ela atribuía a mim. Em um primeiro momento, me assustei. Fui, no

entanto, percebendo que estávamos lidando com uma dor intensa de alguém que se sentiu imensamente desatendida por alguém em que havia depositado uma grande confiança.

Foi um momento de grande dificuldade, levando-me a recorrer ainda mais à minha própria análise e a aumentar a frequência das supervisões. Com a ajuda da análise, fui reconhecendo e dolorosamente trabalhando questões importantes dentro de mim. Com a ajuda da supervisão, percebi que entrei com Marina em um campo traumático importante em nossa intensa relação, um momento precioso, a revivência de um trauma, sabe-se lá de quando, mas vivido no aqui e agora da análise.

Marina sobrevive fazendo um grande esforço para suportar a minha impossibilidade de adaptação perfeita às suas necessidades. Ela me percebe, com muita dor, a princípio, mas depois com certo alívio, como uma pessoa menos idealizada, nem tão boa, nem tão má. Paralelamente a isso, resgatou memórias afetivas de um período muito precoce da vida. Memórias de uma mãe muito jovem, afetiva, porém muitas vezes indisponível. Lembranças de si, uma menininha extremamente exigida, com responsabilidades muito maiores do que deveria ter que sustentar.

Instigante pensar nesse *estranho* que se intromete onde não é chamado, ou assim queremos supor. Estranho que chega e tira tudo do lugar, lugar de um "pseudo" conforto por tantas vezes saturado. Penso em seguida que fui eu quem o convidou a entrar, a escolha da formação em psicanálise foi somente minha.

Marina viveu na análise a entrada de algo estranho às nossas sessões (estranho a nós duas), mas penso que foi a partir desse processo que vivemos juntas na transferência, que pudemos resgatar preciosas vivências estranhamente familiares de sua própria história.

Referências

Ballint, M. (1969). Trauma and object relationship. *Int. J. Psychoanal., 50*, 429-435.

Bion, W. R. (1962). *Learning from experience* (Caps. 7 e 12). Londres: Karnac.

Hartke, R. (2005). A situação traumática básica na relação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise, 39*(1), 39-58.

Marucco, N. C. (2006). Actualización del concepto del trauma en la clínica analítica. *Revista de Psicoanálisis, 63*(1), 9-19, Buenos Aires.

Marucco, N. C. (2007). Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise, 41*(1), 121-136.

Ogden, T. H. (2013). *Reverie e interpretação*: *captando algo do humano.* São Paulo: Escuta.

Winnicott, D. W. (1975). O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família e O medo do colapso (*Breakdown*). In C. Winnicott et al. (Orgs.), *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas.

Débora Berger

deboraunik@gmail.com

O estranho na escrita

CONSTRUÇÕES VI, 189-196. 2019

O estranho ato de escrever em psicanálise

Recordar – Repetir – Elaborar

Ignácio A. Paim Filho,[1] Porto Alegre

Prioridade e originalidade não se incluem entre as metas
do trabalho psicanalítico. (Freud, 1920/2004b)

O que se pode fazer num dia ou num tempo em que os pensamentos
falham e as palavras não querem fluir?
(Freud a Pfister, 1910/1998)

Escrever em psicanálise é sempre um grande desafio. Somos herdeiros de um modelo identificatório empenhado com a escrita. Processo comprometido com a meta de legitimar a psicanálise como uma ciência propulsora e produtora de conhecimento, desde Freud até nosso tempo. Modelo que propicia o estímulo para escrever mas, ao mesmo tempo, inibe – trânsito entre os ideais – percurso da idealização à sublimação, entre identificações e desidentificações: ser como e não ter como ele – tarefa árdua, que se faz sob o comando das repetições – em meio a constantes estranhamentos. Processo que consiste na necessidade de desenvolver um intenso trabalho analítico que permita abrir mão da fantasia narcísica de *prioridade e originalidade*. A instauração do parricídio simbólico: **no princípio foi o ato**.

Buscando fazer jus a esta proposição, mesmo temendo o *não fluir das palavras e a falha no pensamento,* convido-os para me acompanharem por um conciso roteiro. Este começou a ser rascunhado quanto me reencontrei com o curioso e intrigante retorno de Freud (1907/1982a) ao livreiro Hugo Heller, quando de seu pedido da indicação de dez bons livros.

1 Psicanalista, membro titular e didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), diretor cientifico da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) 2018/2019. Autor do livro *Inconfidências metapsicológicas: Das Unheimliche* (Sulina, 2019).

Recordo que em sua resposta disse que iria relacionar os "bons", não os maiores, nem os mais importantes, nem os seus favoritos. Seguindo essa inferência, enumerou-os no que concerne à relação que se estabelece com bons amigos. Aqueles a quem se deve uma parcela do conhecimento que temos da vida, da filosofia, que fruímos em sua companhia e cuja leitura temos prazer em indicar, sem estarmos submetidos a um temor reverencial.

Abastecido por essa breve história ouso fazer uma ligação com o processo da escrita. Parto da ideia da importância de termos "bons amigos", quer seja como leitores, ou ainda, como é o nosso caso, potenciais escritores. Sim, a grata satisfação de nos fazermos acompanhar por estes, que possibilitam o usufruir de suas narrativas. Nesse contexto, tomo como referência a conexão que temos com nossos autores preferidos – o poder de escolha do inconsciente em cena. Estes que assumimos como interlocutores, quando da construção de nossas narrativas. Quero crer que Freud possa ser um bom amigo. Mesmo que esteja no rol dos maiores, dos mais importantes e, principalmente, dos meus favoritos. Pois com ele conheci uma parcela da vida – o processo de análise – e da minha capacidade de arriscar-me a filosofar – escrever e publicar.

Compreendo que esses adjetivos superlativos devam e possam ser ressignificados; para tal, nada melhor do que a própria história de Freud e sua afinidade com a escrita e a criação da psicanálise. Aquele que se intitulou, em 1900, "um conquistador e um aventureiro – com toda a curiosidade, ousadia e tenacidade que são características de um homem dessa espécie" (Freud, 1900/1986, p. 399); em 1920, quando encerra "Além do princípio do prazer", citando Rückert, registra, como uma espécie de recomendação aos que escrevem em psicanálise: "O que não podemos alcançar voando, devemos alcançar claudicando… não é pecado claudicar" (Freud, 1920/2004b, p. 239), ou ainda, em 1926, assinala que "estamos apenas no início. Sou apenas um iniciador" (Freud, 1926/1990, p. 125). Eu me autorizo a dizer: um instigador de descobrimentos. Amostras que podem fornecer um amparo para nossas especulações como jovens escritores – sem medo de mancar –, reconhecimento da dívida simbólica com nossa origem, possibilidade de reverenciar sem temer. Sendo um *quantum* inconfidente, penso diferentemente de Freud, pois nossos autores favoritos

podem e devem ser bons amigos, e mais, talvez para ganhar tal atributo seja imprescindível esta qualificação: acontecer do *filicídio estruturante* (Paim Filho & Borges, 2017),[2] aquele que decorre de uma adequada função interditora do casal parental, que dá a conhecer a castração, à qual todos estamos submetidos, com seu efeito libertador, que cria as condições para o parricídio estruturante – **surge o verbo**.

Assim, observemos por quais caminhos posso referendar minha proposição: Freud, um bom amigo, para me acompanhar nas aventuras do escrever em psicanálise – afinal, *estamos apenas no início*. O estranho que ele comporta, com seus pensamentos inconfidentes,[3] como disparador para avançar rumo ao desconhecido – *descobrir continentes* (Freud, 1926/1990, p. 125).

Com isso em mente, adoto como estímulo a temática do estranho, objeto de estudo do presente livro. Este que conversa, em particular, sobre os estranhamentos na formação. Confidências que corroboram o lugar de relevância do exercício da escrita no processo da constituição do analista – ensejo promissor para a integração do tripé da formação. Contexto gerador de múltiplas sensações, que conduzem a pensar na estética e em seu vínculo com o escrever. Essa que Freud propõe seja percebida pela *qualidade do sentir*. Sentir que vá além das questões do belo, sensibilidades que desacomodam percepções. Convite para deixar-se tocar pelo inquietante, pelo que está mais

2 Os autores trabalham a temática do filicídio no livro: *Sobre o filicídio: uma introdução*. Neste abordam suas várias facetas, destacando entre elas suas três variações: o *filicídio alienante*, estar prisioneiro aos mandatos parentais – identificações primárias – e seguir sendo o seu duplo, aquele que está impossibilitado de denunciar a passagem do tempo, tendo de seguir sendo a "sua majestade, o bebê"; o *filicídio em ato*, o assassinato do corpo biológico, do corpo pulsional e da alma; e o *filicídio estruturante*, decorrente da inscrição simbólica da castração, assassinato parcial da criança majestosa – processo de desidentificação – advir da criança terrorífica, aquela que dá a reconhecer aos pais a castração.

3 A temática do ser inconfidente, como um possível conceito, é trabalhada pelo autor em Paim Filho (2019b). Nesse ensaio, elabora, atravessado por repetições e recordações, a ideia de que o pensar freudiano é permeado por vários movimentos de ruptura – inconfidências – com seu próprio pensar. Movimentos que têm na virada de 1920 seu maior representante – a estética do estranho ampliando sua sensorialidade – a destituição do poder absoluto, na vida psíquica, do princípio do prazer. A pulsão de destruição reescrevendo a metapsicologia e seus desdobramentos na técnica psicanalítica.

aquém da palavra, por um conhecido que traz consigo *algo* de desconhecido. *Algo* que me induz a refletir no pulsional. Na intensidade da pulsão de morte e de sua potencialidade criativa: *o assustadoramente belo*.

Como pensar na pulsão de morte, que é da ordem do inapreensível, como também do irrepresentável, e apreendê-la no ato da escrita? Muito estranho, apelo que aciona a imaginação. Vejamos o que temos de familiar e de não familiar para formular uma provável resposta a essa enigmática interrogação.

Antes de nos reportarmos a essa questão, um assinalamento. Em toda a escrita está implicada uma sensação de sofrimento: angústia diante da tela em branco – *O que se pode fazer num dia, ou num tempo*. Tal afirmação vai ao encontro da pergunta freudiana, epígrafe de nosso texto. Freud, em relação a essa indagação, segue dizendo: "*Não consigo livrar-me de um tremor diante dessa possibilidade*" (1910/1998, p. 49). Entretanto, sua produção textual, até o fim da vida, vai comprovar que o problema não é o tremor, mas aquilo que fazemos com ele. Estímulo para utilizar a escrita como um processo de elaboração?[4] Esse panorama me conduz a especular sobre o masoquismo e suas vicissitudes no escrever, no seu trâmite entre o *recordar, o repetir e o elaborar* (Freud, 1914/1969g). Lembrando que a experiência de dor é diferenciadora, enquanto a de satisfação é indiferenciadora. A primeira induz ao trabalho, via pensamento; a segunda leva à descarga com o mínimo de trabalho, desejar igual a realizar.

Nosso autor primordial é um bom exemplo do uso da escrita como forma de elaboração da dor psíquica, o uso desta como coadjutor, e não como adversário. Por exemplo, a construção de "A interpretação dos sonhos" (Freud, 1900/1969b) como resultante do trabalho de luto pela morte do pai. Os textos metapsicológicos de 1915, como o seu complemento "Sobre a transitoriedade" (1916/2004e), decorrem, também, de suas inquietudes com o desenrolar da Primeira Guerra Mundial: filhos, genro e colegas psicanalistas na frente de batalha. "Além do princípio do prazer"

4 Nesse sentido, remeto o leitor a Paim Filho (2019a). Nesse artigo o autor trabalha o processo da escrita e a sua função de elaboração do sofrimento psíquico: "cura pela palavra escrita" (p. 225).

(1920/2004b), em meio à morte da filha Sofia. A descoberta do câncer na mandíbula, em 1923, e sua relação com a prótese, a qual ele chamava *o monstro,* e o trabalho de 1924, "O problema econômico do masoquismo". A partir dessa data Freud nunca mais proferiu conferências – a dor de não ter o olhar direto do outro – a forma de comunicação de sua produção científica estabelecer-se-á exclusivamente pela palavra escrita.

Assinalo, igualmente, que as turbulências da clínica e a cultura sempre foram geradoras de descompasso psíquico – o Homem dos Lobos e a ominosa compulsão à repetição e suas implicações no *Das Unheimliche* – experiências de dor que instigaram Freud a ir além da cura pela palavra falada: ir em busca de sua materialização na peculiar subjetividade do escrito psicanalítico – "afinal de contas as palavras de um escritor são atos" (Freud, 1935/1982b). Atos que devem deslizar entre representação de coisa e de palavra, que fazem da representação de objeto nascente de possíveis metáforas: **o verbo fez-se carne**.

Portanto, compreendo a dor como trampolim para sobrepujar o inevitável da morte. Dor que sinaliza para o humano a transitoriedade. Abertura para refletirmos sobre a dor que protege – revelando e encobrindo o desamparo. Aquela que convoca a ampliar o universo das representações, o masoquismo erótico, o trabalho do luto. E dor tanática, denunciando o desamparo sem fronteiras do *masoquismo narcotizante*. Essa que não cumpre a função de indicador para o processo de repetir para recordar e, por fim, elaborar. Nesse palco não erótico não há produção textual, há a paralisia do pensamento, ou, na melhor das hipóteses, uma *criação-catarse* (Paim Filho & Frizzo, 2014).

Ao me reportar à problemática do masoquismo, faço isso pelo caminho que o referenda como um quinto destino pulsional, nos moldes trabalhados por Paim Filho e Terra Machado (2018). Essa proposição tem no masoquismo primário a matriz fundante da psique. A partir dessa teremos dois grandes destinos, um narcotizante – tanático – e outro estruturante – protetor. É do protetor que me ocuparei, para legitimar a escrita como um destino sinistro deste. Tal masoquismo, representado pelo *tremor*, ou ainda pela angústia do não saber o que vamos produzir diante da folha em

branco, traduz a estranha expectativa do escritor diante de seu desejo de escrever. Desejo decorrente da assimetria pulsional, estabelecido entre a força disruptiva do masoquismo e a força conjuntiva do narcisismo, território do "*irrequieto Eros*" (Freud, 1923/2007, p. 66). Esse "entre" – com sua tensão figurativa – se trata da fonte da criação, do tempo de instalação do processo sublimatório, com sua perspicaz vocação para o ocorrer da alteridade. Intervalo que revela o trabalho das pulsões. Trabalho que faz cada autor partir em busca de vocábulos, que circulem entre acalmar as demandas e, ao mesmo tempo, provocar novas demandas. A palavra em sua eterna busca de captar as não palavras do inconsciente, as representações de coisas com suas múltiplas possibilidades de combinações – a eterna "'magia' das palavras" (Freud, 1905/1969f, p. 276). Os neologismos dos poetas e/ou dos pensadores como um recurso para propor novas rotas para o não figurável – criar ou, quem sabe, recriar sentidos latentes: *Ignorãça*/*Os delimites da palavra* (Barros, 2016).

Assim, recordo uma frase do meu autor predileto, na abertura de "O eu e o id" (Freud, 1923/2007), ao tocar na problemática pulsional lançada em 1920, quanto à importância de deixar uma ideia, por vezes, em suspenso – "benevolente curiosidade" – até que possamos melhor desenvolvê-la: "era preciso primeiro deixar-lhes voo livre, mantendo presente elas em atitude de benevolente curiosidade, como observando até onde chegava sua amplitude" (Freud, 1923/2007, p. 27).

A relevância, para *criação-criativa* (Paim Filho & Frizzo, 2014) na escrita, do *voo livre, de* respeitar a misteriosa temporalidade do inconsciente. Aquele que manifesta sempre de maneira acidental, com suas confidências indiscretas, desacomodando o conhecido, em prol da reconstrução e da construção de novas possibilidades para pensar a psicanálise e o ser psicanalista. A escrita psicanalítica perpetuando a história, na sinistra dialética do *a posteriori*.

Note-se que vinte anos depois Freud retoma o tema da *curiosidade* (por quê) e sua importância no processo de produção de ideias, bem como seus desdobramentos na escrita: fluxo fértil entre *tenacidade e benevolência*. Requisitos necessários para arriscar-se no universo *infamiliar* da palavra impressa?

Finalizando, reafirmo que ter "bons amigos" como interlocutores, em especial nossos escritores favoritos, é uma bela oportunidade de fazer desse diálogo um encontro, que permita ao *des*conhecido que nos habita encontrar uma morada simbólica, no estranho ato de escrever. Por esse percurso, assinalo as misteriosas e fascinantes palavras da escritora criativa Clarice Lispector, como um estímulo a divagações – *as entrelinhas* – transpondo os limites do nosso saber – *Ignorãça*:

> Mas se que há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.
>
> Então, o escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: palavra pescando o que não é palavra.
>
> Quando essa palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu.

Referências

Barros, M. (2016). *O livro das ignorãças.* Rio de Janeiro: Alfaguara.

Freud, S. (1969a). A história de uma neurose infantil. In S Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 13--152). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918 [1914]).

Freud, S. (1969b). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4, pp. 246--269), Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1969c). Conferência XXVII: transferência. In S Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 503-521). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917 [1916-1917])

Freud, S. (1969d). O estranho. In S Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 273-314). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (1969e). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 147-159). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)

Freud, S. (1969f) Tratamento psíquico (ou anímico). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 267--285). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (1969g). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Escritos da psicologia do inconsciente de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1969h) Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Escritos da psicologia do inconsciente de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 345-348). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916 [1915])

Freud, S. (1982a). Carta a H. Heller. In E. Freud (Org.), *Correspondências de amor e outras cartas (1973-1939)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1907)

Freud, S. (1982b) Carta a Thomas Mann. In E. Freud (Org.), *Sigmund Freud: correspondências de amor e outras cartas (1973-1939)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1935)

Freud, S. (1986) Carta a Fliess. In J. M. Masson (Org.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1990). O valor da vida: uma entrevista rara de Freud. In P. C. Souza (Org.), *Sigmund Freud & o Gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1998). Carta a Pfister. In E. Freud e H. Meng (Org.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939).* Viçosa: Ultimato. (Trabalho original escrito em 1910)

Freud, S. (2004a). À guisa de introdução ao narcisismo. In In S. Freud, *Escritos da psicologia do inconsciente de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (2004b). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Escritos da psicologia do inconsciente de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (2004c). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Escritos da psicologia do inconsciente de Sigmund Freud 1923-1938* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)

Freud, S. (2007). O eu e o id. In S. Freud, *Escritos da psicologia do inconsciente de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 27-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Lispector, C. (1984). A pesca milagrosa. In C. Lispector, *Para não esquecer*. São Paulo: Ática.

Paim Filho, I. A., & Borges, G. (2017). *Sobre o filicídio: uma introdução.* Porto Alegre: Sulina.

Paim Filho, I. A., & Frizzo, P. (2014). O pulsar da pulsão e os enigmas da criação (pp. 205-218). In I. A. Paim Filho, *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte.* Porto Alegre: Movimento.

Paim Filho, I. A. (2019a) *Freud, o escritor de cartas*: da comunicação virtual à virtualidade da comunicação (pp. 219-229). In I. A. Paim Filho, *Inconfidências metapsicológicas – Das Unheimliche.* Porto Alegre: Sulina.

Paim Filho, I. A. (2019b). *Freud: um pensador inconfidente e seus estranhos pensamentos. In* Febrapsi Notícias, 61, Rio de Janeiro.

Ignácio A. Paim Filho

paimiga@terra.com.br

Construções VI
Convite à escrita

Catherine Lapolli

Tesoureira ABC (Biênio 2008-2009). Candidata da SPPel

Caros colegas, mãos à obra, e à pena!

Escrever é parte da nossa "alfabetização" como analistas, afinal, escrever é uma forma de pensar, é desfrutar de uma "casa do ser", como diria Mirza, é transformar, na leitura de Bion. Escrever nos aproxima do inconsciente, nosso e dos nossos pacientes, e dos mestres convidados a permear nosso discurso, transformados em parceiros de nossas produções. A escrita avança onde a fala parou, onde o silêncio se fez ouvir, sustenta o momento analítico, o passada, cria o que não pode ser vivido, expõe as dores e oferece um "outro acolhedor", seja o papel ou o fantasiado leitor. Ao compartilhar alfarrábios, encontramos colegas que não encontraríamos de outro modo, colegas candidatos, colegas como Freud e Ogden, que se dedicaram tanto ao "estado de escrita", e diminuímos nosso desamparo. Aproveito ainda esta "tela" para deixar registrado por escrito um beijo muito especial para Denise Bystronski, colega que rascunhou e nos legou nosso querido caderno *Construções*, com o desejo de que ela e ele sigam nossos sábios companheiros por muito tempo, nos unindo sempre.

Ignácio Paim Filho

Membro titular e didata da SBPdePA. Diretor científico da Febrapsi – 2018/2019

"tenho que estar me sentindo um pouco mal para escrever bem" (Freud, 1899).

O exercício da escrita é elemento essencial na "formação terminável e interminável da identidade do analista. Nesse sentido, o escrever tem a função de dar novos destinos ao pensamento, esse que tem suas origens nas reativações das imagens mnêmicas do inconsciente. Por outro lado, seu par complementar, o publicar é um convite para compartilhar ideias, momento de romper com nossas muralhas narcísicas, acompanhados de uma boa dose de criminalidade. Destinos de relevância para a transmissão da psicanálise: o desejo em um movimento sublimatório. Esta próxima edição do livro *Construções VI* "O Estranho na formação: confidências" vem para materializar tal proposição. Confidências que provocam inconfidências – ousar-se fazer um pensador indiscreto – "con-vocação" para seguir a estranha recomendação

de Freud a seu amigo, o pastor Pfister. "A discrição é, portanto, incompatível com uma boa configuração de uma análise. A gente precisa tomar-se um mau sujeito, jogar-se fora, abandonar, trair, … Sem tal dose de criminalidade, não há produção correta" (Freud, 1910). Que sua produção seja fecunda – estar um pouco mal – como mola propulsora da criação.

Denise Zanin

Candidata da SBPRP

Este é um convite para Construções. Para o livro e para a vida. Porque escrever é um exercício de construir os próprios pensamentos e de encontrar palavras que comuniquem e contenham algo da experiência emocional viva; esta, essencialmente, não verbal. Assim, como na vida e na sessão analítica, ao pensar sobre a escrita psicanalítica, deparo-me com o problema de como criar condições para que comunicações ocorram e sejam alcançadas. O que posso dizer sobre o meu escrever? Tenho experiências suficientes para recorrer, intimamente, que me permitam lançar um olhar sobre isso? Em primeiro lugar, o óbvio: o meu texto precisa ser meu. Não consigo escrever um texto que não venha de minhas vivências, inquietações, desafios, investigações psicanalíticas. Também precisa se parecer com meu modo de fazer psicanálise, seguindo a observação da experiência. A teorização, como na clínica, vem num segundo momento. Todo texto é uma Confidência.

Keyla Vale

Membro do GEPG

A humanidade de escrever e acompanhar pessoas. Muito antes de sair, pensei: será que serão versos incrustrados de fita preta-rolante ou apenas palavras-amarelas-reunidas num papel em branco? Até este instante ainda não sei, e fico sem saber! E sigo. Ao longo de vários anos me questiono (não para saber, é claro) do que eu sempre senti falta em minha vida e depois do longo-tempo-estranha descobri. Percebo que a maior falta é do que chamei "Humanidade de escrever e acompanhar pessoas". Sim, é isso! Aprendi que existe uma simples e carinhosa forma em lidar com gentes: acompanhar simplesmente pela humanidade que há em estar perto por estar, sem memória sem desejo, sem reforma sem exigência, sem atestado, sem necessidade e sem desumanidade alguma. Perto destas gentes e escrevendo sobre elas, acompanhei a humanidade de várias mortes, de desajustes e muitos sofrimentos (coisas de gente, ora pois). E em cada uma delas, aprendi a enxergar um carinho não dito, despalavrado e, ao mesmo tempo, constante em

afetuosidade e segurança. Sempre esteve ali e era certo: bastava ir e por isso, só foi preciso chegar. E a humanidade é exatamente esta: estar sendo, sorrir querendo, revisitar sempre, amadurecendo. E quando alguém chega, na quietude do que se é, segue bem, vive o caminho e esquece a dureza do destino. E assim a gente vai e leva tudo: todo o colorido das plantas, o vento fresco da casa, o ajuste dos arranjos, o barulho dos pássaros e a serenidade dos que nos ficam. Assim escrevo.

Leonardo Siqueira Araújo

Presidente da IPSO (2017-2019)

Candidato em formação na SBPMG

Se, por um lado, escrever é algo que trabalha no sentido da castração – já que implica em realizar um teste de ideias e da percepção de nossas limitações – por outra talvez represente também a possibilidade mesma de sua resolução. Afinal, entrando em contato com nossos desejos e limitações e elaborando-os, podemos assim exercer alguma medida de liberdade. A conexão com nossa jornada na formação psicanalítica é inevitável. Que candidatos possam produzir conhecimento, inclusive e principalmente a respeito de sua complexa posição, pode ser no fim o motor do verdadeiro amadurecimento de nós mesmos e de nosso movimento.

Celso Gutfreind

Membro titular da SBPdePA

O quarto eixo?

A escrita é uma forma, senão a principal, por se valer das palavras, de encontrar representações para afetos e sentimentos Nesse sentido, confunde-se com a psicanálise que busca o mesmo. Lançar-se à escrita, tentá-la que é tudo o que podemos, nada deve em importância aos três eixos conhecidos da formação analítica.

Roosevelt Smeke Cassorla

Membro efetivo e analista didata da SBPSP e GEPCampinas

Sigourney Award 2017 (prêmio concedido pela IPA)

Nossas ideias, hipóteses, especulações, sonhos, intuições, necessitam validação da comunidade psicanalítica. Caso contraria corremos o risco de tornar verdadeiro algo autogerado, alucinado. Existe uma forca que nos impele a disseminar o que pensamos. No entanto, o encontro com o outro, movimenta nossos aspectos narcísicos, persecutórios. E ativa nossa capacidade reparatória. Quando pomos à prova o que pensamos intimamente desejamos que nossas ideias sejam aprovadas

e elogiadas. Se esses desejos forem muito intensos nossa criatividade será inibida. Escreveremos para agradar os outros. Não nos permitiremos publicar nossas dúvidas e questionamentos. Nunca ousaremos descobrir algo novo. Penso que escrever é FAZER LUTOS pelas nossas fantasias e desejos narcísicos. Por exemplo:

1. Lutos pelas coisas que não sabemos, que não poderemos saber, e que não será possível usar em nosso texto.
2. Lutos derivados das escolhas. Não temos como colocar no papel a profusão de odeias que vêm, em forma confusa, à nossa mente. Deixar que as coisas tomem forma, sem busca obsessiva, é importante, Isso equivale a uma oscilação PS<–>D adequada e espera pacienciosa pelo fato selecionado. Este nos obrigará a deixar de lado tudo aquilo que é demais naquele momento.
3. Luto pelo texto ideal que nunca será escrito, e aceitar o texto possível.

Se esses lutos forem suficientemente elaborados poderemos escrever aquele trabalho que temos condições naquele momento. Que, com os comentários dos pares, ou dos editores das revistas, poderão ser melhorados. A escrita por outro lado é uma das melhores formas de organizar nossos pensamentos e, dessa forma, apreendê-los e torná-los produtivos. Uma precondição importante para que isso seta possível: efetuar uma simbiose entre a cadeira e a bunda (SCB). Sentar-se frente ao computador, tentar, tentar de novo, abortar, começar de novo (não jogue fora os rascunhos), e continuar nesse processo, por semanas ou meses, até que o produto tome forma. Depois virá o acabamento, a parte mais agradável, onde podemos tornar o texto bonito, para nós. Se estamos preocupados com padrões de beleza externo faremos cirurgias plásticas em que o texto não terá nossa cara. Logo será feio. Insisto: não esquecer da SCB. Se você estiver fora de C, escreve as ideias que vêm à mente. Leve com você, sempre, papel e lápis (ou celular). Depois copie nas folhas do texto quando você efetuar SCB.

Juarez Guedes Cruz

Membro efetivo e analista didata da SPPA

Uma das melhores ajudas que tive a respeito da escrita, recebi do professor Charles Kiefer: "a gente escreve para saber o que quer escrever". Ou seja, só descobrirei o que queria dizer com o texto na medida em que vou elaborando o mesmo. É uma excelente recomendação, penso, para aqueles que acham que o texto deveria partir de uma ideia pronta ou quase pronta. Auxilia a colocar a mente naquele "estado de escrita" preconizado por Ogden.

Daniela Bormann Vieira

Membro associado da SPRJ

O desenvolvimento da escrita psicanalítica é uma parte importante da formação. O livro Construções traz no seu conceito, o incentivo à escrita e proporciona a oportunidade de publicação. Como organizadora da última edição, posso afirmar que o resultado é muito bom! Os trabalhos têm sido consistentes, sensíveis, criativos, apontando para a excelente qualidade desta geração de analistas. O *Construções VI* os aguarda!

Carolina Henriques

Membro efetivo e analista didata da SPRPE

Caros colegas e futuros analistas. Escrever é um bicho de sete cabeças? É com imenso carinho que deixo aqui a minha visão, enquanto membro analista e didata, hoje – na função de diretora científica da SPRPE – para lembrar-lhes a importância em escrever seus trabalhos psicanalíticos e clínicos, nessa árdua trajetória da formação. Enquanto candidatos. Claro, serve também para todos os analistas visto que a nossa formação é permanente. Tarefa difícil, principalmente, escrever a clínica. Porém, nada mais criativo e instigaste ao pensamento psicanalítico. Desde Freud, assistimos analistas escrevendo. Escrevem bastante como pode ser visto através do espantoso número de revistas e livros que temos como legado de Freud, e dos pós-freudianos. É possível que esse número de publicações possa produzir no candidato, ou mesmo no analista, no mestrando ou doutorando, um assombro ao enfrentar o desafio de escrever. Por que não dizer até uma resistência, semelhante à que vivemos no cotidiano das nossas análises? Urge, portanto, quebrá-la, buscando sair do enredamento em que o nosso narcisismo nos engolfa, impedindo-nos de exercitar e expandir o universo de conhecimento que cada um de nós possui, nessa busca incessante deste caminho inacabado do saber de si e de se conhecer através da Psicanálise. Transitar pelo mundo da escrita psicanalítica estimula a criatividade e oferece a perpetuação dos desenvolvimentos metapsicológicos, dos postulados clínicos e teóricos freudianos. Sigamos o mestre e veremos que o nosso potencial criativo abranda a nossa severidade superegoica, diminuindo os nossos "bichos de sete cabeças".

Raquel Lopes Rios

Candidata da SBPMG

Penso que a escrita psicanalítica, assim como a posição depressiva, integra conhecimentos, teorias, emoções e experiências e transita entre estados estranhos e

caóticos para aqueles em que podem prevalecer as criativas e afetivas Construções, rumo ao encontro mais "inteiro" e verdadeiro com a alteridade.

Cláudia Aparecida Carneiro

Membro associado da SPB

Diretora de Publicações e Divulgação da Febrapsi – gestão 2018-2019

Vice-presidente da ABC – gestão 2004-2005

Podemos ver uma relação entre o exercício da escrita e o trabalho da dupla analítica. Da leitura e releitura das narrativas do paciente e de suas próprias, o analista segue o trabalho minucioso de considerar o que vem à mente e de lidar com as incertezas e possibilidades que se abrem para construir novas narrativas, novos sentidos que vão constituindo o tecido da análise. Assim também são as construções na escrita: uma gestação que não ocorre de ideias prontas, mas da espera de que surjam e se desenvolvam, tolerando o não-saber próprio da experiência psicanalítica. Ao escrever, o analista pratica a escuta da própria escuta.

Helder Pinheiro

Presidente ABC (Biênio 2016-2017)

Candidato da SPFOR

A escrita no processo de formação do psicanalista. Das inúmeras pontuações sobre a escrita psicanalítica, destaco duas: a escrita como aquisição do processo pessoal de formação (análise, supervisão, estudo e vivência no quarto eixo) e servir de exercício de castração. Enquanto criação do analista, a narrativa da escuta do "pathos psíquico" do paciente condensa parte da experiência vivida a cada atendimento e a esperança de transmissão a partir do recorte proposto.

Juliana Zamboneti

Candidata do GPC

Representante ABC

Escrever promove o encontro com o que há de mais genuíno em cada um de nós. Ao colocar em palavras sentimentos, pensamentos, se contempla uma possibilidade de transformação. O processo da escrita expõe a riscos, ao novo, mas uma vez alcançado, propicia satisfação. A escrita pode ser um importante estímulo para o desenvolvimento pessoal e da própria Formação.

Maristela Bittencourt Nogueira

Candidata da SPMS

"Escrever é artesania. Eu sou procurado pelas palavras. Uso as palavras para compor meus silêncios". Manoel de Barros

Como disse o poeta, para compor meus silêncios! Silêncios esses compostos de emoções, lembranças, experiências e teorias adquiridas. Escrever é a organização interna dessa composição, que antes de se apresentar organizada na palavra escrita, em um texto ou artigo, se apresenta caoticamente em uma profusão de ideias e palavras soltas dentro do espaço da mente. No processo de criação de um texto sempre me pego pensando em Klein, afinal comprovo em mim mesma as posições que ela nos apresentou: tudo me parece, num primeiro momento, caótico e desorganizado, para depois se integrar em uma comunicação que faça sentida. O processo de criação da escrita é para mim uma necessidade da alma, com todo seu turbilhão de emoções e sentidos enquanto está sendo gestado até o prazer e orgulho ao vê-lo nascido.

Daniel Emídio

Analista didata do GEPG e da SPB

Penso que os escritos são assim, como germinações no tempo da chuva. Nas fendas, nas encostas, nos espaços ensolarados de todos os lugares. São, assim, filhos da natureza… natureza humana… filhos da nossa natureza psíquica ou emocional, querendo sair, crescer, tomar um rumo. O psicoterapeuta coloca-se em um ponto privilegiado de observação ao acompanhar os relatos das pessoas, ver-se neles, remetido a outros universos, tentativa séria de perceber a qualidade da experiência que está sendo trazida e vivida, guardando tudo na memória, quase sempre e somente na memória, memória que, muitas vezes, encarrega-se de reordenar os fatos, as cenas, os personagens, viajar no tempo por lugares remotos, até que contenha uma unidade mínima, um sentido, uma comunicação aproveitável. Penso que o mundo assim é recriado, torna-se próprio, pessoal, recuperador de vivências onde os mortos retomam a vida, os vivos são transformados, os bons e os maus são revistos nas suas qualidades, o belo e o feio superpõem seus espaços, o passado é revisitado e a sua reconstrução cria algo novo. É um ato procriador. Precisamos dele para que a morte nos pareça ludibriada. É preciso, então, escrever, não por obrigação, mas pelo incômodo criado pelo acúmulo de tantas vivências e memórias.

Cláudia Cristina Antonelli

IPSO Editor GEPCampinas (São Paulo), Brasil

Representante IPSO a OCAL

Mais que palavras, o testemunho escrito expande: nós, nosso pensamento, nossa clínica e nossa formação. Uma palavra vale por mil imagens; emoções e sensações. É o pensamento temporariamente capturado nas mãos do escritor. Muito além do ouro, um texto é um baú repleto do outro, e de si. Não deixe de construir o seu, em *Construções VI*.

José Francisco Rotta Pereira

Membro Titular na função didática da SPPel

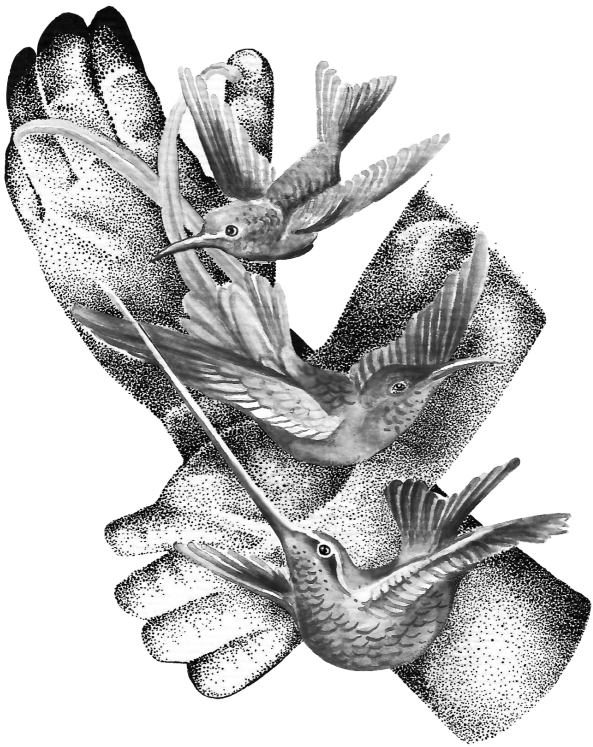
Atual Diretor do Instituto Sérgio Abuchaim da SPPel

Em Leituras Criativas, Thomas Ogden disse que há autores que escrevem o que pensam e outros que pensam o que escrevem. Falou de duas formas de escrita, uma mais sistemática e outra mais solta, sem leme e isso nos faz considerar que todo autor deve se dar o direito às duas vias. Ousar mostrar-se e se descobrir mais lúdico e atrevido.

Mãos dadas

Memorial dos Encontros Regionais

Experiências institucionais



CONSTRUÇÕES VI, 207-210. 2019

O estranho na formação da identidade

Escuta psicanalítica
Confidências

Jane Fabian,[1] Goiânia
Nilce Campos Costa,[2] Goiânia

O Encontro Regional de Candidatos ABC do Centro-Oeste, realizado nos dias 15 e 16 de junho de 2018 em Brasília, sediado pela Associação de Candidatos da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB), foi marcado por união, acolhimento, coragem e respeito às diferenças.

A atmosfera de confiança e de intimidade entre os candidatos permeou todo o encontro e a produção de trabalhos, proporcionando a construção de uma experiência ímpar, que veio contribuir com o enriquecimento da nossa formação e do movimento psicanalítico.

O evento foi iniciado com uma experiência estética que nos encantou com uma, de certa forma, estranha arte musical, a trilha sonora executada ao vivo pelo seu criador, o músico André Chayb, que ao dificultar o reconhecimento sonoro nos proporcionou uma vivência singular, o estranho familiar que retorna naquela diferente expressão estética.

A mesa de abertura do encontro contou com a presença da colega presidente da ABC, Cecília Cruvinel, da diretora do instituto da SPBSB, Sílvia Heimburger, de representantes das associações de candidatos – Marina Reifschneider (SPBSB), Angelita K. Borges (Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul – SPMS) e Nilce Campos Costa (Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia – GEPG) – e da representante Regional da ABC, Jane Fabian. Contamos com a recepção carinhosa da diretora do instituto da SPBSB –local-sede do evento – quando mais uma vez pudemos vivenciar

1 Psicóloga, analista em formação pelo Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG).

2 Professora Universitária/ UFG, analista em formação pelo Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG). Representante da ABC em Goiânia.

o *Unheimlich*, o estranho, o que deveria permanecer secreto, oculto, mas que apareceu na conversa fácil e, até certo ponto, lúdica, entre ela e o grupo de candidatos, em frases como a de Silvia ("Já tenho que ir embora?", " Na minha época era bem pior!"), ou como na fala da representante da ABC em Brasília, Marina Reifschneider ("Afinal não queremos uma espiã!").

Assim, pudemos expressar, de forma lúdica e bem-humorada, nossos medos, diferenças e preocupações.

Seguiu-se o compartilhar de experiências, demandas e angústias que vivemos durante a formação.

A candidata Nilce Campos Costa, representante do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia, trouxe as demandas dos colegas do seu instituto, principalmente quanto às angústias vividas por mudanças frequentes no regimento do instituto, a inseguranças e desafios vividos pelos candidatos e aos questionamentos quanto à rigidez de algumas regras, que muitas vezes parecem sobrepor-se e desamparar o candidato como indivíduo, com suas particularidades e dificuldades, ou seja, com sua singularidade.

A representante da SPMS, Angelita Borges, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, pôde compartilhar a dificuldade de contatar os colegas de sua sociedade para a participação nas reuniões da ACAN e nos eventos da ABC.

A candidata Marina Reifschneider, representante da ABC na SPBSB, apresentou o resultado de uma proposta de associação livre realizada entre os candidatos das três sociedades, sobre o tema "Pensando a formação", uma tentativa de nomear os sentimentos que emergem quando refletimos sobre a formação.

Na sequência, colegas das três sociedades apresentaram seus trabalhos referentes a formas diferentes de atendimento em psicanálise.

O estranho se mostra no uso da tecnologia, apresentado pelo candidato Segismar de Andrade Pereira (SPBSB), que compartilhou o uso de grupos temáticos no Facebook, assim como textos psicanalíticos, além de divulgar a formação de grupos terapêuticos, com uma proposta de escuta psicanalítica, em seu consultório. O colega demonstrou coragem e ousadia,

provocando, nos candidatos presentes, muitos questionamentos e trocas significativas.

A candidata Elisa Lanzarini (SPMS) compartilhou sua experiência no atendimento a distância por Skype, um trabalho cuidadoso e preocupado com uma postura ética.

A colega Joana B. Rodrigues (SPBSB) nos brindou com a apresentação de um caso clínico de atendimento *home care*, com uma escuta psicanalítica, experiência de acolhimento que mobilizou emoções compartilhadas pelos colegas presentes.

Nadja Oliveira (SPBSB) apresentou sua experiência como psicóloga hospitalar, mostrando a viabilidade e as possibilidades do fazer psicanalítico fora do consultório.

Jane Fabian (GEPG) trouxe um texto por meio do qual pôde desenvolver e dividir com o grupo reflexões a respeito do atendimento a distância. Ressaltou que a psicanálise, com mais de um século de existência, acompanhando as modificações que ocorrem em todas as áreas da ciência, vem sofrendo transformações. Essas transformações, como temos vivenciado, acontecem tanto na metapsicologia, na teoria, quanto na técnica e na prática clínica. Trouxe recortes da experiência de atendimento a distância por telefone e questionamentos como: "Quanto o atendimento a distância por telefone ou Skype afeta a essência do *setting*?".

Considerou viável a análise a distância como continuidade do processo analítico, quando não existir a possibilidade de análise presencial, cuidando para que a importância do *setting* não seja desvirtuada.

Tivemos a oportunidade de contar com a presença de queridos colegas de outras regiões, e de colegas da gestão anterior da ABC, como Helder Pinheiro, Joana Bandeira e outros, que tanto trabalharam e trabalham no quarto eixo da formação. Pudemos compartilhar inesquecíveis momentos de lazer e descontração em memoráveis almoços e jantares.

Fica na memória afetiva de todos os que participaram desse evento, principalmente, a gratidão pelo trabalho e pela recepção carinhosa e acolhedora dos colegas da SPBSB: Alexandre Pantoja, vice-presidente da ABC, Marina Reifschneider, Segismar de Andrade, Joana Rodrigues, Roniere

Amaral, Veridiana Guimarães, Nadja Oliveira e todos os candidatos do Instituto de Psicanálise da SPBSB que viabilizaram esse encontro.

Jane do Carmo Moura Fabian
jane.fabian@hotmail.com

Nilce Campos Costa
nilcecosta58@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 211-214. 2019

Inquietante formação
Forças e fragilidades da psicanálise no Nordeste

Helder Pinheiro,[1] Recife

Foi com uma calorosa recepção que tivemos o início do Encontro Regional de Candidatos do Nordeste. A Sociedade Psicanalítica do Recife (SPR-PE) foi a sede do evento, mas tivemos candidatos da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFor), da Sociedade Psicanalítica de Brasília (SPBSB) e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG).

A breve e incentivadora abertura do evento contou com a participação de Magda Passos (diretora do Instituto da SPR-PE), Alexandre Pantoja (vice-presidente da Associação Brasileira de Candidatos – ABC), Denise Alencar (tesoureira da ABC), Maria de Jesus (representante ABC/SPR-PE) e Walmy Silveira (representante ABC/SPFor).

De forma criativa, as atividades foram iniciadas em formato de grupos. Joana Bandeira e Maria de Jesus, ambas da SPR-PE, sustentaram uma discussão com o material criado nos grupos e intitulada "Construção, elaboração e ressignificação da formação psicanalítica".

Os participantes dos grupos receberam a orientação de representarem livremente o que esperavam vivenciar durante todo o dia. A atividade transcorreu em clima de descontração e favoreceu a exploração das potencialidades dos participantes.

Ao final da vivência, eles constataram o valor da rica experiência de verem as ligações inconscientes entre os trabalhos, que bordejavam o processo de desenvolvimento profissional e pessoal, partes componentes de um processo formativo, criativo e da potencialidade que um pensar grupal pode desempenhar na formação continuada do psicanalista.

Após a primeira atividade, fomos agraciados com um fraterno momento para um café. O intervalo serviu ao propósito de favorecer mais

1 Conselheiro da ABC para Região Nordeste.

trocas e familiarizações entre os entusiasmados participantes, criando uma ambiência de intimidade e sinergia.

Abastecidos de afetos e cordialidades, seguimos com as apresentações dos trabalhos: "O estranho na formação psicanalítica", de Helder Pinheiro (SPFOR), e "Facilidades e dificuldades em ser analista e psiquiatra", de Helena de Sá (SPR-PE). Nessa atividade obtivemos discussões em torno das agruras e dos ganhos alcançados no percurso do vir a ser psicanalista.

Anseios, fantasias, dificuldades e avanços foram aspectos tratados nesse momento, mas cabe destacar a discussão em torno dos efeitos que a vivência do quarto eixo produz, como um instrumento a mais e um diferencial importante na formação dos psicanalistas que escolheram um dos institutos ligados à International Psychoanalytical Association (IPA) para realizarem esse processo de vir a ser psicanalista.

Focalizar a importância e, paradoxalmente, as dificuldades vividas pelos candidatos do Nordeste em criar uma associação local foi o eixo do trabalho com Alexandre Pantoja (SPBSB), quando trouxe suas reflexões sobre o tema "Associação local e seus impactos na formação". Com base em suas experiências, Alexandre estimulou uma discussão em torno do assunto e mobilizou os candidatos a traçarem uma proposta de criação dessas associações, inexistentes no Nordeste.

Já era necessário outro intervalo, tempo de abastecer o corpo para outros mergulhos em temas significativos, quando foi oferecido um almoço na própria sede da SPR-PE. Uma outra oportunidade de fortalecimento de novos vínculos e ampliação de laços afetivos já conquistados; tudo isso regado a um farto e carinhoso banquete.

À tarde, retomamos as atividades, trabalhando uma mesa teórico-clínica em que Erbon Elbsocaierbe (SPFOR) apresentou seu trabalho, intitulado "Percurso e percalço na formação: um caso de psicossomática". Essa atividade possibilitou o exercício de escuta clínica em uma proposta de intervisão. Assim, nesse exercício de escuta horizontalizado, todos os participantes puderam trabalhar tal habilidade com base nos recortes expostos.

Na atividade "Conhecendo o candidato: vicissitudes em relatos pessoais", tivemos a estimulação de diversos candidatos ligados aos institutos

do Nordeste. Adriana Silveira (diretora de comunicação da ABC) foi a pessoa responsável por favorecer a visível participação ativa dos candidatos.

Ao apresentarem os modelos de formação de seus institutos e aprofundarem os questionamentos a respeito das diferenças e vicissitudes encontradas nos processos formais, os candidatos se sentiram instigados a trabalhar, também, as próprias limitações pessoas e a criação de alternativas para avançar sobre seus boicotes pessoais, a fim de articular a criação de associações locais e o fomento de atividades científicas entre os candidatos dessa região.

Finalizando as atividades científicas do encontro regional, Angélica Almada (SPFOR) apresentou suas reflexões sobre "O que seria uma 'formação suficientemente boa'?". Cabe ressaltar que essa atividade possibilitou um alinhavo das ideias e ações trabalhadas durante o evento e contou com a contribuição de todos os presentes.

Como fruto das atividades, tivemos: a propositura de encontros científicos entre candidatos, além do fomentado diretamente pela ABC; e o estudo da criação de uma proposta de associação regionalizada de candidatos para o Nordeste em vez de associações locais, a ser articulada pelos presentes, com a ajuda dos representantes de candidatos e do conselheiro da ABC.

Podemos sintetizar esse encontro regional de candidatos como um momento de aproximação das diferenças e semelhanças de projetos de formação do psicanalista no Nordeste. A vivência favoreceu o aflorar de estranhamentos e da busca de palavras capazes de representar, suficientemente bem, entendimentos a respeito do uso da psicanálise como técnica e teoria durante o estudo formal nos institutos localizados nessa região e ligados à IPA.

Finalizamos o dia de trabalho com, pelo menos, dois pontos bem estruturados. Fomos imbuídos de um espírito de fortalecimento dos laços culturais que nos aproximam regionalmente, bem como de apreensão da importância de transmitirmos a riqueza das nossas produções científicas, como psicanalistas em formação, para as outras sociedades psicanalíticas, ligadas ou não à IPA. Reconhecemos também a necessidade de

fortalecermos as ações dos candidatos do Nordeste com a criação de uma associação regional de candidatos. A esses importantes ganhos soma-se o de conhecermos novos e revermos velhos amigos.

Helder Pinheiro

helderpinheirojr@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 215-217. 2019

Encontro Regional da ABC – Sudeste I
Breve relato

Ana Lúcia dos Santos,[1] Ribeirão Preto

Não me iludo
Tudo permanecerá
Do jeito que tem sido
Transcorrendo
Transformando
Tempo e espaço navegando
Todos os sentidos…
(Tempo Rei – Gilberto Gil)

Este é um breve relato sobre os momentos que me pareceram relevantes no Encontro Regional da Associação Brasileira dos Candidatos (ABC), que ocorreu na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), nos dias 09 e 10 de novembro de 2018.

O evento foi organizado e realizado pela ABC, com representantes dos candidatos da ABC dos institutos da SBPRP, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), do Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC), do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas) e da Diretoria da Associação dos Membros Filiados do Instituto de Psicanálise de Ribeirão Preto (AMFIP).

O clima com que a diretoria da AMFIP recebeu o convite para sediar o Encontro Regional da ABC foi de muito entusiasmo e alegria, e sentimos que o mesmo ocorreu em relação às diretorias do nosso Instituto e da SBPRP, que imediatamente apoiaram a realização do evento.

1 Membro filiado do Instituto de Psicanálise de Ribeirão Preto e segunda-secretária da AMFIP.

Ao escrever este relato, eu me deparei com a curiosidade de pesquisar no dicionário de língua portuguesa a palavra *encontro* e colhi as seguintes definições:

1) Ato ou efeito de encontrar(-se). 2) Choque, geralmente violento, entre dois indivíduos ou duas coisas; embate, encontrão. 3) Ação ou efeito de descobrir algo. 4) Competição esportiva; disputa, duelo, luta. 5) Junção de pessoas ou coisas que se dirigem para o mesmo ponto ou se movem em sentido oposto.

A partir dessas definições e das experiências vividas no Encontro Regional, podemos pensar que o encontro comum a todos os participantes é a relação de cada candidato com a psicanálise, sofrendo o efeito simultâneo de se encontrar, consigo e com o outro, e se perturbar pelo choque provocado por esse encontro. Que encontro é esse? O que é psicanálise? O que é formação em psicanálise? E para tentarmos uma certa especificidade, o que é formação em psicanálise regida pelos preceitos da IPA?

Logicamente sabemos da complexidade das respostas a essas perguntas, mas talvez possamos apenas vislumbrar um pouco dos seus efeitos. Na tentativa de compartilharmos sobre as vibrações e vicissitudes da formação em psicanálise, organizamos o evento em torno do tema "Psicanálise em formação: clínica, fronteiras e territórios". Tentamos nos apresentar e conhecer um pouco das experiências vividas pelos candidatos nas instituições que abrangem a Região Sudeste.

Foi possível observar a dedicação, o cuidado e o empenho com que cada colega se preparou para a apresentação de breves relatos, divididos por temas, que abordaram: 1) A estrutura da formação das quatro instituições; 2) Relato de experiências sobre a clínica em formação e seus desafios contemporâneos; 3) Apresentação de trabalhos realizados por candidatos em instituições – A psicanálise além da clínica: fronteiras e territórios; 4) Apresentação sobre as instâncias ABC, Organización de Candidatos de América Latina (OCAL) e International Psychoanalytical Studies Organization (IPSO), que abrangem as organizações dos candidatos nos níveis nacional, latino-americano e internacional; e 5) Uma atividade prática

ocorrida no Instituto Figueiredo Ferraz (IFF) – "Quando a experiência estética faz parte da formação".

A sensação que tivemos foi a de que os participantes se sentiram estimulados pela complexidade de cada tema abordado, necessitando, inclusive, de mais tempo para debater. Como recomendação, sugerimos que os próximos eventos privilegiem, como tema, apenas um dos eixos de formação, destinando assim tempo maior para discussão em pequenos grupos, *aprofundamento* e *trocas de ideias.*

Gostaríamos ainda de destacar quão enriquecedores e necessários são os intercâmbios e as trocas de experiências entre os candidatos em formação. Com esse intuito, a Diretoria da AMFIP pensou e elaborou uma atividade no IFF, nos mesmos moldes daquela de que os membros filiados de Ribeirão Preto participam.

O IFF é um espaço concebido para a difusão de arte e cultura na cidade de Ribeirão Preto e região, promovendo discussões e debates sobre as mais importantes manifestações artísticas no cenário nacional e internacional. Em parceria com o Instituto de Psicanálise da SBPRP, tem realizado atividades de visitas orientadas pela equipe de arte-educadores e por grupos de membros filiados. Na ocasião, os visitantes são protagonistas da visita à exposição. Eles constroem suas próprias opiniões com base em enfoques temáticos sugeridos pelos arte-educadores, sempre em pequenos grupos, para que possam ter uma experiência real de interpretação das obras de arte da Coleção IFF, que se organiza por uma visão da história da arte e que tem como foco a arte contemporânea brasileira. Trata-se de uma atividade estimulante, aliando arte, cultura e psicanálise.

Este foi um apanhado do encontro, contudo sabemos que suas ressonâncias vão muito mais além do que fomos capazes de comunicar aqui. Agradecemos imensamente a todos os organizadores e participantes do evento, que construíram, em conjunto, momentos de confraternização e troca de ideias nesse fabuloso e perturbador percurso da formação em psicanálise.

Ana Lúcia dos Santos
analucia_santos@yahoo.com.br

CONSTRUÇÕES VI, 218-221. 2019

Regional ABC Sudeste II Rio/Minas
E o trem passou pelo rio

Carlos Eduardo Teixeira de Souza,[1] Rio de Janeiro

Estimulados pela participação nas ricas discussões do Regional de candidatos da ABC do Centro-Oeste, e talvez também pela proposta centrada no seu tema "Confidências", revelou-se a ideia para o tema do Regional Sudeste Rio-Minas: "Você banca a sua formação?".

Em 29 e 30 de março de 2019, aproveitaríamos ainda o calor de final do verão e início do outono no Rio de Janeiro para esquentar os debates com a ideia nada precisa contida em "bancar". Sustentar, financiar, ludibriar, apostar em jogos de azar… O que surgiria daí? O primeiro passo foi bancar a estranheza expressada por vários colegas após a sua divulgação.

Dificuldades nesse percurso? Claro: troca de dois representantes no meio do caminho, reuniões às segundas 21 horas, desencontros, divergências e muita tensão esperada, considerando que temos aqui no Rio de Janeiro uma trajetória de dissidências que acabou por gerar três sociedades ligadas à IPA num raio de menos de três quilômetros.

Foi diante desse quadro que contamos com a horizontal presença da direção da ABC para trocar conosco (a grande vantagem das representações de poder é contar com a proposta de vida societária proposta pelo modelo IPA) na organização do nosso Regional.

Como resultado tivemos um evento que, informalmente, começou com um passeio pelas estátuas de figuras célebres que nasceram aqui ou escolheram a cidade como morada. Daí surge a imagem de fundo das nossas divulgações: a estátua de Carlos Drummond de Andrade sentada num banco em frente à cosmopolita praia de Copacabana. Para o Regional Sudeste II, a companhia deste mineiro da interiorana Itabira, Minas Gerais,

1 Conselheiro da ABC para a Região Sudeste. Psicólogo, candidato da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, conselheiro do Sudeste para a ABC.

que veio para a cidade grande escrever num grande veículo de imprensa: O *Jornal do Brasil*.

Feito. Nós candidatos saímos de uma cidade pequena, que é nossa trajetória solitária no campo psi, para ingressar numa instituição que parte da regionalidade para alcançar o mundo por meio da IPA:

> O maior trem do mundo
> Leva a minha terra
> Para a Alemanha
> Para o Canadá
> Leva a minha terra
> Para o Japão…
> …
> o maior trem do mundo
> Transporta a coisa mínima do mundo
> Meu coração Itabirano…
> (Carlos Drummond de Andrade, 1984)

Interessante. Estátuas de personalidades (Otto Lara Resende, Chacrinha, Zózimo Barrozo do Amaral, Tom Jobim, Dorival Caymmi, Carlos Drummond de Andrade, Ibrahim Sued e Clarice Lispector) que nos remetem ao popular, ao erudito, ao superficial, ao elitista, ao datado, ao eterno. Todas expostas e coabitando o cotidiano intenso do Rio de Janeiro. Como os candidatos absortos na rotina não menos intensa da formação psicanalítica. Bancamos?

Para evitar o entendimento do "bancar" como "fazer-se de" (exemplo: "bancar o esperto"), vimos a necessidade de saber como tudo começou na primeira mesa do evento ouvindo a experiência daqueles que fizeram parte do início da ABC. Foi possível identificar o que repetimos e o que transformamos hoje, questionamentos que se apresentam como constantes e aqueles que possuem o signo do tempo que vivemos.

Ao lançarmos luz para o "bancar" como "sustentar", abrimos o sábado com a mesa sobre nossas representações de candidatos nos três níveis: nacional, sul-americano e mundial.

Como o trem de Drummond que parte da interiorana Itabira, vimos quanto seguimos como desbravadores de novas terras psicanalíticas a partir de nossa experiência local. Bancamos nesses níveis de representação a oportunidade de vivenciar a vida societária proposta pela IPA.

Por ser uma grande reunião de sociedades, a IPA se alimenta de intercâmbios, e as representações de candidatos são os espaços mais propensos para criar uma atmosfera favorável a trocas futuras, que permitirão uma transmissão da psicanálise sempre revigoradora, criativa e principalmente subversiva, como nos mostrou Freud.

Após nos localizarmos por meio dos representantes ABC, IPSO e OCAL, o clima ficou favorável para a vivência: "O que é bancar a sua formação?". Divididos em grupos, confeccionamos cartazes utilizando canetas coloridas, tintas e recortes. O resultado foi surpreendente. A liberdade de criar em grupo possibilitou que vários elementos envolvidos na formação surgissem sem o crivo por vezes defensivo da fala, alcançando assim um nível de aprofundamento que talvez não alcançássemos numa discussão tradicional.

Na mesa seguinte, ouvimos os relatos pessoais de quatro candidatos, um de cada sociedade envolvida no Regional Sudeste II: Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG).

A riqueza dessa mesa se fez pela possibilidade de observar e refletir sobre como a escolha da formação psicanalítica afeta todo o processo da vida pessoal do candidato: família, vida social, deslocamentos, estudo, dinheiro, companheiras, companheiros etc. Toda essa intensidade num momento da vida em que, independentemente da idade, todos já construíram um percurso profissional e pessoal.

Faltava destacar como o candidato banca os quatro eixos da formação. Para isso um trabalho sobre cada eixo foi apresentado (análise pessoal, supervisão, estudos e implicação do candidato na formação analítica).

O que poderia parecer um debate óbvio, pois o que os candidatos com mais frequência discutem nos encontros são os quatro eixos, principalmente o quarto, que diz respeito ao envolvimento participativo do

candidato na formação, não se confirmou. Os trabalhos sobre o quarto eixo mostraram quanto o crescimento das representações tem favorecido um avanço considerável no aprofundamento das reflexões.

E daqui para a frente? Essa reflexão fechou o evento num local de perspectiva desbravadora, oceânica: a praia do Leme. Aqui os candidatos puderam expor quanto o encontro favoreceu pensar o lugar de cada um na própria formação e se ele abriu caminhos para futuras transformações e despertou inquietações estimulantes.

Nesse relato, foi destacado um entendimento para 'bancar" que merece destaque. Ele se refere ao jogo de apostas. Em sua obra *Orientações para uma psicanálise contemporânea*, André Green expõe que o analista deve alterar o enquadre para determinados pacientes a fim de aumentar a margem de manobras do terapeuta. Isso pode implicar uma postura "sair ou dobrar", manter a situação analítica ou rearranjá-la para acessar pacientes com dificuldades de trabalhar dentro do enquadre analítico clássico.

Penso que, muitas vezes, o candidato, diante das dificuldades da formação, tem de bancar transformações na condução de sua postura na própria formação. São momentos muito difíceis e que, por vezes, exigem que este interfira em um ou mais eixos da formação para seguir seu percurso. Nesse momento, a horizontalidade oferecida pelo quarto eixo e suas representações de candidatos pode ser fundamental para a sua não deserção.

Celebramos o final do evento nos mantendo na praia para uma apresentação de samba, ritmo tão carioca que, assim como a psicanálise, se reinventa para se manter vivo.

Referências

Andrade, C. D. (1984). O maior trem do mundo. *Jornal "O Cometa Itabirano"*.

Carlos Eduardo Teixeira de Souza
souzacet@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 222-224. 2019

O candidato em ação:
Instituição, clínica e cultura

Bruna da Cunha Fernandes,[1] Porto Alegre

No dia 13 de abril de 2019, ocorreu em Porto Alegre o Encontro Regional da Associação Brasileira de Candidatos (ABC). A Região Sul conta com três sociedades: a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), que cordialmente sediou o evento; a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) e a Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel).

Em clima amistoso e integrador, os representantes da ABC de cada instituto, com os presidentes das associações de candidatos e a diretoria da ABC, organizaram as cinco mesas que compuseram o evento, em um belo sábado.

Após uma estimulante abertura, com apoio e incentivo transmitido aos presentes pelas diretoras dos Institutos Maria Lucrécia Zavaschi (SPPA) e Ane Marlise Port Rodrigues (SBPdePA), a presidente da ABC, Cecília Cruvinel, coordenou o início de um dia de trabalho repleto de reflexões sobre o desejo de ser analista em sua dimensão singular e, especialmente, como tema do nosso evento, na dimensão promovida pelo grupo: o quarto eixo.

A primeira mesa, "IPSO, OCAL e ABC: movimento dos candidatos em formação", contou com as respectivas representantes para apresentar aos colegas características, ações e benefícios de cada uma das filiações. Cabe aqui salientar que a Região Sul tem quase 100% de adesão a essas federadas.

Na segunda mesa, "Apresentação dos modelos de formação e características de cada Instituto", tivemos uma conversa fluida sobre nossas

1 Conselheira da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) da Região Sul. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Pós-Graduada em Geriatria e Gerontologia Interdisciplinar pelo Centro Universitário Metodista. Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA), à Federação Latino-Americana de Psicanálise (Fepal) e à Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi).

diferenças e semelhanças na formação. Foi um momento importante de discussão e troca entre os colegas dos diferentes Institutos.

Na terceira mesa, "O candidato em ação na clínica", três colegas apresentaram trabalhos intrigantes, trazendo os desafios da psicanálise na contemporaneidade. Nesse momento, pudemos exercitar nossa escuta com os trabalhos das colegas Fabiana Grass e Ana Oliveira. Foi pontuado, de forma geral, um duplo vértice: tradição e renovação na escuta analítica da atualidade e suas novas tecnologias.

Ainda nessa mesa, a colega Aline Rodrigues Wageck trouxe um trabalho estimulante sobre a identidade analítica que cada candidato precisa construir em sua formação. Na sua fala, convocou-nos a pensar sobre o seguinte questionamento: "Como candidatos, qual nosso papel e nossas atribuições diante das instituições e seus representantes, no que diz respeito à construção da identidade analítica?". Salientou ainda a importância da idealização, necessária no começo da formação, até a desidealização, compondo a ideia de modelos mais realistas.

Na quarta mesa, "A particip-ação no quarto eixo", as colegas dividiram com o grupo, de forma leve e afetiva, suas experiências. Contaram sobre a abertura sentida em algumas instâncias, em outras nem tanto. Sobre a necessidade de troca, os aprendizados inerentes à vida institucional e quanto isso contribui para a identidade analítica desenvolvida por cada um.

A colega Renata Manica trouxe um depoimento emocionante sobre suas vivências institucionais, experiências políticas, parcerias, desafios e entendimentos proporcionados pela sua ativa participação no quarto eixo. Salientou que os cargos que ocupou foram indispensáveis para a construção de sua identidade analítica sólida e consistente.

Além do incentivo da Renata à participação no quarto eixo e da apresentação dos benefícios dessa participação, houve o destaque, por Cecília Cruvinel, presidente da ABC, de que a participação se dá em diversos níveis e de que devemos estimular os colegas a encontrar a sua melhor forma de estar presente, ocupando cargos institucionais, trazendo pensamentos e questionamentos ou até mesmo como bons ouvintes.

Já se fazia presente um clima de intimidade e união promovido pela fala espontânea dos colegas quando a próxima convidada, Carolina Freitas, comentou que mudaria sua apresentação, deixando de lado o material estruturado que havia preparado para nos trazer um testemunho de uma história de amor, que teve origem na união de seus pais até os dias de hoje, em sua paixão pela psicanálise.

Na quinta e última mesa, "O candidato inserido na cultura", tivemos a oportunidade de escutar a experiência de três colegas que trouxeram relatos emocionantes de trabalhos que promoveram nossa escuta analítica para além da clínica. Esses projetos sociais são desafiadores, inquietam e desacomodam o pensar da realidade de cada um.

Após o encerramento das mesas, ficamos com o sentimento de que foi um dia de trabalho muito produtivo, em que temas envolventes, complexos e repletos de singularidade foram trazidos por todos os que puderam, de alguma forma, participar do nosso evento.

A importância do grupo, da fraternidade vivenciada no contexto da formação analítica nos faz pensar que, na prevalência da libido amorosa, todos ganham. Devemos buscar compreender no espaço íntimo de nossas análises o surgimento de rivalidades e condutas destrutivas, para que estas não prevaleçam e não ocupem o lugar importante do livre pensamento, do clima amistoso, da ética e do respeito às diferenças no convívio necessário às relações humanas.

Foi dessa maneira, com trocas de ideias, clima afetivo e momentos de confraternização que se deu nosso regional. Afinal de contas, além de teoria e técnica, é desse espaço construtivo e amoroso que depende o futuro da psicanálise.

Bruna da Cunha Fernandes
bruna_cfernandes@yahoo.com.br

CONSTRUÇÕES VI, 225-228. 2019

ABC escuta: o que fala a voz dos candidatos brasileiros?

Cecília Cruvinel,[1] Belo Horizonte

A Associação Brasileira de Candidatos (ABC) é a organização com função de representar todos os membros em formação psicanalítica no Brasil. Sua existência fez, em 2019, 27 anos. A reunião de candidatos em torno de uma organização dessa natureza surgiu entre os anos 1960 e 1970 com a criação da International Psychoanalitical Studies Organization (IPSO). No mundo, principalmente na Europa, a IPSO é a única organização existente. Temos acima hierarquicamente da ABC também a OCAL, organização que gere os candidatos de toda América Latina. No Brasil temos hoje 18 Federadas sendo 13 Sociedades e 5 Grupos de Estudos. São, portanto, 18 Institutos que oferecem a formação psicanalítica. Com esse vasto número, uma associação que possa representar os candidatos é uma consequência natural. Mas, afinal, por que existir uma associação exclusiva de candidatos? Entendo que diante do modelo hierárquico/vertical no qual a IPA é construída, não existe outra forma de representação se não a criação de um grupo exclusivo de candidatos para representá-los. A força de criação das organizações de candidatos, mundialmente falando, surgiu em decorrência de uma separação, que tinha muito mais vigor antigamente do que hoje, entre candidatos e membros. Foi o trabalho das organizações de candidatos que ajudou na abertura para uma relação um pouco mais horizontal e para a valorização do membro em formação como parte fundamental da existência da IPA.

Atualmente, apesar da estrutura ainda vertical da IPA, há uma consciência de que a psicanálise só crescerá e se manterá viva através da

1 Presidente da Associação Brasileira de Candidatos (2018-2019). Candidata em formação pelo Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG).

chegada de novos psicanalistas. Por isso, a importância dos candidatos é inquestionável. Além disso, entendo que os candidatos têm a árdua função de trazer o novo.

Em dois anos de gestão (2018-2019) entendi, enquanto presidente da ABC, que ela carrega uma função fundamental: trazer aos candidatos brasileiros uma característica peculiar da psicanálise oferecida pela IPA, a participação institucional. Em cinco regionais e um congresso nacional promovidos pela ABC percebi a avidez dos candidatos em localizar a psicanálise: tempo, espaço, cultura, limites e limitações. É o exercício do quarto-eixo da formação, a participação institucional, que promove tais discussões.

Afinal, o que, nesse período de gestão, eu escutei dos candidatos que a ABC representa? A historicidade da criação das organizações de candidatos explica muito o que ainda se sente: a sensação de estar de fora, a vontade de integrar mais as sociedades, o desejo de ser ouvido e atendido e, acima de tudo, respeitado enquanto profissional já formado. É importante lembrar que todos aqueles que iniciam sua formação psicanalítica são profissionais, formados, que, apesar de não terem concluído a formação psicanalítica, têm um histórico de vida profissional e de maturidade que é, por vezes, pouco aproveitado. A infantilização dos candidatos é um fenômeno ainda natural dentro das famílias institucionais.

Escutei, ainda, que a instituição fornece uma mensagem ambígua: de um lado ela entendeu a importância do candidato e luta por ele, por outro, é negado a ele diversos lugares que parecem naturais que ele ocupe. Pode ser que esse paradoxo seja próprio de qualquer vivência institucional, mas talvez seja resultado do modelo hierarquizado que a IPA tem instituído e que dá sinais de que precisa ser reavaliado.

O que o candidato brasileiro espera da IPA? Os institutos são o contato direto da IPA com os candidatos. A preocupação deles, muitas vezes, fica restrita em cumprir as normas, a grade de estudos, os estatutos e perde-se a oportunidade de construir, dentro do próprio modelo de formação, uma psicanálise mais atual, preparada para o contemporâneo. Acaba por ficar a cargo das organizações de candidatos promover tais reflexões. A formação psicanalítica da IPA é uma formação institucional, por que,

então, não estudar a importância institucional para a psicanálise dentro dos seminários? Entendo que é assim que a instituição poderá ser entendida pelo membro em formação como parte fundamental de seu processo de construção do ser analista, além de possibilitar ao candidato a busca de sua autonomia nesse movimento.

É importante ressaltar que a discussão do quarto-eixo da formação psicanalítica não deve ser algo restrito aos candidatos. Assim como o estudo da psicanálise acontece de forma continuada para os membros, o entendimento da vida institucional também o deve ser. Esse estudo traria informações que podem diluir resistências ao movimento dos candidatos. Esse movimento e suas organizações correm o risco de tornar uma construção endogâmica: candidatos falando para candidatos (e até mesmo psicanalistas falando para psicanalistas). É por meio do diálogo – não só entre os pares, mas entre candidatos e membros, e psicanalistas e outras áreas – que a verdadeira formação acontece.

A IPA, principalmente na gestão da Virgínia Ungar, tem aberto espaços importantes para os candidatos e valorizado de maneira efetiva sua participação. Esse movimento acaba por refletir na Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi). Hoje, a ABC tem cadeira reservada na Assembleia de Delegados Febrapsi que acontece semestralmente. Esse é sem dúvida um ganho importante.

Ao mesmo tempo, analisando os últimos 27 anos de ABC percebemos que de diretoria em diretoria, muitas demandas dos candidatos se repetem. Entendo que algumas mudanças não estão acontecendo. Alguns dos incômodos são: a nomenclatura oficial candidato gera confusão e mal estar; mudanças arbitrárias dentro de suas sociedades e institutos que não dão voz ao candidato em sua reunião da Comissão de Ensino; inflexibilidade nas normas de análise e de supervisão; a inexistência da regulamentação da licença maternidade para as mulheres (e por que não para os homens?); e o custo financeiro das análises.

Além disso, é impossível separar a psicanálise (e a clínica) da política. As organizações (e instituições) são, invariavelmente, políticas. O surgimento do Observatório Psicanalítico trouxe a possibilidade de discutir

algumas questões políticas em âmbito nacional. Mas não é necessário fazer isso dentro de suas Sociedades? Os eventos de candidatos são momentos ricos em discussões políticas, mostrando uma imprescindível demanda.

O que mais escutei nos eventos brasileiros de candidatos organizados pela ABC é a importância da criação de espaços que possibilitem o diálogo entre candidatos de diferentes lugares do Brasil. As regionalidades trazem particularidade que engrandecem a constituição do vir a ser psicanalista. As amizades criadas, os colegas adquiridos, as referências encontradas são privilégios que a ABC busca manter.

O que, por fim, entendi é que os candidatos brasileiros querem se integrar e esperam que a psicanálise possa se renovar. Se o candidato carrega o novo, então por que não escutá-lo?

A ABC escutou de seus associados que eles desejam espaço para individualidade e para criação. E isso somente acontecerá com a flexibilização dos espaços, com maior representatividade e com espaço de diálogo e de escuta.

É preciso, ainda, que o membro em formação seja responsável por seu processo de formação e pela construção de sua identidade analítica. É um sutil limiar entre se tornar analista e ser feito analista. É preciso ser sujeito de sua própria formação. O trabalho da ABC é, acima de tudo, representar o candidato brasileiro nos espaços necessários e construir um caminho para que ele possa ter consciência de que é responsável por sua própria formação.

Cecília Cruvinel
Presidente da ABC
ceciliacruvinelpsicologa@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 229-232. 2019

Aprendendo com minha experiência de pertencimento

Ximena Palabé,[1] Montevidéu

Tentarei transmitir por essas linhas algo da minha trajetória e participação na diretoria da Organização dos Psicanalistas em Formação da América Latina (OCAL). Surgem infinitas associações, tarefa difícil a de organizar e escolher, castração presente. Impossível que a experiência afetiva fique de fora deste relato que se impõe vivencial. Escrevo do lugar em que me encontro, como analista em formação, com os atravessamentos que carrega. A trajetória pela formação implica um processo singular, único.

Pertenço a um Instituto com uma história de participação ativa, com um modelo próprio reconhecido pela International Psychoanalytical Association (IPA), com uma estrutura extremamente integrativa para com os analistas em formação. Temos voz nas assembleias da associação, representantes nas comissões, escolhemos seminários, legado e história que nos marca, nos constitui, nos distancia de uma postura regressiva e infantil e nos dá essa identidade própria.

No meu caso, e como suponho é compartilhado por vários de nós, o desejo de ser psicanalista estava presente desde muito antes da postulação de ingresso no Instituto, múltiplas transferências postas em jogo desde tempos atrás. Desejo e trajetória muito caros para sustentar, enigmas e incertezas sempre presentes, mas a rota é altamente gratificante.

Um caminho que supõe um árduo trabalho de desidealizações que vão acontecendo durante o percurso, pertencimento institucional que requer esforço para não ficar fascinado, capturado. Implica sustentar um posicionamento crítico e analítico para ir encontrando esse pensamento próprio e, a partir daí, produzir, criar. Quão trabalhoso nos resulta durante a formação como psicanalistas, enquanto esse posicionamento está

1 Do Instituto Universitário de Pós-Graduação em Psicanálise da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU).

sendo consolidado e permanentemente construído, tolerar o vai e vem de ancoragens e desamparos.

Estão presentes múltiplos atores em cena, fortes transferências com supervisores, analistas, docentes, rivalidades fraternas circulam e nos condicionam, assim como a pluralidade de teorias. Cada um de nós vivencia, ressignifica e, com a análise pessoal presente, vai trilhando sua própria trajetória, em permanente entrecruzamento com o institucional.

Os começos na OCAL, um pouco da história pessoal…

Muito temos trocado em congressos e jornadas sobre o que chamamos a *quarta pata*, o quarto eixo, pilar fundamental da formação.

Em meu ingresso no Instituto fui acolhida por meus colegas com uma calorosa recepção, reunião tradicional que costumamos fazer todos os anos. Tornou-se uma espécie de ritual que acolhe, contém, gera pertença, convoca e chama à participação. Costumo envolver-me intensamente, por isso, desde o princípio, respondi a esse chamado.

Assim comecei a participar das reuniões de candidatos hoje denominadas grupo de analistas em formação do Instituto ao qual pertenço. Abracei e agarrei-me à sua importância, seguramente em busca de resguardo tranquilizador diante da mobilização dos inícios. Lá escutei pela primeira vez falar da Organização de Candidatos da América Latina – OCAL.

Na avidez de uma participação mais ativa, assumi a tarefa de representante da OCAL junto de outra colega. Assim o quarto eixo, junto ao tripé análise, supervisão e seminários, tornou-se mais figura que fundo, grande suporte e sustentação. Fui assumindo a tarefa e responsabilidade que implica representar outros, poder priorizar o que decide o coletivo, acatar as decisões da maioria, mesmo que implique não estar sempre totalmente de acordo.

Depois de um tempo de consolidação nessa tarefa, de troca com colegas, fui me aprofundando, conhecendo e descobrindo as operações institucionais da OCAL. Logo soubemos que o congresso da Fepal 2020 seria em Montevidéu e, portanto, a presidência da OCAL tinha de ser do nosso país. Alentada e impulsionada por muitos, embarquei nessa tarefa, porque sei que estou acompanhada e conto com o apoio de meus colegas conterrâneos.

Comecei a fazer parte desse grupo humano que é a OCAL, o que implica representar, agora para além de minhas fronteiras. Comecei a participar, em fevereiro de 2018, das reuniões por videoconferência da diretoria da OCAL 2016-2018, aprendi e enriqueci-me enormemente dessa experiência de trabalho coletivo.

Foram oito meses de trajetória conjunta, com acertos, erros, e quase sem me dar conta fui gestando ideias, pensando na tarefa e em como realizá-la na futura diretoria que estava sendo formada.

OCAL hoje [2]

Assumimos, no Congresso de Lima, o compromisso de representar os candidatos da América Latina como nova diretoria. Comecei outra caminhada, conhecendo os colegas, enquanto ia processando a separação da diretoria anterior, da qual timidamente me sentia um pouco parte.

A partir daí, enfrentamos o desafio de dois anos de trabalho, para continuar e preservar o legado que nos deixaram, as conquistas alcançadas, com o desejo de alcançar muitas outras. Para isso, a importância do trabalho em equipe como motor que nos guia, já que as organizações são feitas por todos os que pertencem a elas.

É nosso objetivo que a OCAL esteja presente como uma referência, seja motivadora e acompanhe tanto as conquistas quanto as adversidades. Interessa-nos propiciar um espaço para pensar, trocar experiências, compartilhar inquietações e questionamentos, espaço de encontro e da confraternização dos distintos institutos da América Latina. Favorecer trocas científicas e de experiências comuns orientadas à consolidação de uma identidade. Criar encontros de trabalho, apresentar produções teóricas e clínicas das diferentes regiões, em que se possa compartilhar o processo de transformação que vai se dando na nossa clínica a partir do transitar pela formação psicanalítica.

2 A atual diretoria OCAL 2018-2020 é integrada por Ximena Palabé (APU-Uruguai), Carmen María Maldonado (APG-México), Elisa Casaccia (APdeA-Paraguai), Elizabeth Orge (APU-Uruguai), Patricia V. da Silva (SBPRP-Brasil), Víctor Davico (Grupo de Estudio de San Luis Argentina), Alicia Ángeles (SPP-Peru), Renata Manica (SPPA-Brasil), Javiera Marques (APA-Argentina) e Gabriela Salazar (Ilap-Equador).

Hoje, entre outras atividades que estamos realizando e organizando, está a de dar vida e movimento às redes sociais, como forma de estar mais conectados, meios que nos permitem maior aproximação, apesar das distâncias geográficas. Esperamos que se aproximem cada vez mais colegas, para assim continuar estreitando laços e conquistando maior integração.

Da mesma forma, mudamos nosso logotipo, processo que nos nomeia como Organização dos Psicanalistas em Formação da América Latina.

Sobre os aprendizados

As trocas com meus colegas da diretoria permitem-me a possibilidade de sair da endogamia do meu instituto e do meu pequeno país. Possibilitam deparar-me com as semelhanças e diferenças, fugir do conhecido e entrar nessa incomodidade que é, às vezes, tão necessária e habilitante no nosso fazer.

Tarefa para a qual é imprescindível a disposição a concordar, discordar, tolerar os desacordos, com encontros e desencontros, poder processar na singularidade de cada um de nós essas diferenças, para nos potencializar e engrandecer.

Até agora nesse périplo, por estar imersa nos momentos de auge do trabalho, não me é possível dimensionar as aprendizagens que estou vivendo. Apenas posso dizer que tenho a certeza de que vou sair trans-formada dessa experiência.

Ximena Palabé

xpalabe@gmail.com

CONSTRUÇÕES VI, 233-237. 2019

Os significados de uma organização internacional

Leonardo Siqueira Araújo,[1] Belo Horizonte

A IPSO (International Psychoanalytical Studies Organization Organização Internacional de Estudos Psicanalíticos) é a organização internacional de analistas em formação da International Psychoanalytical Association (IPA). Significa que todos os candidatos em formação são representados de alguma forma pela IPSO. Entendo que isso possui um significado especial, que espero comunicar aqui.

Quando iniciei a minha própria formação, a sociedade à qual pertenço ainda era um grupo de estudos, sendo minha turma a segunda do também recente Instituto. Por esse motivo, éramos toda a sociedade um grupo relativamente pequeno, e eu, sem ter experiências em outras instituições psicanalíticas, vivi a experiência desse grupo pequeno, em todas as suas vicissitudes.

A partir desse ponto creio que pude expandir meus horizontes pouco a pouco. Primeiro, com a ajuda de alguns colegas mais experientes, foi organizado um evento em Belo Horizonte, que contou com a participação de representantes da Associação Brasileira de Candidatos (ABC), da *Organización* de *Candidatos* de América Latina (Ocal) e da IPSO, e assim pude ter meu primeiro contato com um mundo mais amplo das instituições psicanalíticas.

Nesse contexto, participar do meu primeiro congresso de psicanálise coincidentemente ou não, um congresso da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) foi uma vivência transformadora. Naquele momento eu pude perceber que o universo da psicanálise, bem como o da formação, eram de fato maiores do que eu imaginava. Posso dizer com segurança

1 Presidente eleito (2015-2017) e presidente (2017-2019) da IPSO. Candidato em formação pelo Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG).

que a experiência de estar com colegas candidatos e com analistas de outros lugares mudou completamente a minha experiência da formação.

A IPSO foi criada no fim dos anos 1960 e começo dos anos 1970, a partir da insatisfação de um grupo de candidatos com o fato de não poderem participar dos congressos da IPA. Porém, o que para mim representa melhor o que entendo hoje como o espírito das organizações de analistas em formação é a forma pela qual elaboraram sua resposta: aquele grupo de candidatos realizou, perto do local onde o Congresso da IPA acontecia, reuniões próprias, em que começaram a discutir questões daquele momento, como a limitação da participação, a falta de representação, dentre outras.

Obviamente, o panorama hoje é muito diferente. Hoje, a IPSO realiza seus congressos em conjunto com os da IPA, representando a união e a integração desses dois mundos (o que não representa, de forma alguma, que eles se tornam indiferenciados). Porém, a memória e a marca desses dois fatores a minha experiência pessoal de amplitude e a solução criativa para o que chamarei de conflito vertical da formação constituíram a visão que acredito termos tido nesses anos de gestão da IPSO. Utilizo o plural porque falo por mim, mas também em nome de uma diretoria que é um grupo extremamente heterogêneo, com participantes de mais de dez nacionalidades diferentes, ao longo de quatro anos. Talvez seja oportuno explicitar melhor o que quero dizer com esses dois fatores; assim, creio que ficará claro o que eu penso hoje serem os significados principais dessa nossa visão.

Hoje, em um momento muito diferente da formação comparado ao que eu estava quando compareci a meu primeiro congresso, e depois de alguns estudos, junto com minha própria tentativa de contribuição ao debate (Kernberg, 2016; Zagermann, 2017; Siqueira, 2018, dentre muitos outros), entendo que a formação psicanalítica possui contida em si uma estrutura que é eminentemente vertical, em termos hierárquicos, do Instituto até o candidato ou analista em formação.

Vale dizer que estruturas verticais são parte de várias outras instituições e tipos de formação, não sendo exclusividade da psicanálise ou da IPA. Em uma universidade, por exemplo, existem o corpo docente e o corpo discente, cada um com sua organização específica e delimitada (no caso

do corpo discente, um Diretório Acadêmico, por exemplo), bem como os espaços onde esses dois corpos interagem (um Colegiado, por exemplo). Da mesma forma, nas Sociedades e Institutos, os analistas em formação e os membros da sociedade ocupam espaços distintos, ocupando os espaços onde interagem.[2] Este eu entendo que seja um dos papéis centrais não apenas da IPSO, mas também de todas as organizações de candidatos: oferecer um espaço horizontal, colegial, que funcione como amortecimento em relação às pressões e fantasias relacionadas ao eixo vertical. Dito em termos simples: entendo que a convivência com os colegas, nos espaços de discussão teórica, clínica, de relacionamento social, seja um grande baluarte[3] contra a pressão de um certo "Édipo institucional", no sentido de que criam campo de convivência que podemos chamar de mais livre, pelo menos em teoria.

Entendo que esse foi um dos grandes legados retirados daquela experiência inicial de candidatos inconformados com o fato de não poderem participar de um congresso e que decidiram criar sua própria discussão. Aqui está uma lição importantíssima, bem representada pelo adágio de Goethe citado por Freud em "Totem e tabu": "Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu". Pois bem, esse é um dos lados da experiência vivenciada na IPSO que gostaria de transmitir. Porém, este não

2 Porém, a formação psicanalítica introduz uma diferença muito significativa: a análise do analista em formação. Aqui temos um espaço onde os diferentes corpos ("docente" e "discente", simplificando), interagem, e as formas pelas quais as fantasias referentes às demais partes da formação (a relação com o Instituto, os colegas etc.) são trabalhadas terão grandes consequências. É um ponto a ser aprofundado e estudado, mas está fora do escopo deste texto.

3 Penso que baluarte, no sentido "barangeriano" já bem conhecido, forneça uma bela imagem desses processos institucionais. Poderíamos entender por baluarte uma estrutura defensiva criada dentro da análise (ou, no caso, dentro da formação), destinada a ser interpretada, trabalhada e dissolvida no contexto da própria análise em que se criou. Pois bem, creio não podermos dizer que as diversas fantasias relacionadas à instituição poderão ser todas certamente trabalhadas dentro da análise do candidato, por motivos intrínsecos não somente à dita "análise didática", mas também ao fato de ser uma análise que ocorre entre corpos (novamente, "docente" e "discente") distintos. Talvez o baluarte construído pelo analista em formação só possa ser desconstruído completamente em sua vida após o término da formação.

é, de forma alguma, exclusivo da IPSO: pode e deve ser criado e vivenciado em todos os espaços institucionais, em todos os níveis das organizações de candidatos, das associações de cada Instituto até a IPSO.

O outro lado que quero ressaltar é um pouco mais específico. A IPSO é hoje uma organização, assim como a IPA, presente nos cinco continentes, em mais de cinquenta países. Participar dessa experiência internacional, ou intercontinental (ou até "intergaláctica", como gostamos de brincar ocasionalmente) é uma construção impressionante da identidade psicanalítica.

Pessoalmente, pude acompanhar e compartilhar do trabalho de colegas em lugares tão diferentes como Varsóvia, Tóquio, Nova Iorque, Berlim, Lima, Madri, Montevidéu, Amsterdã, dentre tantos outros, e em convivência nesses lugares com colegas de tantos outros: África do Sul, Índia, China, Venezuela, Taiwan, Canadá, e assim por diante.

O que me causou mais impacto em todas essas experiências ao longo desses quatro anos de trabalho na Diretoria da IPSO foi perceber que alguém pode estar em lugares tão diversos, com pessoas tão diferentes, de outras culturas, tendo outros idiomas nativos, e ainda assim ter um grande campo e uma grande linguagem em comum, que é a psicanálise. Ao nos sentarmos para discutir uma apresentação clínica ou um trabalho teórico, logo as barreiras constrangedoras da diferença se dissolvem e nos juntamos em nossa identidade de colegas de profissão.

Então todo o peso desse trabalho clínico e teórico pode também logo ser elaborado em uma caminhada por um museu ou um parque, e depois em um brinde e uma refeição e muita conversa, e talvez algumas partes dessa conversa (mas certamente não todas!) se tornem uma nova ideia de trabalho, e assim por diante.

Assim se formam as bases de longas colaborações, que continuarão ao longo de toda a vida. Se você não acredita em mim, repare: por trás de quase toda pessoa que hoje está envolvida na organização e na administração das nossas instituições, em todos os níveis, está uma história de envolvimento com o movimento dos candidatos. Pergunte-se sobre quem foram os primeiros membros da ABC, da Ocal ou da IPSO e você irá descobrir nomes que serão certamente bem familiares.

A IPA é uma organização internacional, assim me disse alguém um dia, para ressaltar aquilo que deveria parecer óbvio, mas não é. Uma pessoa pode facilmente passar pelo longo período de formação sem jamais pisar fora de seu Instituto, ou de seu estado, ou de seu país. Mas nós acreditamos que poder dar cada um desses passos constitua não somente uma experiência que acrescenta para a formação de um psicanalista, mas também partes vitais dessa mesma formação, sem as quais algo de muito importante se perde.

É claro que limitações se impõem, de todas as formas, e justamente por isso temos trabalhado, em conjunto com a IPA e sua atual administração, de Virgínia Ungar, Sérgio Nick e Andrew Brook, para a criação de várias iniciativas que tornem essa empreitada possível: programas de intercâmbio financiados, incentivo e isenção de taxas de inscrição para candidatos que desejem apresentar trabalhos em congressos de outros países e continentes, grupos de estudo via internet com colegas do resto do mundo, dentre outras.[4]

Vale lembrar que a psicanálise possui em sua história esse trajeto de grandes movimentos, impulsionados pelas emigrações de seus precursores, ou pelo intercâmbio científico de seus vários membros. Para lembrar-nos de outro adágio, o que queremos fazer é um grande convite para que sejamos todos hospedeiros e vetores dessa grande praga que Freud nos rogou, ao redor de todo o mundo.

Referências

Siqueira, L. (2018). A psicanálise entre o monastério e o caos: reflexões sobre o papel do "quarto pilar" da formação psicanalítica. *Revista Transformación: Revista Bianual de Psicoanálisis de Ocal*, 14.

Kernberg, O. (2016). *Psychoanalytic education at the crossroads: reformation, change and the future of psychoanalytic training.* New York: Routledge.

Zagermann. P. (Org.). (2017). *The future of psychoanalysis: the debate about the training analyst system*. Londres: Karnac.

Leonardo Siqueira Araújo
leosiqueira@gmail.com

4 Visite nosso *site*: <www.ipso.world>, para mais informações.

Homenagem aos pareceristas

A Associação Brasileira de Candidatos (ABC) agradece pelo trabalho qualificado e voluntariamente aceito pelos pareceristas os quais com isenção, independência e competência tornaram possível manter e aperfeiçoar o sistema de avaliação pelos pares (duplamente -cega), um dos pilares das boas revistas científicas.

Este espaço foi reservado, portanto, para registrar os agradecimentos aos pareceristas que contribuíram de modo eficaz com o objetivo final que é o de registrar, compartilhar e expandir a psicanálise. Muito obrigada!

Bianca Savietto (SPRJ)
Carolina Henriques (SPRPE)
Daniela Bormann (SPRJ)
Daniel Senos (SBPRJ)
David Levisky (SBPSP)
Débora Regina Unikowski (SPRJ)
Denise Bystronski (SPPA)
Elena Tomasel (SPPA)
Érika Reimann (SPBSB)
Guilherme de Andrade Salgado (SBPRJ)
Janice Isabel Rodrigues bicudo Farias (SBPSP)
José Henrique Figueiredo (SPRJ)
José Iencarelli (SPRJ)
Joana Bandeira (SPRPE)
Letícia Neves (SBPRJ)
Miguel Calmon (SBPRJ)
Maria Arleide Silva (SPRPE)
Mariângela Canellas (GEP Rio Preto e Região)
Pedro Gomes (SBPRJ)
Raquel Rios (SBPMG)
Renata Arouca Morais (SPBSB)

Ricardo Trapé Trinca (SBPSP)
Roosevelt Moisés Smeke Cassorla (GEPCampinas/SBPSP)
Rossana Nicoliello (SBPMG)
Sérgio Kehdy (SBPMG)
Sylvia Pupo (SBPSP)
Carlos Wilson (SPBsb)